



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA –
CAMPUS PLANALTINA**

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

NADI RABELO DOS SANTOS

ROÇAS KRAHÔ:

**INTERAÇÕES ECOLÓGICAS E SÓCIOCULTURAIS NA ALDEIA
PEDRA BRANCA/Terra Indígena Krahô - TO**

Planaltina-DF

2017



NADI RABELO DOS SANTOS

ROÇAS KRAHÔ:

**INTERAÇÕES ECOLÓGICAS E SÓCIOCULTURAIS NA ALDEIA
PEDRA-BRANCA/Território Indígena Krahô-TO**

Trabalho de conclusão de Curso submetido
para aprovação no Curso Superior de
Tecnologia em Agroecologia do Instituto
Federal de Brasília – *Campus Planaltina*

ORIENTADORA: Profa. Dra. Paula Petracco

CO-ORIENTADORA: Profa. Dra. Terezinha Aparecida Borges Dias

Planaltina/DF

2017



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA –
CAMPUS PLANALTINA**

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

NADI RABELO DOS SANTOS

ROÇAS KRAHÔ:

**INTERAÇÕES ECOLÓGICAS E SÓCIO-CULTURAIS NA ALDEIA
PEDRA BRANCA/Território Indígena Krahô-TO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Agroecologia do Instituto Federal de Brasília, *Campus* Planaltina pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Paula Petracco

Orientadora

Profa. Dra. Terezinha A..Borges Dias

Co-Orientadora

Profa. Dra. Mônica Rabelo Nogueira

Examinadora

Profa. Dra. Maria Dalva Trivellato Barrantes

Examinadora

Planaltina - DF, .



Imagem: Família Krahô

Foto: Nadi R.Santos

*Dedico essa monografia aos meus pais:
Sinval Rodrigues dos Santos e Dina Rabelo
dos Santos, minha avó: Maria Coelho dos
Santos, meu avô: Gregório Rabelo dos
Santos, aos meus irmãos e irmãs, aos meus
filhos/as, Rafael, Joana, Manuela.*



Imagem: roça do Agricultor Emiliano Payrot

Foto:Nadi Santos

“Nunca vou esquecer a importância de fazer roça, de levantar de madrugada, ir para o pátio, ouvir decisão da Aldeia e depois vai trabalhar na roça.. Talvez naquele dia não está programado cada um trabalhar na sua roça, você acompanha grupo e toda comunidade ajudando um ao outro na roça”(Miguelito Krahô).



Imagem: Senhora Krakô

Foto: Nadi Santos

“ A festa da batata é igualmente o carnaval, todo ano tem. Não tem carnaval todo ano? tem festa da batata todo ano”(Oscar Krahô).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Papam(Deus), ao intuir-me nos caminhos dessa realização. Aos meus professores/as, Giorlando, Vânia, Vicente, Hamilton, Paulo Henrique, Edilsa, Silvia, Bruno, Ronaldo, Marina, Eloisa, Elisa, Igor, Dirceu, Dalva, Eliane, Marcelo, Marcão, Mirtes(Biblioteca), Carlos(recepção), professora Paula Petracco, por aceitar ser minha orientadora, e por ter tido paciência em ler todo o tcc, contribuindo de forma significativa, e por permitir as inovações em suas aulas de Ecologia como, a oficina de expressão corporal, “ecologia humana”. Bic, ao transmitir-me apoio, através do olhar, em minhas apresentações. Débora, Danadinho, Cláudio, pela afinidade e palhaçadas. .

Miguelito, Pahi da Aldeia Pedra Branca, Hemiliano Payrot, Homiaká, Dona Maria, João Pereira de Moraes/CTL Itacajá. Delano, um amigo. Virgílio Melo, por quem soube da existência da Graduação em Agroecologia IFB, campus Planaltina/DF. Keziah Fernandes, ajudou-me na tradução, Jaime Fernandes, surpreendente, alegre e companheiro. Neide Queiroz, amiga e companheira. Terezinha Dias, Mestra, com quem somei hábitos de generosidade, doçura, eficiência, competência e inesgotável paixão pelo que faz. Sr. Carlos Henrique, Orestes Valente, Raquel, Dona Ana, aos meus colegas do Setor de Conservação de Recursos Genéticos, todos com quem pude contar. Dr. Mauro Carneiro, outrora Chefe do Cenargen, autorizou o processo de redução das horas de trabalho, através do acordo coletivo celebrado entre os trabalhadores e a empresa, com o apoio do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Embrapa(Sinpaf). Dr. Cabral, Chefe Geral, Chefia de Pesquisa, Chefia Administrativa, Mc Leonardo Fonseca, Supervisor Técnico, Serviço de Gestão de Pessoas, SGP, pelo apoio Institucional.

RESUMO

O povo Krahô, semi nômades, foram pressionados pelo avanço das fazendas de gado no Maranhão e foram se deslocando mais para o sul e a nordeste do hoje atual estado do TO. Após sucessivos conflitos nessa trajetória, na década de 40, o governo federal demarcou seu território atual, localizado nos municípios de Itacajá e Goiatins, totalizando 302 mil hectares.

Foram estimulados pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI, a fazerem grandes roças coletivas de arroz, o que impactou em seus sistemas locais de conservação de sementes e segurança alimentar, pois perderam diversas variedades agrícolas tradicionais. Com toda a história de deslocamentos, contatos inter-étnicos, pressão de cidades circunvizinhas, percebe-se que o povo Krahô tem uma forte identidade cultural. Totalizam atualmente cerca de 3000 pessoas, vivendo em 30 aldeias.

Visando identificar os fatores responsáveis pela resistência cultural do povo Krahô, foram estudados aspectos de interações entre a agricultura, organização social, Cultural na Aldeia Pedra Branca, por ser a mais expressiva em termos de números de habitantes, 518, e por estar localizada mais próxima da cidade, também por ser uma das mais antigas.

Para tanto, foram realizadas duas viagens, nas quais ocorreram 11 Diálogos semi-estruturados, 3 oficinas de desenhos de roça, visitas a 5 quintais e 3 roças. Afim de conhecer o olhar sobre o Krahô, na frente histórica e pessoal, foi feito um Diálogo semi estruturado com Fernando Schiavinni, indigenista da Funai, aposentado. A dinâmica dos trabalhos, obedeceu a disponibilidade do agricultor, o tempo e o assunto do seu agrado, dentro dos aspectos do tema da pesquisa.

Foi verificado que, a lógica de plantio dos agricultores da Pedra Branca, tem nos estratos das plantas, no distanciamento, nos intervalos de plantios, como também nas plantas companheiras e antagônicas, sua arquitetura principal, na qual observa-se o equilíbrio ecológico. Os jejuns, restrições alimentares, as luas, os cantos, realizados para, e no plantio são aspectos sutis desse equilíbrio. Fatores da organização social da Aldeia, como as trocas de governo, inverno, verão(Katamejê, Wakmejê) tem na roça sua simbologia, como também as práticas culturais. Nas interações, da agricultura, com a sociedade e cultura, foram encontrados os pilares que respondem pela resiliência cultural desse povo.

Palavras chave: Krahô; agrobiodiversidade; sistemas agrícolas tradicionais

SUMMARY

The Krahô, semi nomades, were pushed out by the growth of calf

Farms in Maranhão, moving to the south and northeast on the State of Tocantins. There had been conflicts by that time on the 40th. The Federal government remarked the land of Itacajá and Goiás county, total of 302 thousand hectares.

The Service indigenous Protection -SPI stimulated rice farming impacting local systems to preserve seeds and maintain food supply security as they had lost many of the varieties growth plantation traditions. Within all history of dislocation, inter-ethnic, oppression of the nearby towns, it's seen how the Krahô people has strong cultural identity. Actually 3000 people living in 30 tribes.

Focussing on identifying the Krahô cultural resistance, there had been observed their interaction in various aspects, social organization, agricultural, by the tribe Aldeia Pedra Branca which is the most impressive and old, with 518 inhabitants, located very close to the nearby village town.

Two trips to visit the tribes were done, 11 semi-structured dialogues, 3 sketches of the farming drawing structure, 5 yard drawings and 3 planting field. The close look to know the Krahô people, historic and personal was done with semi-dialogue structure by the indigenous protector of Funai Fernando Schiavinni. The method obeyed the schedule of the farmer and the interest on the subject being questioned and studied by this research.

The logic on the planting by the Tribe Pedra Branca, can be certified on the architecture of growing. The ecologic balance, the space by plants, the extract. Their food restriction, moon rules, singings for planting growth. These are aspects of the balance. Facts of social organization of the tribes, as well are the seasons when can also change the government in winter and in summer (Katamejê, Wakmejê) each with the symbolic aspects and cultural practices in this social, cultural and agriculture interactions. The pillars of cultural resistance of these people.

Key words: Krahô; Agrobiodiversity; Traditional farming systems

SUMÁRIO

Introdução	5
Objetivo Geral.....	6
Objetivos Específicos	6
Material e Métodos.....	7
Revisão Bibliográfica	
Interações Ecológicas: alguns conceitos.....	10
Troncos Linguísticos.....	11
Os Timbira	12
O Krahô.....	14
Aldeias Krahô.....	18
O Caminho de volta das Sementes Tradicionais.....	21
Um mito Krahô: Catxêkwj.....	22
Primeira visita de lideranças Krahô à Embrapa/Cenargen	25
Prática de Agricultura Itinerante, capoeira, uso do fogo	34
Uso Tradicional do Fogo	35
Roças Krahô, como fazemos?	38
Conservação de Sementes Tradicionais Krahô.....	49

Resultados e Discussões

Diálogos com Agricultores da Aldeia Pedra Branca53

Diálogo com Fernando Schiavini.....94

Diálogo com casal agricultor da Aldeia Barra

-Sr. Alcides e Sra. Generosa-.....96

Festa do Milho e da Batata

- Rituais e Troca de Governo-.....99

O Paparuto e a Corrida de Tora

-Amikins/rituais-.....101

Considerações Finais104

Referências Bibliográficas106

Glossário Krahô

-Feliciano - Aldeia Barra-.....112

Apêndices..... 113

INTRODUÇÃO

O Brasil, em apenas 10% do território, possui 70% da biodiversidade do planeta, toda essa riqueza biológica está associada a uma grande diversidade sociocultural representada por mais de 200 povos indígenas e por outras comunidades tradicionais, detentores de todo o conhecimento associado ao manejo e à preservação dos agro ecossistemas(MDA.org/2014).

Os primeiros registros de contato dos Krahô com as frentes colonizadoras aconteceram no início do século XIX, no Maranhão. Pressionados pelo avanço dos posseiros, e dos conflitos de terra, migraram para oeste, Carolina-MA, depois para o sul, na região do médio Tocantins, Pedro Afonso-T, e então vieram habitar o nordeste do Estado, na bacia do rio Tocantins, entre os municípios de Goiatins e Itacajá, e os rios Manoel Alves Grande, Manoel Alves Pequeno e Vermelho.(Melatti (1972, 1976).

Como Técnica de Pesquisa da Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, em sua Unidade, Centro Nacional de Pesquisa de Recursos Genéticos e Biotecnologia, Cenargen, tive os primeiros contatos com algumas lideranças Krahô, como apoio ao Projeto de Conservação in situ / on farm em Comunidades Tradicionais e Indígenas, coordenado pela pesquisadora , Terezinha A. B. Dias, nos campos experimentais do Banco Ativo de Hortaliças Tradicionais, coordenado pelo pesquisador Nuno Madeira, Centro de Pesquisas de Recursos Genéticos de Hortaliças, CNPH, e nos cursos de Diálogos Agroecológicos, promovidos pela equipe de Conservação in situ/ on farm /Cenargen.

Me encantava a docilidade e educação do povo Krahô, pois trabalhava, e trabalho “no meio de campo” da pesquisa, providenciando tudo o que se constitui apoio, inclusive receber os indígenas e atuar com eles nos períodos de visitas ao Cenargen. A primeira oportunidade que tive de conhecer a Terra Krahô, foi em ocasião da 7ª Feira de Troca de Sementes Tradicionais, 2007, Kapey/TO, onde trabalhei na organização da Feira, e também como apoio.

Nas oportunidades que tive de conhecer os “pedaços de cultura”, desse povo, digo pedaços, pois não tinha uma visão circular e interativa da cultura Krahô, porém tudo o que vi e pude experimentar, ficou registrado, e aos poucos e com o estudo realizado, tive um “clik” e fiz as ligações necessárias entre um acontecimento e outro.

Como apoio a pesquisa, em muitas ocasiões, na Aldeia, me perguntava: “o que estou fazendo aqui?,” e uma voz interior dizia “tem um sentido, tem um sentido”. E nesse sentido, como estudante de Graduação em Agroecologia, no Instituto Federal de Brasília, Campus Planaltina/DF, escolhi o tema de trabalho de conclusão de curso, voltado para o estudo das roças Krahô da aldeia Pedra Branca, buscando elucidar lógicas locais de plantio, bem como, sua complementariedade na organização social e cultural.

Essas, refletindo sobre a resistência e resiliência cultural, tendo em vista os quase 300 anos de contatos inter-étnicos, a proximidade com as cidades, a chamada intermitente para as mudanças rápidas e de consumo, que os atuais meios de comunicações nos ínsita.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Pesquisar as interações ecológicas nas roças da Aldeia Pedra Branca, como também suas lógicas de plantio, relacionando-as com aspectos sócio culturais da Aldeia, e em todas essas interações, conhecer os pilares que sustentam e mantêm a agro sócio biodiversidade Krahô, tendo em vista, dentre outros, o contato inter - étnico.

2.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2.2.1. Dialogar com os agricultores(as) da Aldeia Pedra Branca, buscando conhecer sua lógica de plantio e interações ecológicas em sua roça.

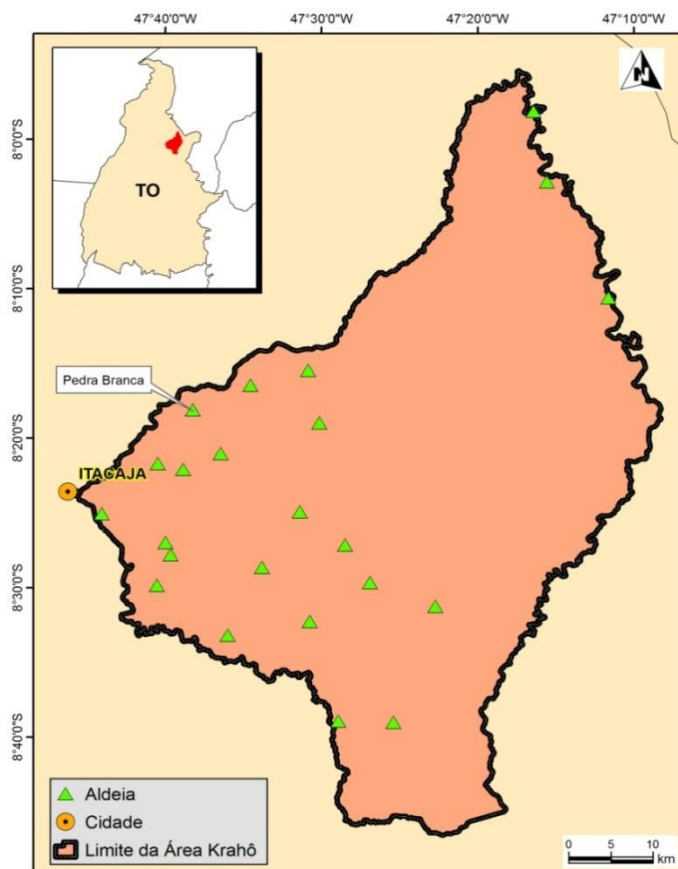
2.2.2. Nos Diálogos realizados, verificar aspectos sócio culturais, relacionando-os aos seus cultivos.

2.2.3. Conhecer a organização social da Aldeia, governança, e como essas manifestam-se no dia a dia e na expressão cultural.

3. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no território Krahô que se localiza no nordeste do estado do Tocantins, na aldeia Pedra Branca. A Figura 1, abaixo, apresenta a localização das aldeias Krahô, evidenciando a aldeia Pedra Branca, local da pesquisa.

Figura 1: Mapa de localização da terra Krahô, suas aldeias, evidenciando a aldeia Pedra Branca, local do trabalho



Fonte: Sergio Eustáquio Noronha/Analista Cenargen

Foram realizadas revisões bibliográficas sobre o povo Krahô abordando o histórico de nomadismo, tronco linguístico, sistemas de roças, entre outros. Foram previamente preparados tópicos que embasaram os diálogos semi-estruturados, diálogo com informante chave, Discussão com grupo foco (De Boeff, 2007) a campo. . Foi realizado contato prévio com o

cacique da aldeia Pedra Branca visando reforçar autorização de pesquisa já obtida previamente no processo de anuência prévia (Dias et al, 2015), e solicitar que me recebessem na aldeia. Foram realizadas duas viagens a campo, visando identificar os agricultores (as), dialogar a respeito da lógica de plantio, aspectos importantes na escolha do local para fazer a roça, interações do plantio com aspectos sociais e culturais, como também visitá-las. Na primeira viagem foram realizados diálogos com 10 agricultores, sendo que, um casal agricultor, e um ator chave. Foram feitas oficinas de desenhos participativo de roças, e visitadas três roças. Já na segunda viagem os diálogos foram feitos a fim de complementar e aprofundar contextos específicos, previamente indicados na primeira.

As duas primeiras roças visitadas distam da Aldeia aproximadamente 6 km, ida e volta, os quais foram feitos a pé. A segunda visita foi feita, parte de carro e parte a pé, sendo que a distância de carro foi de aproximadamente 12km , 6km feitos a pé.

Foi feita revisão bibliográfica dos troncos linguísticos, povo timbira, movimentação krahô, morfologia da Aldeia Krahô. Agricultura Krahô: como fazemos nossa roça, como conservamos nossas sementes, breve histórico de lideranças Krahô à Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia/Cenargen e seus desdobramentos.

Figura 2: Imagens do trabalho de campo (esquerda – direita): Homiaká, filhos do Pahi Miguelito.



Fotos: Nadi Santos e Hemiliano Payrot.

Figura 3: Trabalho de campo, casa de apoio na roça do Agricultor Olho Furado e sua esposa.



Fotos: Nadi Santos e Emiliano Payrot

Figura 4: Oficina de desenho de roça com a família do Agricultor Luiz Pinto, suas filhas, netos.



Foto: Nadi Santos.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Interações Ecológicas , alguns conceitos

Estudar as interações ecológicas de um ecossistema tradicional, bem como a lógica da organização social e cultural, perpassam por alguns conceitos.

O termo ecologia, deriva do grego "oikos" e "logos", respectivamente "casa" e "estudo", o estudo do ambiente e todos os organismos nele contidos bem como seus processos funcionais, tendo em vista a relação entre esses organismos e seu ambiente (Odum, 2012). Ciência que estuda como os organismos interagem entre si e o mundo natural (Ricklefs, 2011). Aquino (2005) define ecologia a partir da noção de ecossistema, como um sistema funcional delimitado, onde ocorrem relações entre os organismos e seu ambiente e agroecossistema, como um sistema natural modificado pelo homem para a produção de bens necessários a sua sobrevivência.

De acordo com Altieri (2012) o agroecossistema dá foco na interação entre as pessoas e os recursos de produção provenientes de uma área específica, considerando sistema agroalimentar, por ser uma expressão mais ampla e sistemas agrícolas dentro de pequenas unidades geográficas.

A respeito de agroecossistemas tradicionais, Aquino (2005) nos diz que representam um ponto intermediário entre o ecossistema natural e a agricultura convencional, pois utilizam recursos disponíveis no local, tem alto grau de diversidade e estão adaptados às condições locais, tendo como base a diversidade genética, o conhecimentos e a cultura.

É verificado que os sistemas agrícolas tradicionais são manejados desde muito tempo, sofreram muitas mudanças e adaptações e o fato de serem atualmente produtivos, nos dão forte indício de sua estabilidade ecológica e social (Gliessman, 2001).

Esses sistemas, segundo o mesmo autor, precisam ser entendidos em todos os seus níveis de organização, desde as plantas cultivadas, os animais, até a região produtora, para que sejam utilizados como modelos para sistemas sustentáveis mais modernos. Diz ainda que para o sistema ser sustentável, o contexto social, cultural e econômico precisam encorajar as práticas e não fazer pressões que as façam desaparecer.

Os agroecossistemas tradicionais são resultados de uma coevolução complexa entre sistemas naturais e sociais, onde o conhecimento detalhado está por trás de qualquer modificação agrícola. A compreensão mais aprofundada da ecologia dos agroecossistemas, tendo nessa composição aspectos complexos de interação humana, permite-nos ir chegando a uma agricultura mais sustentável (Altieri, 2012).

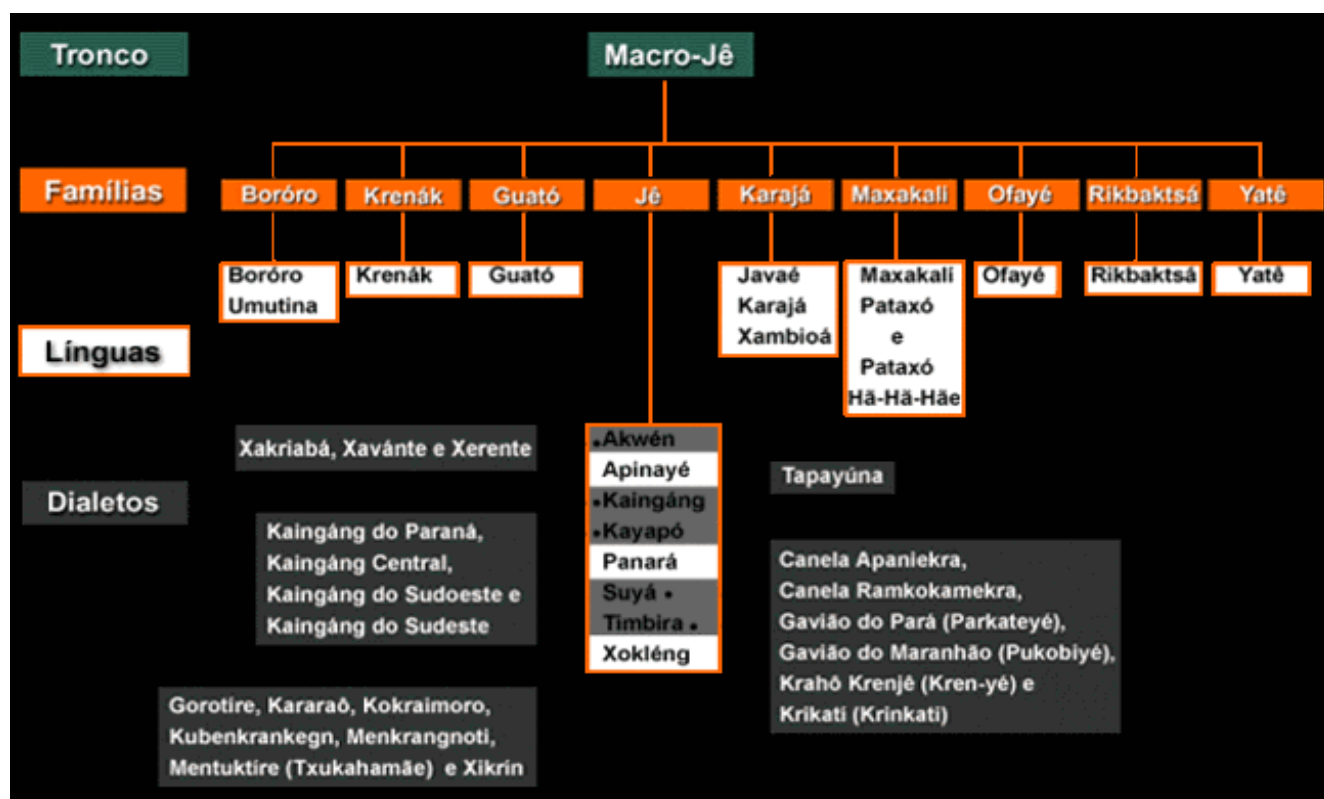
Na Agroecologia, a observação das interações dos organismos e seu ambiente, tem no ser humano uma esfera de muita importância, nos aspectos da observação, construção e conhecimento. A humanidade como observadora dos processos ecológicos se coloca fora na atuação sistêmica da natureza. Pertencendo a essa natureza a humanidade interfere, interage, cria e multiplica processos, que podem ser construtivos ou destrutivos, aos processos naturais.

Troncos Lingüísticos

Têm-se dois grandes troncos lingüísticos no Brasil: Tupi e Macro-Jê e dezenove famílias lingüísticas. Tronco, remete-se a línguas de origem mais distante, já em Famílias agrupam-se línguas de uma maior semelhança. São do Tronco Lingüístico Macro-Jê, Família Jê, os povos que possuem o mesmo agrupamento de Linguagem: Akwén, Apinayé, Kaingâng, Kayapó, Paraná, Suyá, Timbira, Xokleng. Os Timbiras, agrupados no mesmo Dialeto são : Canela Apaniekra, Canela Ramkokamekra, Gavião do Pará, Gavião do Maranhão, Krahô e Krikati. (pib. Sócio ambiental.org,2015)

Os povos pertencentes ao Tronco Lingüístico Macro-Jê, falavam e falam línguas que tem uma origem comum provenientes da ocupação de uma maior parte de terras não amazônicas do Brasil e resultados de progressivas e diversificadas migrações de um ponto comum ainda não localizado, Compara o grande conjunto de línguas desse tronco, a um grupo genético de grande importância para o conhecimento da pré-história de grande parte do Brasil. (Rodrigues, (2005).

Figura 5: Demonstração do tronco macro-jê e suas ramificações.



Fonte: [pib.socioambiental.org/povos indígenas no Brasil](http://pib.socioambiental.org/povos%20ind%C3%ADgenas%20no%20Brasil)

Os Timbiras

Hoje os Timbiras, são compostos de: Timbiras Orientais, e Timbiras ocidentais, que segundo Nimuendajú, Curt, os orientais são Kukóekamekra e Krêyé de Bacabal, Krêyé de Cajuapára, Kre/púmkateye, Pukópye e Krikateye, Gaviões, Apányekra (Canela de Porquinhos), Ramkókamekra (Canellas do Ponto), Krahó e os ocidentais, os Apinayé. Os povos Timbiras diferenciam-se uns dos outros principalmente quanto a origem geográfica e através do processo contínuo de segmentação das aldeias, Azanha apud Lévi-Strauss (1994) diz que os grupos sociais distinguem-se uns dos outros, mas seguem sendo solidários como partes do mesmo todo.

Os grupos Timbira são autônomos em relação ao todo, essa autonomia é expressa na capacidade do grupo reproduzir a forma Timbira, Azanha (1994).

A Nação Timbira, abundante, numerosa, absorvia com inúmeras aldeias a porção Central da “Capitania do Maranhão”, segundo Azanha apud Nimuendajú (1994), esses povos, os Timbira, apresentavam similaridades quanto à língua, corte de cabelo, morfologia da aldeia e rituais. O mesmo autor citado diz que grupos “semelhantes” que viviam num mesmo território separavam-se de grupos maiores, faziam alianças intergrupais e outros que fundiam-se dando origem a um novo grupo.

Os grupos Timbira afirmam o ponto de vista da diversidade entre si e mantêm um “fundo comum” o qual estabelece a unidade frente ao cupen (não indígena). Azanha (94) apud Melatti (70) apud Nimuendajú, relata que no começo do século XVII enfrentaram guerras com a Guarda Nacional e também para não serem aprisionados. Lutas e epidemias reduziram os Timbiris a menos da metade de sua população (Azanha(94) apud Nimuendajú,).

As semelhanças da língua desses povos se expressam na organização sócio cultural como corte de cabelo, disposição da aldeia, atividades culturais. A forma da aldeia Timbira é um círculo de casas de igual distância do Centro, chamado de pátio, ká. Cada casa um caminho radial de igual distância que leva ao pátio. O círculo maior é chamado de Kricape, onde ocorrem atividades domésticas ligadas a produção e as relações entre os grupos familiares. O pátio, ká, é o local da vida ritual, onde os merins reúnem-se ao nascer e por do sol (Funai, blogspot 2015).

Grupos Timbiris ocupavam a porção central do Maranhão por volta de 1810, 1814, sendo que o grupo Mânçará deixou seu território original na região do Rio Balsas/ MA e foi em direção ao Tocantins (TO). Essa região já estava habitada por outro grupo timbira, o Pârecamekra, que antecedeu o Mânçará na sua migração, do Maranhão para o Nordeste do estado do Tocantins. A movimentação desses grupos formou a unidade do povo indígena denominado Krahô,(Azanha, Gilberto (1994).

O Krahô

O Krahô, tem vasto conhecimento dos sistemas agroecológicos adaptados as condições do bioma Cerrado. Este conhecimento veio da experimentação, pesquisas realizadas pelos próprios agricultores indígenas, que foram passadas, adaptadas e validadas de geração

A forte interação do conhecimento agroecológico gerado com os aspectos da vida social e cultural tem garantido que uma gama de conhecimentos tradicionais se perpetuem, sendo estes responsáveis pela sobrevivência e segurança alimentar desse povo. Eles experimentam, analisam, refletem e explicam, com base numa visão de mundo que integra cada fenômeno, os detalhes e a dinâmica do seu ambiente, encontrando soluções para os problemas que enfrentam.

O Território Krahô contém 28 aldeias, com uma população estimada em 2.500 pessoas (Dias et al(2015). É uma região, no geral, de solos constituídos basicamente de areia quartzosas, de baixa fertilidade, pouca umidade, cujas paisagens são típicas do bioma cerrado (Moreira, Lucimar, 2001). Com relação aos solos, tem-se, o que o Krahô denomina brejo, bem próximo ao leito do rio, chegando a ser submergido ao leito e o de barraria, que fica , na sequência, um pouco mais distante do leito, tendo uma constituição de areia, silte e argila

Dias (2013) estudando o sedentarismo e impactos na segurança alimentar Krahô, cita que o semi-nomadismo intrínseco na cultura Krahô, em território demarcado, levou a intensificação do surgimento de novas aldeias dentro deste território, sendo que do ano 2000 para cá o número de aldeias praticamente duplicou. Segundo ela, aldeias grandes como a Pedra Branca e Manoel Alves, lutam com solos esgotados. Especialmente na Pedra Branca os agricultores tem que fazer grandes deslocamentos para aberturas de novas áreas de cultivo e/ou retornam a mesma área sem ter dado tempo para que estes solos agrícolas recuperem a fertilidade(pousio).

Na região do Tocantins, consta em Guerra, (2008), viviam os fazendeiros, grandes proprietários de terra. Inevitável foram os conflitos, entre fazendeiros e após sofrerem um grande massacre, em 1940, com a morte de 23 indígenas, medidas importantes foram tomadas pelo Governo Federal, identificação e julgamento dos acusados dos crimes, a criação de um posto de proteção aos índios, SPI, e a “doação” de uma área de terras, que posteriormente foi demarcada para estabelecerem-se definitivamente (Schiavini, (2000).

O SPI estabeleceu-se nas proximidades da aldeia Pedra Branca, então, houve a criação de uma Guarda Rural Indígena e, estabelecido o posto, foi montado um mercado que seria para a venda de produtos alimentícios para os guardas e funcionários do SPI, porém a compra de alimentos foi realizada também por outras famílias indígenas(Guerra, (2008).

Esses fatores, junto com a delimitação da área, desestimularam-nos às atividades na roça, caça e coleta. Com a implantação de roças coletivas de arroz, os indígenas foram deixando de fazer suas roças tradicionais e de consumir alimentos como o Cupá (*Cistos gongylodes*) assado na brasa (Dias, (prelo/2017), o croá, melão/trepadeira, o caaparé, tubérculo e então iniciou-se uma busca por esses cultivos em antigas capoeiras, (Schiavini, (2000). A maioria da juventude desconhece esses alimentos, porém alguns anciãos os conservam nos seus quintais para preservar a memória alimentar.

Tradicionalmente caçadores e coletores, o Krahô, em território demarcado, foi transformando-se em criadores e agricultores (Schiavinni, (2015).

Figura 6 : Anciã Krahô cultivando uma planta de Cupá em seu quintal.



Foto: arquivo digital do Cenargen

Figura 7: Planta de Cupá que após coletas no território Krahô, vem sendo conservada em casa de vegetação/Embrapa – Cenargen.



Figura8: Indígena Kayapó que recebeu mudas de cupa na Embrapa Cenargen e levou para sua Aldeia.



Foto: Fábio Freitas/pesquisador Cenargen.

A primeira demarcação do território Krahô ocorreu em 1941, de acordo com , Schiavinni, Fernando (2000), quando as terras foram demarcadas em 320.000 hectares (Schiavinni, Fernando (2015). O Pastor Dodanin , chefe de posto naquela época, ficou com 18.000 hectares (Diálogo Schiavinni, Fernando (2016), acordo feito entre a liderança indígena Penno e o SPI, para que morasse lá até morrer, porém o pastor os registrou em seu próprio nome e depois fez concessão a seus filhos. Schiavinni (2016) considera esses 18.000 hectares os mais férteis e ressalta a importância de o povo Krahô rever essa primeira demarcação junto ao governo do estado de Goiás daquela época, para que possam reivindicar a totalidade de suas terras, garantindo a continuidade das áreas de subsistência, caça, coleta, roça.

Os conflitos e massacres que sofreram nos remetem a acontecimentos atuais, como as reivindicações de indígenas de todo o país, nas mobilizações indígenas do acampamento Terra Livre, 2017.

A população Krahô, situada a nordeste do estado do TO, se auto localizam por “os de lá do rio”, “os de cá do rio”, Gerra, Emerson (2008), remetendo dessa forma a migração dos grupos Timbiras: os Pârecamekra e os Mancrarés.

Figuras 9,10: Manifestação de populações indígenas no acampamento terra livre 2017 em Brasília /DF



Fonte: <https://mobilizacaonacionalindigena.wordpress.com>

As características geográficas do sul do Maranhão e do nordeste do estado de Tocantins são semelhantes, o que diz que o Krahô, não teve que adaptar-se a regiões com características diferentes (Mellati, 1970). A permanência do povo Krahô no Cerrado, fez com que desenvolvessem lógicas de plantios bem adaptados e um vasto conhecimento da caça, pesca e coleta de frutos desse bioma, bem como uma agricultura bem adaptada ao bioma Cerrado, experimentadas ao longo do tempo. Conhecedores de fatores ecológicos da região, a exemplo de imitar o cheiro de uma caça pretendida, na obtenção do suor característico através da alimentação e dos jejuns feitos para a caçada.

Com o quase sedentarismo e maior convívio com o cupen e suas paisagens, hábitos alimentares, o Krahô começou a desejar alimentos mais próximo de suas casas, uma das demandas de repartição de benefícios, do Acordo de Cooperação Embrapa, Funai, Kapey, de enriquecer os seus quintais com fruteiras, demanda dos indígenas à Embrapa. Foi feito um trabalho de campo para conhecer as demandas dos indígenas quanto às frutas desejadas e as que tinham características e bom desenvolvimento naquela região. Assim foram distribuídas pela Associação Indígena Kapey, em igual parte, para todas as Aldeias, obedecendo a lógica cultural do povo Krahô. Técnicos da Embrapa como o Dr. Neucieudes Sombra, fizeram dias de campo auxiliando os indígenas no plantio, onde teve troca e compartilhamento de conhecimentos.

Aldeias Krahô

A aldeia Krahô, apresenta-se como uma estrutura física definida, que tem uma organização social, pessoas com atribuições perante toda a comunidade. Nas casas moram famílias elementares e/ou extensas. As elementares, são compostas por pai, mãe, filhos, enquanto as extensas, quando além dos filhos, moram também os genros. Melatti, (1970) considera que a Aldeia reage como uma unidade diante das demais e que grupo doméstico são os indivíduos pertencentes a três gerações. A família elementar, pais, mães, filhos, sendo o casal mais antigo, os filhos e filhas desse casal, os maridos das filhas casadas, netos, netas, filhos e filhas das filhas do casal mais antigo.

Figura 11: Vista aérea da Aldeia Pedra Furada.



Fonte: Foto Renato Sanches

O formato da Aldeia Krahô é circular, sendo que contém um caminho circular em frente as casas, denominado Krînkape, por ser esse espaço, localizado frente as casas, é denominado um espaço feminino, estando as mulheres ali a maior parte do tempo (Guerra, Emerson, 2008). Também no Krîncapé, ocorrem as corridas de tora, a circulação das pessoas. Os caminhos radiais, os levam até o pátio (Ká)(Guerra, Emerson (2008).

Lá, no Ká, acontecem as reuniões, os encontros no início e final do dia, rituais festivos, etc, também, informalmente, os jovens ficam ali socializando. Na parte detrás das casas ficam os quintais, que abrange toda a lateralidade e fundos, onde cultivam plantas rasteiras comestíveis, remédios, e algumas árvores frutíferas. As roças ficam mais distantes, local onde tem mata e terra úmida.

Figura 12: Pátio (Ka) da Aldeia. Cantoria



Foto: equipe de conservação in situ / on farm do Cenargen (arquivo digital)

Figura 13: Caminho radial(Princará) que leva ao Pátio(Ka) da Aldeia.



Foto: Foto:equipe de Conservação in situ/onfarm Embrapa Cenargen.

O caminho de volta das sementes tradicionais, ao Povo Krahô

Remonta lá no início , quando o povo Krahô conheceu as sementes . Os jovens da Aldeia ficavam no pátio(Ká) toda a noite, olhavam para o céu admirando as estrelas e lá dormiam. A estrela mulher, Catxêkwyj , lá do céu também os observava. O Merin começou a ficar sozinho no pátio, pois todos os seus amigos já tinham casado . Catxekwyj, vendo-o todos os dias, triste, lá no pátio, resolveu , descer do céu e assentou-se no peito do Merin, na forma de um sapinho, quando Merin viu aquilo, logo deu um pulo! E então Catxêkwyj transformou-se em uma linda mulher, enamoraram-se e casaram. Porém, ela não podia ser vista pelos outros, pois se assim o fosse, teria que voltar para o céu e continuar iluminando os Merin. Dentro de uma cabaça ficava Catxêkwyje , todos os dias, quando seu marido ia pescar ou caçar. Ela passou a observar a Aldeia e viu que os Merins comiam apenas pau puba e assim que seu esposo chegou, o indicou uma planta, lá perto do rio, que era muito saudável e deliciosa, o milho. Merin foi buscar o milho e trouxe muitos e nessa noite Catxekwyj o ensinou a fazer o paparuto, que ao amanhecer ofereceu a toda a Aldeia. No outro dia foi novamente buscar o milho e colocou Catxekwyj dentro da cabaça, lá no alto e recomendou que ninguém tocasse na cabaça. Sua irmã, curiosa, olhou dentro da cabaça e a viu. Assim que o Merin chegou, Catxekwyj contou o que tinha acontecido na sua ausência, e dali em diante , não poderia mais ficar na Aldeia, tinha que voltar para o céu. Despedindo-se de todos, a estrela mulher disse que antes de ir embora daria mudas e sementes para o Merin e seu povo. Foi lá no céu epegou sementes e mudas de: amendoim, mandioca, fava, batata-doce, abóbora, feijão, inhame, banana, deixou para os Merins e voltou para o céu.

Um mito do povo Krahô: Catxêkwyj: a estrela mulher

Desenhos de: Pohkroke Cawkré. Adaptado por: Wilmar, Ferraz(1999)

Figura 14: Jovens merins no pátio da Aldeia



“Mêrrim vivia feliz com seus amigos em sua Aldeia. Brincavam, caçavam, pescavam todos juntos. A noite, ele e seus amigos dormiam no pátio onde os rapazes solteiros dormem”

O tempo passava, os amigos de Merim casavam-se e não dormiam mais no pátio, até que ele se viu praticamente sozinho. Sonhava com uma noiva, porém não aparecia.

Figura 15: Merin dormindo no pátio da Aldeia



“Lá alto da imensidão do céu, uma estrela se compadeceu de Mêrrim. Era Catxêkwyj, a estrela mulher”.

Catxêkwyj desceu para o pátio e transformando-se em uma rã, subiu no peito do Mêrrim e esperou. Transformando-se em mulher disse:

Figura 16: Catxekwyj apresenta-se ao Merin



“Vi sua tristeza e solidão e vim para ajudar você. Ficarei com você e serei sua mulher. Mas, pra isso, você tem de me prometer que ninguém ficará sabendo de mim.”

Todas as noites Catxêkwyj saía da cabaça e ficava com Mêrrim. Certa vez, viu a família de seu marido comendo pau-puba (?) e disse a ele:

Figura 17: Merin comendo pau puba



“Vocês comem pau-puba. É muito ruim! lá no rio tem uma planta alta, com espigas, que se chama milho. Traga as espigas que eu vou mostrar pra você como é gostosa”.

Mêrrim trouxe muito milho e sua esposa o ensinou a fazer o paparuto (alimento tradicional Krahô feito com milho ou mandioca com pedaços de carne e assado sob as pedras quentes), pela manhã comeu junto com sua família e ofereceu a toda a Aldeia. A irmã mais

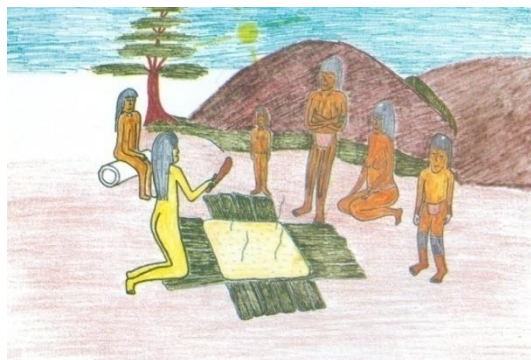
nova de Merrim, assim que saiu para colher milho e caçar, olhou na cabaça e avistou Catxêkwyj lá dentro. Não podia ser vista, então saiu logo da cabaça e todos a viram, e então disse:

Figura 18: Merin trazendo milho para Aldeia



“Tenho que ir embora para o céu, mas antes vou dar mudas e sementes para você e seu povo”.

Figura 19: mulheres fazendo paparuto na Aldeia

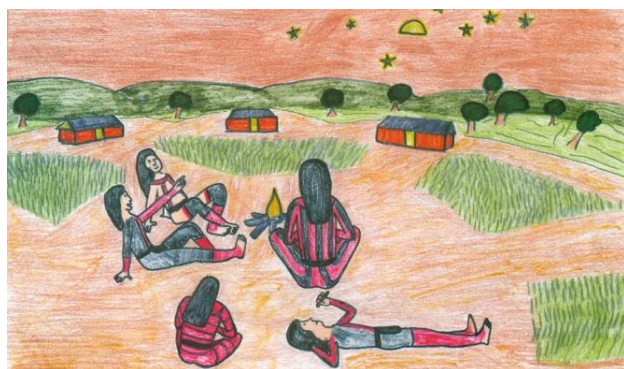


Então, foi ao céu, buscou sementes e mudas de amendoim, mandioca, fava, batata-doce, abóbora, feijão, inhame, banana, deixou com o povo mêmrim e voltou para o céu. Começaram então a plantar as sementes deixadas por ela.

Figura 20: Catxekwyj entrega as sementes aos Merins



Figura 21: Merins no pátio olhando as estrelas, para ver Catxêkwyj



“Até hoje os rapazes solteiros, quando estão no pátio, olham para o céu procurando por ela”(Wilmar, Ferraz, 1999)”.

A “Arca de Noé”, chamada Coleção de Base/ Colbase , que conserva diversidades de sementes, contempla as regiões de praticamente todo o território brasileiro, através de coletas realizados por, pesquisadores e técnicos, a lembrar: Sr. Wantuil (primeiro coletor do Cenargen), Aécio, João, Dr. Valls, Glocimar etc

Primeira visita de Lideranças Krahô a Embrapa Cenargen

As lideranças indígenas Krahô, em reunião na associação Kapey, 1995, indagaram a escassez de suas sementes tradicionais (Guerra, 2008), que seu povo andava fraco, não tinham mais festas e rituais, nem resguardos, devido a falta do milho e de outras sementes tradicionais (Dias et al, 2015). A busca pelas sementes tradicionais passou a ser objetivo daquela associação.

Em primeira visita a Brasília, num encontro casual na Funai, (Schiavini, Fernando Diálogo(2016), soube da existência de um Banco Genético na Embrapa Cenargen. Em reuniões anteriores na associação Kapey, os anciãos já estavam reclamando da ausência das sementes tradicionais e que, em consequência disso, os Merin estavam ficando fracos, adoecendo, e não tinham mais festa. Diante do cenário anterior nas Aldeias, com relação a falta das sementes, Fernando entrou em contato com o Cenargen, e marcou uma visita. Em momento posterior, trouxe alguns representantes do povo Krahô para conhecerem o Banco Genético, e nessa ocasião, identificaram as variedades do milho tradicional, porupej, que haviam perdido. Dias et al(2015), refere-se a essas variedades de milho, ao milho que foi coletado na década de 70 em Aldeias Xavante.

Foi-lhes então fornecido uma pequena quantidade de cada tipo e as lideranças Krahô, firmaram o compromisso de voltarem no ano seguinte com a multiplicação dessas variedades para colocarem de volta na Coleção de Base. No ano seguinte, retornaram ao Cenargen com uma amostra das variedades de milho, resultado da primeira colheita, para serem guardadas no Banco Genético e não correr mais o risco de perdê-las(Schiavinni, Fernando (2000). A partir daí, conforme, (Dias, et al(2015), iniciaram-se reuniões entre pesquisadores, técnicos, gestores da Embrapa e Funai, dando início ao Convênio de Cooperação Geral entre Embrapa e Funai, Kapey, período de junho de 1996 a setembro de 1997, em que foi assinado.

Figura 22: primeira visita do povo Krahô ao Cenargen em 1994.



Foto: equipe de conservação in situ/on farm do Cenargen(arquivo digital)

Figura 23: identificação das variedades do milho tradicional, em 1994.



Foto: equipe de conservação in situ / on farm do Cenargen(arquivo digital)

Figura 24: representante indígena na Coleção de Base para verificar as variedades de milho, 1994.



Foto: equipe de conservação in situ / on farm do Cenargen(arquivo digital)

Figura 25: Compromisso feito pela liderança Krahô para retornar ao Cenargen com a cabaça cheia de sementes multiplicadas para retornar à Camara Fria.



Foto: equipe de conservação in situ / on farm do Cenargen(arquivo digital)

Figura 26: desdobramentos da visita dos Krahô na Embrapa, Seminário na Embrapa Cerrados 1995, dentre outros.



Foto: equipe de conservação in situ / on farm do Cenargen(arquivo digital)

Do ano de 1994 a 2000 foi construído o convênio entre Embrapa e Funai e a autorização de pesquisa com os indígenas. Em 2000 foi iniciado o projeto de Etnobiologia, Conservação de Recursos Genéticos e Segurança Alimentar. Datado o Convênio de Cooperação, foi sendo renovado com o passar dos anos. Nos diálogos de construção do projeto, Técnicos e Pesquisadores da Embrapa visitaram as Aldeias Krahô, como também representantes do povo Krahô a Embrapa. A partir daí, vários encontros, reuniões, foram realizados com o propósito de formalizar a parceria.

O trabalho realizado com o povo Krahô tomou repercussão nacional e internacional. Nacionalmente foi se expandindo a outras comunidades indígenas como: povos Canela, Pareci, Xavantes em formato de cursos, Diálogos Agroecológicos, sendo uma troca de saberes e principalmente , por demanda dos próprios indígenas, conhecerem as Unidades da Embrapa como: . Embrapa Agroindústria Tropical , Hortaliças, Cerrados e Cenargen , fazendo parte também visitas ao Sitio Sementes, Aldeia do Altiplano Leste(ecovila). Nesses espaços , os indígenas tiveram a oportunidade de conhecer técnicas de agrofloresta, tipos de conservação de sementes e mudas.

Figura 27: Batista Krahô plantando fava tradicional/Krahô em casa de vegetação do Cenargen.



Foto: Nadi Santos

Figura 28: Reunião de lideranças Krahô com a equipe da Embrapa Cerrados.



Foto: equipe de conservação in situ / on farm do Cenargen(arquivo digital)

Muitos trabalhos foram realizados, através de metodologias participativas de conhecimento do território, como a construção participativas de mapas, caminhadas transversais, etc. A Embrapa Agroindústria Tropical, na pessoa do Pesquisador, Dr. Sombra e Equipe, forneceu mudas de Cajú, a pedido dos Indígenas, após visita a essa Unidade. As fruteiras solicitadas por eles através de pesquisa e diagnóstico participativo, foram entregues pelo Cenargen à associação Kapey que foram distribuídas localmente nas Aldeias. As frutas mais solicitadas foram: acerola, limão, laranja, mexerica, manga, dentre outros. solicitadas.

Figura 29: Mapeamentos participativos.



Foto: arquivo digital, equipe de Conservação in situ / on farm

Figura 30: Distribuição das fruteiras para enriquecimento de quintais , demandas das aldeias Krahô à Embrapa..



Foto: equipe de conservação in situ / on farm do Cenargen(arquivo digital)

A cooperação técnica fortaleceu a Conservação in situ/on farm da agrobiodiversidade indígena e também a Conservação ex situ, material conservado na Coleção de Base. Com o resgate do milho, houve uma animação entre os indígenas para voltar a plantar, trocar, as sementes tradicionais. Esses acontecimentos os animaram a fundar uma escola agroambiental, que deram o nome de: "Escola Agroambiental Catxekwy". Nessa escola foram abordados temas como controle do fogo, aproveitamento dos alimentos, proteção dos mananciais, plantio de quintais, entre outros (Schiavinni, Fernando 2000).

As trocas de sementes acontecem naturalmente entre as comunidades, em 1997, ocorreu a primeira Feira de Troca de Sementes Tradicionais entre as Aldeias Krahô, organizada pela associação Kapey, com apoio do Técnico Indigenista da Funai(Dias et al, 2015). Em diálogo, Schiavinni(2017), conta que havia uma só esteira de sementes contendo pouquíssimas sementes, e ressalta que a fava carancho, consumida pelos antigos e presente na memória alimentar, continha apenas duas sementes.

A V Feira de Troca de Sementes Tradicionais, teve apoio da Embrapa Cenargen, com relação a organização e fornecimento de materiais genéticos como: hortaliças não convencionais do Banco ativo da Embrapa Hortaliças, coordenado pelo Pesquisador Nuno Madeira, também da Agroindústria Tropical, mudas de Caju, fornecidas pelo pesquisador Dr. Sombra e apoio técnico da Embrapa Cerrados, partir dessa edição, a Embrapa colaborou com as posteriores. Com o fortalecimento das parcerias, as Feiras tomaram uma proporção maior contando também com a participação de outras comunidades indígenas: Povo Guarani, Kayapo, Dessana, Parecis, Xerentes, Cariri Xocó, Xacriabás, etc

Como uma das metodologias de conservação e multiplicação de Sementes, as Feiras, colaboraram para que houvesse resgate e aumento da agrobiodiversidade indígena, como também troca de saberes, através das participações de oficinas, como: Biscoito de Jatobá, realizada pelo Sr, Josué Faustino, e sua esposa Manuela, ambos artesãos que moram em Terezinha de Goiás; oficina de extração de óleos, como o de pequi, e xaropes medicinais realizada por Maria Honório, agricultora de Itacajá, oficina de pintura em tecidos com pigmentos naturais por Ângela de Assis Xavier.

Do resgate das variedades de milho à edições das Feiras de troca de sementes, as variedades de sementes tradicionais voltaram a aparecer e hoje em maior quantidade e

diversidade refletem no plantio de suas roças, na melhoria da alimentação e nas condições de plantio para o ano seguinte através dos métodos tradicionais de conservação, que as conservam por dois ou mais anos.

Figura 31: esteiras de sementes Krahô na IX feira de troca de Sementes Tradicionais na Kapey/TO e anciã indígena expondo suas sementes.



Foto: Nadi Rabelo dos Santos

Catxekwyj nunca deixou o Merin, sempre cuidou de suas sementes e da alimentação de seu povo. Então, quando as sementes que buscou do céu começaram a desaparecer, deixando seu povo vulnerável quanto a segurança alimentar e respectivamente na saúde, refletindo na falta de animação e alegria, muito importante para o Merin, ela buscou da “Arca de Noé”, onde estavam bem guardadas e conservadas, as variedades do milho, (pohumpey), que haviam perdido. Merin, voltou a fazer paparuto de milho, festa do milho, resguardo com o milho, amikins(festas) e sua comida tradicional etc.. Com o milho tradicional de volta, retornou a alegria e saúde do povo. Porém, não faltava só milho, estava faltando também fava, andu, gergelim, batata doce, inhame etc, então o Krahô com incentivo dos amigos e parceiros, começou a realizar suas feiras de troca de sementes.

Com o monitoramento feito das feiras de sementes tradicionais Krahô, Dias et al, (2014), foi constatado que houve um aumento das variedades, da feira de 2007 para 2010, com o exemplos significativo de fava, que de 10 variedades, aumentou para 26, sendo que percebe-se também um pequeno declínio da quantidade dessas variedades, da feira de 2010 para a de

2013. Esse declínio pode não ser muito significativo, devido , a participação de indígenas desse ano ter sido menor.

Em Dias et al (2015), verifica-se que todo esses desdobramentos , do resgate das sementes, até então, influenciaram na construção de políticas públicas, como: a Política Nacional de Agroecologia e Produção orgânica (Pnapo) no ano de 2012 e o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo), em 2013. Adentrando nessas políticas públicas, Burle, Marília(2014), explicita que , até então, os materiais contidos nos bancos de germoplasma da Embrapa, atenderam , mais prontamente, as demandas para atividades de pesquisa, porém , os casos de abertura que ocorreram nos bancos de germoplasma da Embrapa tiveram grande repercussão, então, iniciou-se discussões a respeito da abertura desses bancos para a comunidade de pequenos produtores rurais e associações e comenta que ações estão em andamento para que essa, como diz: *“importante ação dentro da Embrapa, seja implementada.”*

Prática de agricultura itinerante: capoeira, uso do fogo.

A agricultura itinerante caracteriza-se pelo uso de uma área por um ou dois anos, seguidos de anos de pousio. A rotação da área cultivada se dá dentro dos limites da área ocupada (Schmitz, Heribert 1991). Segundo esse autor a área que fica em pousio, se considerados o tempo suficiente de pousio, transforma-se em uma floresta secundária, mantendo a fertilidade do solo. Ao contrário do que muitos estudiosos da agricultura, que consideram-na uma prática irracional, a pesquisa desse autor fundamentou o seu resultado no que concerne a agricultura itinerante, como uma prática econômica e ecológica.

Reifschneider et al (2100) comentam que o termo coivara, surge pela primeira vez em um texto português no ano de 1610, consistindo em abrir clareira na mata com a derrubada de árvores, roçagem na seca e então queimar e obter a cinza como nutrientes para o plantio. Esse autor estima que na época do “descobrimento” haviam cerca de duas mil nações indígenas e que sua maioria eram semi-nômades, pois subsistiam da caça, pesca, coleta e agricultura itinerante. Leite et al (2014) definem a capoeira como a área após 1 a 2 anos de cultivo, que fica

em pousio em um período de 7 a 10 anos, tempo suficiente à sua transformação em floresta secundária. O autor considera que o aumento da população que utiliza o sistema de agricultura “corte e queima”, o período de pousio dessa área tende a diminuir, implicando nisso tempo insuficiente à formação da floresta secundária, essencial para que esse sistema de capoeira se torne estável.

O mesmo autor, apud CATIE (1992), considera o plantio de leguminosas arbóreas de rápido crescimento e fixadoras de nitrogênio atmosférico (N_2) em áreas de capoeira, uma alternativa para melhorar as condições dessa capoeira, pois a simbiose entre bactérias dos gêneros *Rhizobium*, *Bradyrhizobium* e *Azorhizobium* possibilitam a fixação de N_2 . Leite et al (2014) apud Souza (1996) consideram que essas plantas tornam-se auto suficientes em nitrogênio o que as favorecem na captação de água e nutrientes e produção de fitomassa. Em Diálogo com o pesquisador da Embrapa Cenargen, Daniel Vieira, acrescenta que o plantio de leguminosas na capoeira, faz-se melhor em eficiência, se plantados no último ano de uso daquela área, pode-se também obter frutos da capoeira, mantendo plantas como as palmeiras. O plantio de leguminosas em área de capoeira, é benéfico também por tornar eficiente a ciclagem dos nutrientes solo-planta, pois absorvem nutrientes das camadas mais profundas do solo e promovem a sua liberação na superfície a partir da decomposição das raízes, da serrapilheira, e de material orgânico resultante das podas. (Leite, Luiz et al 2014 apud ALEGRE et al 2000).

Uso Tradicional do Fogo em terras indígenas: experiência na TI Krahô

“O fogo consiste em uma combustão. Combustão é uma reação química que ocorre na presença de calor, combustível (vegetação em caso de floresta), e oxigênio, e tem como consequência liberação de calor, luz, gás carbônico e água. (Guia de Prevenção e Monitoramento de Incêndios Florestais em Terras Indígenas, Presidência da República)”

O fogo, como parece, não é o grande vilão da agricultura “corte queima”; realizado com o manejo adequado, possibilita à muitas plantas denominadas pirofíticas a sobrevivência e reprodução, pois essas plantas conviveram com o fogo durante sua evolução e foram selecionadas por ele. A germinação de muitas sementes é favorecida pelo fogo, pois a superfície dessas sementes são impermeáveis a água e com a fissura que o fogo provoca na semente, torna-se permeável possibilitando a brotação. Quanto aos animais, favorece-os produzindo alimentos que os manterão durante logo período de seca, pois algumas espécies só rebrotam com o uso do fogo; esse rebrotamento alimenta insetos polinívoros e nectarívoros, as flores, frutos, sementes e brotos, em resposta da queima alimentam muitos animais, que refugiam-se em áreas verdes, ou em buracos durante a permanência do fogo (<http://eco.ib.usp.br/cerrado/fogo>).

Pesquisas realizadas no Brasil e também fora, sobre os efeitos ecológicos do fogo, vêm mudando a percepção de pesquisadores e técnicos de órgãos competentes a respeito do uso tradicional do fogo pelos indígenas (FALEIRO, Rodrigo 2015 apud Lhmann 2014; Willian & Bond 2005) e (Miranda 2010). O artigo 38 do código florestal, parágrafo 2.º, excetua a proibição do uso do fogo nas situações de prevenção e de uso por comunidades indígenas e tradicionais. Essa desproibição facilitou a aplicação do programa do manejo integrado do fogo –MIF- pelo órgão ambiental, Ibama/prevfogo. A criação de parceria, entre esse órgão ambiental, Funai e comunidade indígena, viabilizou o programa de treinamento de brigadistas indígenas.

Foi feita uma pesquisa participativa com três comunidades indígenas que demonstrara, o uso tradicional do fogo em sua etnia e junto com os profissionais do órgão ambiental puderam fazer uns quadros de planejamentos das queimadas de baixa intensidade, preservando as árvores do cerrado e frutíferas (FALEIRO, Rodrigo 2015). As TIs Pareci, Xerente, Parque indígena do Araguaia, TI Krahô foram as primeiras que iniciaram esse programa. As práticas de queimas controladas ou prescritas, constando no novo código florestal, tornou-se política pública, o que favoreceu a sua implementação, por parte do Ibama, que ficou responsável pelas terras aos cuidados da União, como as Terras Indígenas. Em 2015 foi realizado pelo Prevfogo/Ibama o resgate do uso tradicional do fogo, junto aos anciãos indígenas Krahô, terceira etnia atendida, onde foi realizado uma síntese do uso tradicional do fogo pelo seu povo.

Tabela 1: usos e regimes do fogo pelo Krahô/. Fonte: FALEIRO, Rodrigo 2015

FINALIDADE	PERÍODO	MÉTODO
ROÇA	Broca e derrubada: abril e maio Coivara, aceiro: junho Queima: Setembro Plantio: outubro , novembro	Queimas coletivas e roças aceiradas. As folhas do buriti axiliava na perda do controle, como abafadores. Era realizada na segunda lua do mês.
CAÇA	Junho, julho e no máximo a primeira semana de agosto. Respeitando intervalos de 2 a 3 anos em cada local.	Divisão do trabalho, colocadores e apagadores do fogo.
LIMPEZA AO REDOR DAS ALDEIAS	Abril e maio	Queima de gramíneas e arbustos ao redor da aldeia, diminuindo o risco incêndio, afastando animais peçonhentos. Facilitando as caçadas cotidianas com o rebrotamento.
FRUTIFICAÇÃO	Abril e maio	Queima controlada nos pomares nativos , protegendo as árvores frutíferas.
COLETA DO MEL	Mai e junho	Colocavam fogo ao redor das colmeias para que a fumaça afastasse as abelhas. Fogo que produzia mais fumaça do que chamas.
LIMPEZA DE CAMINHOS	Abril, maio e junho	Fogo colocado para aceirar as passagens e se extinguia naturalmente.

O aceiro, é um local, onde foi roçado com a finalidade de deixar a terra bem exposta para que o fogo não espalhe, geralmente no Krahô, é utilizado 3m de aceiro, para a construção da roça. A aldeia, tem trilhas e caminhos já existentes, de acordo com o guia de prevenção e monitoramento de incêndios(Presidência da República), é aconselhável manter esses caminhos limpos e que não tenha combustível vegetal, para a segurança da Aldeia em relação ao fogo. Também, a limpeza é necessária para prevenir ou visualizar bem os animais peçonhentos. A maioria dos agricultores em que foi realizado a pesquisa na Aldeia Pedra Branca, em relação as roças, utilizam o aceiro, um círculo em volta da roça de 3m. O cacique Miguelito, informa que fez um trabalho de conscientização na Aldeia com relação ao uso do fogo e do aceiro, e conforme os agricultores relataram isso fez muita diferença, pois aqueles que não faziam, passaram a fazer. O agricultor José Miguel da Pedra Branca, relatou que quando jovem estudava o comportamento do fogo, que conforme o Guia de Monitoramento,

“é a maneira pelo qual o fogo se propaga, reagindo as influências de combustíveis(vegetais), ao tempo atmosférico(clima) e à topografia.”

e anotava em sua caderneta, que nessa época os merin davam mais importância ao assunto e que agora com a conscientização feita pelo Cacique, vem melhorando.

Roça Krahô: como fazemos?

A roça Krahô pertence a família elementar, mesmo trabalhada coletivamente por vezes que se fizerem necessárias, de acordo com (Mellati, 1970), os antigos só plantavam milho branco, inhame, batata doce, amendoim, informações que obtive de um ancião indígena, e depois é que apareceu o arroz, fumo, fava e mandioca. Já em 1926, (Mellati(1970), apud Zacarias Campelo), conta que a produção incluía a banana, arroz, feijão, a fava, o cará, a batata doce, mandioca, aipim, amendoim, abóbora, melancia, milho, cana de açúcar, cabaça, que são inclusive produtos que cultivam atualmente. Inferimos que alguns produtos surgiram após contatos com o *cupen*, como o arroz, a cana e diminuindo alguns plantios, chegando a desaparecer, como o cipó comestível Cupá (Mellati, 1970).

Importante observar que quando Mellati escreveu sua Tese, os indígenas Krahôs estavam passando pelo período da monocultura do arroz, e passados 30 anos da primeira demarcação, e trinta anos plantando arroz em roças coletivas e algum feijão e milho cedidos pela posterior Funai, que chegavam geralmente após o período de plantio. Desde então, os indígenas foram deixando seus roçados, esquecendo o plantio tradicional e inevitavelmente perdendo suas variedades de sementes, que segundo Schiavinni (2000), períodos antes da demarcação eram fartas, tinham autonomia para plantar, colher e vender o que excedia.

Os conflitos com os fazendeiros e a própria característica de nomadismo (Schiavinni, 2000), fizeram com que o povo Krahô fosse se descolando até o norte do estado de Tocantins e depois a nordeste. Intensificados os conflitos, o Governo interviu, “doando” uma porção de terras, onde é hoje a região de Itacajá (Guerra, 2008), que não foram aceitas, por não ter água suficiente a autonomia das Aldeias. Embora a água sendo um fator de escolha da terra, na região onde já ocupavam antes da primeira demarcação e que ocupam atualmente, o solo é arenoso como menciona Moreira, Lucimar (2001), é constituído de areias quartzosas, com baixo teor de nutrientes, baixa capacidade de retenção de umidade.

A mandioca é uma das espécies que se adapta bem ao clima e solo da Terra Indígena Krahô, como ressalta Mattos (2003), que a mandioca necessita de solos profundos e soltos, sendo o solo arenoso e de textura média ideal, pois favorece o crescimento das raízes, pela facilidade da colheita e por ter boa drenagem. Os requisitos de escolha da terra para fazer roça têm os mesmos critérios, no geral, entre o povo Krahô. Escolhem uma área que tenha mata e presença de água. São identificados pelos indígenas, principalmente da Aldeia Pedra Branca, local da pesquisa, regiões de terra boa para o plantio, a terra da beira de água, brejada (como é chamada). A terra brejada é sempre úmida ou encharcada de água, e com bastante nutrientes para o plantio, a que fica mais distante tem umidade e argila de cor cinzada (como denominam), tem a presença de buriti, inajá, bacaba, cajá, entre outras.

O Sr. Luiz Pinto, agricultor da Aldeia Pedra Branca, demonstrou a textura da terra boa e a cor que a caracteriza, colocando-a em suas mãos (Fig. 36). Quando essa terra não cair facilmente das mãos e formar um bolo conciso e de cor cinzada, essa é a boa, e é encontrada nas proximidades de um local úmido. Santos et al. (2013), em seu diagnóstico de horizontes (camadas verticais do solo), constatou que o horizonte B textural tem textura franco arenosa, que há partículas de argila, descontinuada por material orgânico, e que é um horizonte de sub

superfície. De acordo com a definição acima, foi constatado, de forma visual e amostral que se trata desse horizonte, a classificação feita tradicionalmente pelo Sr. Luiz Pinto, de barraria.

Figura 32: Demonstração de terra boa para o Plantio pelo Agricultor da Aldeia Pedra Branca, Sr. Luiz Pinto, em sua roça./ Foto: Nadi Santos



Figura 33: Demonstração da terra boa, barraria, para fazer roça. Agricultor, Sr. Luiz Pinto, Aldeia Pedra Branca./ Foto: Nadi Santos



O Krahô faz sua roça do modo como aprendeu de seus pais, conhecimento que é transmitido de uma geração para outra. Há características gerais no feitio da roça, porém a peculiaridade se faz presente de acordo com as práticas de agricultura de cada família e a experiência individual.

“Nós trabalhamos na roça, porque da roça é que tiramos a nossa comida, sem ela não dá para sobreviver. A roça é o nosso supermercado, de onde trazemos tudo para nossa casa. Ela é a nossa mãe também. Nós, Krahô, desde pequenos, trabalhamos na roça com os pais, ajudando e aprendendo com eles como plantar. É da roça que tiramos também os alimentos para realizar as nossas festas” (Piikên, Dodanin & Cawkré, Miguelito 2010).

A história da roça começa na pré-história e modificou-se com o passar do tempo, é representante do tipo de agricultura de derrubada e queima, ou agricultura de coivara, em que se abre uma clareira dentro da vegetação primária e ateia-se fogo, dessa forma incorpora-se nutrientes ao solo. A roça é uma associação de diferentes espécies com diversidade de origens e não se trata de uma composição de espécies aleatórias. Os padrões de composição são determinados pelo que se chama de combinação ecológica. Numa mesma roça coexistem plantas de arquitetura diferentes, tanto acima como abaixo do solo, dessa forma a associação de espécies minimiza a competição e maximiza a utilização de recursos (Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos.(Paulo Sodero Martins, (2005).

O preparo da Roça do povo Krahô, segundo Mellati (1970) inicia-se na estação seca, em junho, quando começa-se a brocar (cortar a vegetação mais baixa no interior da floresta) e em julho inicia a derrubada, corte das árvores. A vegetação depois de desbastada fica um tempo para secar e vai ser queimada antes do período das chuvas, agosto ou setembro. Os caules mais finos, galhos, garranchos que não foram queimados são ajuntados em grandes montes e novamente queimados, é a coivara. Conforme Guerra (2008), em maio o povo Krahô começa a roçar o mato rasteiro (brocar), em junho e julho, derrubam as árvores maiores. Nesse período fazem um intervalo, e em agosto, com a mata seca, fazem a queimada. Em setembro realizam a limpeza retirando galhos e troncos queimados, é a coivara.

“Primeiro você sai da aldeia para o mato, onde vai escolher o local para fazer roça. Quando você chega, entra na mata e vai vendo e andando para escolher o lugar melhor, um lugar que serve para tudo, que tudo fque planta ali dá. O melhor lugar é onde têm terra , a preta ou vermelha, com menos areia. Este lugar geralmente tem inajá, bacaba, cajá, e buriti, tem que ser lugar úmido. Quando encontrar um lugar assim, pronto! Já está escolhido onde você vai fazer sua roça. Você deixa marcada sua roça. Então já pode voltar para a aldeia, agora quando voltar de novo à sua roça já será para começar a brocar. É importante conservar a mata em torno dos rios e córregos, para evitar que a terra seja carregada para dentro da água. “(Piikên, Dodanin & Cawkré, Miguelito 2010).

O clima na terra Krahô caracteriza-se por apresentar alta temperatura praticamente todo o ano, e duas estações bem definidas: o inverno e verão, sendo que o inverno é considerado o período de chuva e o verão o período de seca. Nessa consideração, Mellati (1970), acrescenta a importância que é dada pelo povo Krahô a essas duas estações bem marcadas e que define muitas atividades durante o ano e inclusive as atividades de roça. A familiaridade do Krahô com a natureza é tanta, que tradicionalmente se auto definem, Inverno ou Verão, que no dialeto Krahô chama-se: Katamejê, Wakmejê. Essas denominações são adquiridas com o nome de batismo, dependendo do nome, já se sabe a que estação do ano pertencem. Passar o nome a seus parentes, segundo Schiavini, é uma situação especial, pois está sendo transmitido as representações que ocupou e ocupa durante a vida de quem está passando.

As duas estações do ano, Inverno, Verão, (Catamejê, Wakmejê) fazem parte diretamente da organização social do povo Krahô, que segundo Zarur (2000), organizam-se em complexo sistema de metades sazonais Wakmejê (estação seca), Catamejê (estação chuvosa). Guerra (2008) elucida a relação que a organização da Aldeia Krahô tem com alguns pares, determinados metades e essas metades em relação ao movimento da maior parte de atividades da Aldeia, como: Wakmejê para Katamejê (verão, para inverno), os hemisférios, leste para oeste

(nascente para poente), esses movimentos evidenciando o sentido anti-horário da maioria das atividades que acontecem no espaço da Adeia, a exemplo da corrida de tora que ocorre no sentido anti-horário.

“ Quando terminar de brocar a roça, depois você vai começar a derrubada. Primeiro você vai trocar o cabo do machado e botar um cabo novo. Você vai ao mato para escolher a madeira, corta um pedaço e racha em quatro partes ou mais, dependendo do tamanho da madeira, se for muito grossa lasque mais, e se for fina lasque menos. Depois pegue uma ou duas lascas e leve para a aldeia e afine no tamanho que preferir. Quando acabar você já pode colocar o cabo no machado. Agora é só esperar o dia de começar, antes de ir para a roça, você amola bem o machado na pedra, ou na lima do Cupê, para você poder derrubar as árvores de madeira dura, mole, grossa e fina. Outra coisa, quando começar a derrubar, não é de qualquer jeito que se faz a derrubada, tem o jeito certo. Tem que prestar muita atenção à árvore, para que lado ela vai cair, para não enganchar em outra árvore e assim cair pertinho do chão. Se você começar assim, não vai ter perigo nenhum na hora da derrubada, vocês acabam a derrubada sem problemas. Vai derrubando e abaixando pelo corte dos galhos, para poder depois queimar bem direitinho e não sapecar. O mês de derrubada é sempre o mês de junho ou julho. Trabalhando assim, sua roça vai ficar muito bonita.” (Piikên, Dodanin & Cawkré, Miguelito 2010).

As metades Wakmejê e Katamejê são denominadas partidos, segundo a tradição Krahô, esses partidos governam a Aldeia durante a sua respectiva estação, em colaboração com o Pahi (liderança). O Pahi tem seus representantes, porém pertence ao partido a iniciativa e a organização das principais atividades que ocorrem na Aldeia naquele período. Como exemplo, as pesquisas de Guerra (2008) nos diz que o partido Wakmejê, estação seca, fica responsável

por organizar as atividades de implantação de roça nesse período. Mellati, (1970), acrescenta que Wakmejê está relacionada ao dia e que Katamejê está relacionada à noite. De acordo com Mellati, (1970), os Krahô classificam a partir das metades, animais, plantas, atitudes, caráter, pois fazem deduções a partir dos conceitos de: claro, escuro, quente, frio, tímido, extrovertido, estabelecendo nos contrário uma complementaridade, como também se localizam no pátio (ká) da Aldeia, Wakmejê a leste e os Katamejê a oeste.

“Trabalhe assim na sua roça, corte bem as árvores para que não corra o risco de sua roça ser sapecada. Depois que acabar a derrubada, faça o aceiro em volta da roça toda , para não ter perigo de pegar fogo em outras áreas. Agora já pode plantar a batata-doce, antes de queimar a roça” (Piikên, Dodanin & Cawkré, Miguelito 2010).

Cada família agricultora tem seu jeito particular de fazer sua roça, que dependendo de sua experiência se manifesta de forma única. O período de preparo da roça, plantio, colheita nas especialidades das datas, luas, preparos para o plantio, são dados que diferem de cada família, que de acordo com sua experiência, e repetidas vezes, são constatadas verdades, que obtêm de acordo com os resultados. Os agricultores Krahô são experimentadores e observadores natos, que relacionam a morfologia da Aldeia, práticas de roça e atividades diárias à rotatividade do sol, baseando-se como efeito a circularidade da Aldeia, no movimento, do leste a oeste(nascente, poente), determinando as metades sazonais.

De acordo com Guerra (2008), as atividades diárias e toda a relação sutil refletem a harmonia que tem o indígena com seu ambiente. A harmonia com a natureza, o conhecimento, as práticas, são características que avançam com o Krahô na dimensão do tempo, mantendo a tradição, principalmente, na disposição da aldeia, características duais e complementares, refletidas nas atividades, na organização social, na governança e principalmente no pensamento, onde veem em tudo uma relação e interação, complementaridade.

“ Você continua trabalhando com o machado, cortando os galhos que não foram queimados e vai coivarando ao mesmo tempo, se puder já ir queimando logo, já pode queimar. Depois de encoivarar e queimar tudo, se quiser já plantar algumas sementes , pode plantar, tem que escolher quais as sementes pode plantar que depende do mês. Por exemplo, se é mês de setembro ou outubro e a lua já estiver cheia, então já pode plantar milho, melancia, abóbora, feijão andu e mandioca, macaxeira. Se a lua não estiver cheia não planta, espera a sua cheia. Depois que plantar estes legumes é esperar eles brotarem e nascerem. Aí você vai começar a limpar capinando o mato, enquanto espera chegar a época de plantar os outros legumes. A melhor lua para plantar é a cheia.” (Piikên, Dodanin & Cawkré, Miguelito 2010).

As sociedades indígenas, diferem das sociedades camponesas, no que se relaciona à sua auto suficiência, as sociedades indígenas existem antes das formações das cidades, as camponesas, em função da cidade (Brandão, Carlos 2015). O que caracteriza a comunidade Indígena como autossuficiente, seria a sua organização social, cultural, alimentação tradicional, adquirida com o conhecimento do seu ambiente, tanto para alimento, como para remédio, para moradia, artesanato, utensílios etc. Com as cidades circundantes, não podemos dizer que se trata de auto suficiência, e sim de autonomia, no que concerne à busca de fontes necessárias à qualidade de vida do seu povo, com relação as parcerias e representatividades feitas com instituições governamentais e não governamentais, do Cupê, que os representa, porém sem interferir no que os estrutura e identifica.

“Você trabalha com a enxada na sua roça, capinando e plantando. Pode também usar o facão, cortando o maato de toco, onde não der para cortar com a enxada. O facão serve também para cortar as manivas de mandioca, olho da cana, pé de banana e outras

coisas. Com o facão e a enxada você trabalha na roça e na aldeia também.” (Piikên, Dodanin & Cawkré, Miguelito 2010).

Os locais de roça da Aldeia, na maioria, ficam bem distantes, o que os remetem a fazer casas de apoio para o período intensivo de suas roças. A família elementar, ou alguns do grupo doméstico mudam-se para o local da roça. De acordo com Moreira, Lucimar (2001), os agricultores(as), se veem na obrigação de mudarem-se para as casas de apoio de roça, nos períodos em que essas precisam de cuidados, como plantio, capina, colheita. Nessas casas são guardados ferramentas, produtos colhidos, como banana, sacas de arroz, sementes e nos quintais, alimentos de vegetação rasteira, como a abóbora. O período de preparo da roça, segundo Guerra (2008), é de escassez alimentar, pois as provisões da roça anterior já acabaram. Em roça visitada na Aldeia Pedra Branca, o Sr. Olho Furado e sua esposa criam também galinhas para fortalecer a alimentação, com seus ovos e carne.

“ Se você trabalhar muito na sua roça e plantar todos os legumes, você não vai se preocupar com nada, porque você tem tudo plantado na sua roça...plantado por você mesmo. Isso é muito bom para você e sua família comer. Mas se não trabalhar na roça e nem em outras coisas você fica parado.. e de onde vêm os alimentos para você e sua família comer? Isto é muito ruim, a culpa vai ser sua. Então pense em trabalhar que você vai ter de tudo para comer e ficar feliz da vida. Porque trabalhando todo dia Deus ajuda você, e nunca mais faltará alimento em sua casa. A roça dá muito trabalho, mas por outro lado é muito bom porque da roça vem tudo para você comer todo o dia. Por isso é bom trabalhar na roça!”.(Piikên, Dodanin & Cawkré, Miguelito 2010).

O cupê, acostumado a comprar tudo em supermercado, e na maioria das vezes não sabe de onde vem e como o alimento se desenvolve, criou uma distância muito grande entre ele e a

terra. A maioria dos agricultores(as) indígenas da Aldeia Pedra Branca, disseram que gostam de comer o que eles (as) plantam, porque sabem de onde vem o alimento e principalmente por não conter agrotóxicos, como disseram o Sr, Olho Furado, o Sr. Luiz Pinto, Aldeia Pedra Branca, Sr. Alcides, Aldeia Barra.

Em Schiavinni (2014), a prática da agricultura itinerante, de coivara, tem o seguinte planejamento: broca(roçagem da mata rasteira), derrubada e queima. Os galhos que não foram queimados são amontoados e queimados novamente, o que se chama de Coivara. Cada agricultor tem a sua maneira de fazer roça, isso depende dos conhecimentos passados, principalmente da família elementar, para sua geração e em diante.

A base da agricultura itinerante, de queima, ou de coivara indígenas, passa pelos processos de escolha do local, pelo olhar do(a) agricultor(a), que, de acordo dos agricultores/as, Krahô, a terra boa para fazer a roça, precisa ter mata, água e solo de barraria, que tem a cor acinzentada, vermelha, ou preta. O que podemos denominar de solo de textura média, consiste numa adequada proporção de silte, argila e areia, proporcionando uma boa permeabilidade da água, adequada retenção, oxigenação. A textura do solo influencia nas suas propriedades físicas e químicas (Roquim, Calos, 2010), a atração da soma de cargas negativas dos coloides do solo (partículas microscópicas, formadas por argila e matéria orgânica), atraindo os cátions (cargas positivas, como: cálcio, magnésio, potássio, hidrogênio, sódio, alumínio do meio aquoso), essa atração, consiste em uma boa capacidade de troca catiônica), no que consiste em reter essas partículas, que são os nutrientes minerais das plantas.

A terra de barraria, como é chamada no território Krahô, por ter a presença de matéria orgânica e argila, proporciona essa troca, o que favorece a nutrição das plantas daquela área. O local escolhido, além da barraria, costuma ter também uma parte encharcada, chamada de brejo e outra arenosa. O solo arenoso é de maior proporção na Terra Krahô, esses apresentam baixa fertilidade natural, baixo teor de matéria orgânica (Moreira, Lucimar 2001). O local escolhido para fazer roça, possibilitam o Krahô a praticar a agricultura de coivara. No solo brejado, plantam mais cedo, em agosto/setembro: arroz ligeiro e todas as espécies que gostam de solo encharcado, no solo de barraria, plantam no mês de outubro, cuja umidade permite plantar até as primeiras chuvas e no solo arenoso em outubro/novembro.

A utilização da terra, nesses três estados, possibilita-lhes a colheita em diferentes meses, garantindo a alimentação naquele período. No final do período daquela roça, depois da colheita (Diálogo Krahô) Alcides (2017) menciona que fica com sacos de arroz, feijão, milho, abóbora, guandu etc e cabaças contendo sementes, que garante a alimentação para todo o ano e que permite também compartilhar com aqueles da sua comunidade que não puderam fazer roça naquele ano, por motivo de saúde e/ou outros. O feijão Guandu é uma planta que enriquece o plantio, devido a quantidade de material orgânico proveniente de seus galhos e folhas e por aprofundar bem as raízes, trazendo umidade e os nutrientes necessários para o sistema foliar. O agricultor que tem um solo bom, de barraria, tem a possibilidade de colher mais em momentos de chuvas menos intensas, pois ao contrário, encharca e determinadas culturas não conseguem se fixar. Portanto, a experimentação desse agricultor(a), faz com que conheça as espécies que se adaptam, aproveitando todos os estados da terra, plantando o que lhe é adequado, no tempo e lua certos.

A matéria orgânica é muito importante na roça do agricultor Krahô e da Adeia Pedra Branca, o material roçado, as palhas das espécies cultivadas, milho, arroz, fazem cobertura no solo para aquela espécie que está crescendo. No geral, há uma boa conscientização do material orgânico vegetal na própria roça, ora para enriquecer o solo, ou para dar o acolhimento a outra planta em fase de brotação. O Sr. Alcides da Aldeia da Barra, colhe por ano, cinco sacas de feijão, oito sacas de fava, 20 sacas de arroz, e guarda sementes diversas em suas cabaças, para alimentação e também para o plantio do próximo ano. Diálogo Krahô, Alcides (2017) conta que cada planta do seu roçado tem um canto, uma lua, um companheiro/a. A batata tem um canto, o milho, tem um canto, “*canto para elas e dão raízes grandes e fortes, o milho fica bonito*”.

Figura 34: Imagem: casa de apoio na roça.



Foto: trabalho de campo/equipe conservação “in situ” “onfarm”/Embrapa Cenargen.

(arquivo digital)

Conservação Tradicional das Sementes Krahô

Nos Diálogos e roças correspondentes a cada Agricultor(a), foi demonstrado a forma como cada um conserva suas sementes para o plantio do ano seguinte. Aqui será colocado o que no geral é feito na Conservação Tradicional desse povo. A cabaça, a fumaça, a pimenta malagueta, o panne, cinza, a temperatura, ou mesmo a campo, ou mesmo garrafas PETs, são meios utilizados para conservarem suas sementes. Conservam-nas, dentro de cabaças, previamente preparadas, sementes de milho, arroz, amendoim, fava, feijão andu e outras.

A pimenta malagueta seca é colocada dentro da cabaça junto com as sementes, pode-se também colocar cinza em lugar da pimenta. A cabaça é tampada com um talo de buriti seco. Deve-se tampar direito e só abrir quando for plantar. Conservam até dois anos ou mais, não estragam e não dão pragas. O arroz pode ser também guardado na cabaça, mas pode ser também amarrado um feixe acima de um fogo, a fumaça o conserva até o próximo plantio, assim como

o milho também. Só tira do cacho e desse lugar, quando for plantar, assim não dá broca. O milho pode ser também guardado na cabaça, mas pode deixar secar na palha mesmo, no campo, depois que secar, leva para a Aldeia e pendura em uma árvore, perto de casa. Deixa lá pendurado até o próximo plantio (Krahô, Dodanin & Krahô, Miguelito 2010). As manivas de mandioca, para não secar, enterram-se as pontas em um lugar bem fresco, ou na beira de um córrego, assim elas não secam até o próximo plantio, assim faz o Agricultor Sr. Luiz pinto. A batata doce e o inhame podem ser deixados em um lugar fresco e à sombra para que possam brotar ali mesmo e na época do plantio, plantar.

Desenhos abaixo de: Miguelito Krahô, Pahi da Aldeia Pedra Branca

Figura 35:. Cabaça com sementes para Conservar.



Fonte: **36.** Feixe de milho para secar.

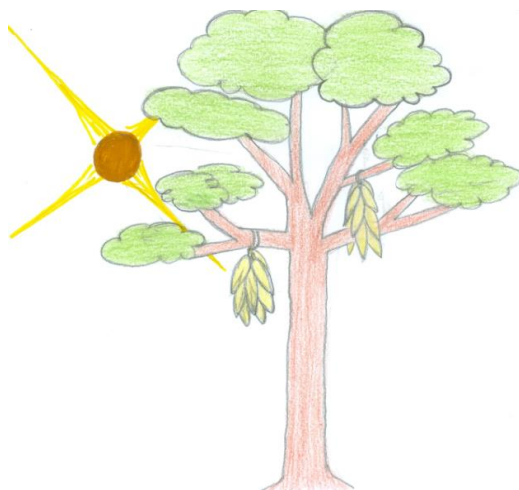
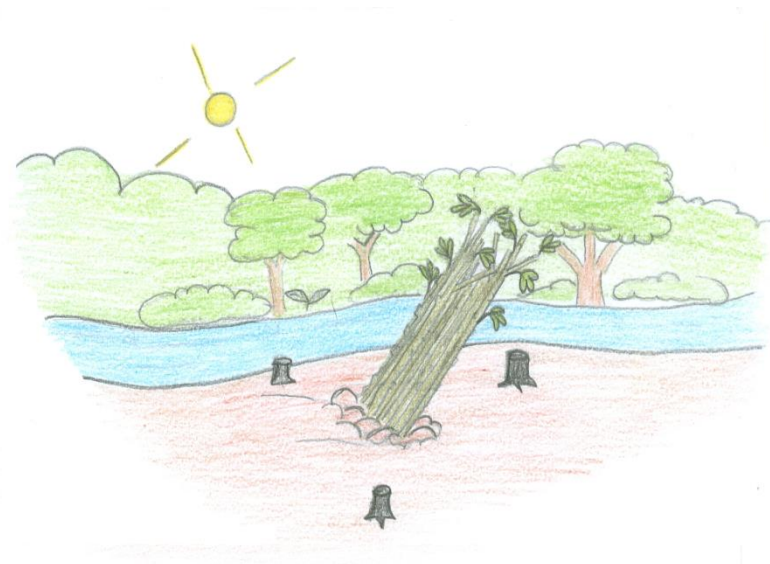


Figura 37:. Feixe de Arroz recebendo fumaça para conservar.



Figura 38: Manivas de Mandioca para conservar em local úmido, brejado.



5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A aldeia Pedra Branca, local da pesquisa, fica localizada a 22km de Itacajá/To e a 110km de Goiatins, Município a que pertence a Aldeia Pedra Branca. Itacajá, sendo a cidade mais próxima da Aldeia, é o local mais frequentado pelos indígenas, com relação a mercados etc., já Goiatins, é a cidade que se reportam para atividades relacionadas a Prefeitura e aspectos legais. Antes de Itacajá, havia no local um porto chamado, “Porto do Val”, era um povoado e um local de travessia a pé no rio Manoel Alves Pequeno. Na Aldeia P.B, como no geral nas outras do território Krahô, há uma escola de ensino fundamental e médio, pertencente a Secretaria de Educação do estado do Tocantins. A P.B tem também uma escola indígena chamada Kayré, escola que os professores indígenas repassam a cultura e saberes de seu povo, através da oralidade. O Merin, frequenta essas duas escolas. Na Aldeia, há, permanente, um/a Técnico/a de enfermagem, pertencente a Sesai (órgão Federal) e em Itacajá, no Polo Base (polo de apoio indígena) há uma equipe de saúde permanente, com : Médico/a, Enfermeiro/a, Técnico de enfermagem e um/a Dentista, e também uma equipe de saúde volante (vai a todas as Aldeias), com os mesmos componentes da equipe permanente do Polo Base. A Aldeia Pedra Branca é uma das mais antigas, da qual originaram-se outras. A população é estimada em 518 indígenas, informação da CTL/Funai de Itacajá. Possui dois anéis (círculo que compreende a Aldeia). Com relação ao ensino de curso superior, procuram a UFG, Universidade Federal de Goiás, onde têm apoio com relação ao recebimento de bolsas de estudo, alojamento e passagens.

No trabalho a campo, foram feitos Diálogos com oito agricultores(as), dentre os quais, um casal da Aldeia Barra e o Indigenista aposentado da Funai, Fernando Schiavini, foram visitadas três roças e quintais. Foram feitos tópicos orientadores para os Diálogos e tabelas contendo as informações mais precisas das lógicas de plantio, onde foi possível observar similaridades e peculiaridade de cada uma. A conversa fluiu conforme as circunstâncias e locais, o qual enriqueceu o conteúdo, sendo que o agrado de cada Agricultor/a foi respeitado, com relação aos tópicos abordados.

Abaixo serão dissertados os diálogos feitos em Abril de 2014 e novembro de 2014, bem como demonstrar a arquitetura das roças através de fotos e/ou desenhos, ou mesmo as descrições feitas oralmente, muitas das vezes utilizando a areia para desenhar e demonstrar.

Diálogos com os agricultores (as) da Aldeia Pedra Branca, com o casal agricultor da Aldeia Barra e com o Indigenista da Funai aposentado, Fernando Schiavini. Visitas as Roças, quintais e/ou dinâmica participativa de desenho de roças.

Agricultora : Maria Krahô – Abril 2014

Dona Maria, é agricultora e mora na Aldeia Pedra Branca, começou a plantar aos seis anos de idade, viúva. Tem na sua roça, mandioca, batata, inhame, arroz, fava, andu. Planta arroz com mandioca, sendo que o arroz planta primeiro e quando atinge um metro e meio de altura, planta a mandioca. Planta dois pés de arroz e um de mandioca. Quando colhe o arroz, derruba a palhada e a mandioca desenvolve. Faz o monte com terra e palhada de arroz e planta a batata. Planta arroz em outubro, assim como andu, mandioca, fava, batata. O começo do plantio é só de andu para não abafar os outros. Comenta que compra carne, café, açúcar no mercado de Itacajá. Segundo Dona Maria, o homem é quem roça, derruba, queima, corta, coivara, na roça e que a mulher capina o mato e que todos plantam, inclusive as crianças.

Tabela 2

O que planta	Como planta	Interferência na roça	O que compra no mercado
Mandioca, Batata, Banana, Inhame, Arroz, Fava, Andu	Planta primeiro o andu para não abafar o plantio, depois planta arroz com mandioca. O arroz primeiro e quando atinge um metro e meio planta a mandioca. São dois pés de arroz para um de mandioca. Quando colhe o arroz, derruba a palhada e a mandioca	Capivara comeu todo o arroz. O mato é bom para o plantio, faz cobertura com o mato.	Carne, café, açúcar.

	desenvolve. A palha de arroz misturado com a terra faz o monte e planta a batata.		
--	---	--	--

Ao chegar na Aldeia Pedra Branca, fui recepcionada pelo Cacique Miguelito, que indicou a casa do seu irmão Emiliano (Pajhôt) e Guiomar (Hômjaka) para hospedar-me. Era por volta de 11h, e então a primeira tarefa foi colaborar no feitiço do almoço. Momento alegre e descontraído.

Figura 39: Miguelito Krahô, Cacique da aldeia Pedra Branca.

Chegada na Aldeia.



Foto: Hemiliano Payrot

E nesse momento, o Sr. José Miguel, pai do Cacique, um dos mais antigos da Aldeia, chegava de um banho de rio, passou por ali, olhou e depois que se assentou, pedi permissão

para conversamos, fiz uma breve apresentação do trabalho e minha intenção naqueles dias na Adeia. Sr. José Miguel começou a falar, atenta ouvi com poucas indagações.

Figura 40: Agricultor: José Miguel /Abril de 2014 - quintal de sua casa. Foto Nadi Santos



Sr. José Miguel conta que na Aldeia tinha a escola cultural Kairé, onde o Krahô ensinava contando, as suas vivências, como cuidar da família, das crianças. Essa escola deu lugar ao que é hoje um armazém. Conta que há um encantado que fica lá no pé do céu, de onde o vento sai, Kayré. sabia toda coisa, toda cantiga. Sr. José Miguel nasceu em 1948 e chegou a Pedra aos 8 anos de idade. Tem origem Apinajé. Os antigos mudavam de Aldeia, andavam no mato para conhecer o lugar, ver se o mato era bom, se tinha caça, mato bom para roça.

Ver se tem naquele lugar palha de buriti, palha de piaçava para fazer casa, água boa. Ver se tinha terra boa, cor barraria vermelha, preta, cinzada. A aldeia quando ficava velha, tinha muito lixo diferente e começava a dar doença, a caça acabava. Antigamente não tinha plástico, garrafa, era lixo orgânico, mas dava doença, febre. Diz que sempre caçou, sempre botou roça. Quando mudava levava tudo, rama de mandioca, inhame e tudo pegava. O krahô, compra hoje compra arroz, carne e farinha em Itacajá. Conta que de 1970 a 1980 teve fartura e de 1980 para c foi diminuindo a produção. Tinha sempre dinheiro, pois vendia produtos da roça. Colhia arroz, colocava no sol, de pois pisava e vendia em Itacajá, também abóbora, batata. Começou a comer

macarrão, tomar café, antigamente só comia rapadura, só tinha rapadura. Só planta na sexta feira após a lua cheia e só inicia qualquer projeto nesse período.

Retornando à Aldeia Pedra Branca em novembro de 2014 e retomando os diálogos, conversei com o Sr. José Miguel novamente. Nesse momento houve alguns tópicos orientadores para o diálogo como: O que o senhor planta em sua roça? o que o Sr. planta mais cedo? Em setembro e outubro o que planta? Como o Mehin se prepara para plantar? Faz algum jejum? Qual a semente está sumindo aqui da Pedra Branca? Como lidam com o fogo? Quais festas que a Aldeia Pedra Branca pratica?

Figura 41 : Novembro de 2014. Visita ao agricultor José Miguel Krahô - Quintal de sua casa



Foto: Emiliano Payrot

Como disse, Sr. José Miguel só planta na sexta feira depois da lua cheia e plantava de tudo. Algumas coisas plantava primeiro na parte molhada, perto do brejo, para não morrer, como melancia, abóbora, mandioca, milho. A segunda plantação, depois de tocar fogo, na lua

cheia, planta mandioca, o restante do milho, batata e cana. A batata, o inhame é custoso para dar, então planta-se no começo das chuvas para que até o próximo ano tenha criado raiz e quando começar a secar as ramas, no verão, está bom, pode arrancar. Novembro é bom para plantar e então planta-se o restante. O Sr. José Miguel não gostava de plantar andu e fava. No mês de setembro e outubro, logo depois de botar fogo na roça, já estava com todas as mudas para plantar banana, cana, mandioca. Na parte molhada planta arroz, tem arroz de cinco meses, quatro meses, noventa dias. Em novembro planta todas as outras coisas. Quando chega janeiro já tem tudo. A plantação, segundo Sr. José Miguel, faz assim: plantamos a mandioca, e quando a mandioca vai brotar, plantamos arroz por cima, depois do arroz planta o milho também a fava, tudo junto. Quando o arroz amadurece, colhe-se todo e vai-se roçando o talo do arroz, roçando a mandioca, limpa-se a fava e deixa a palha forrar a mandioca. A rama da fava vai subindo na mandioca. Para plantar o agricultor faz alguns preparos como jejuns, restrições a alguns alimentos ou algumas pinturas corporais. Com relação ao Sr. José Miguel, conta que para plantar mandioca, planta na lua cheia e pinta o corpo com o carvão do galho de uma árvore que se chama Tuderú, pinta a boca, os braços e o peito e depois faz a cova da mandioca, assim vai dar muito bem. Isso foi ensinado aos Krahô pelos antigos e Sr. José Miguel pratica. Está sumindo da Aldeia Pedra Branca, segundo Sr. José Miguel, o inhame, milho, amendoim, do craô mesmo. Conta que a roça tem a visita da capivara e caititu, que às vezes comem tudo.

Com relação ao fogo, diz que tem anotações sobre o fogo da época de rapaz jovem, que no cerrado nunca entrava fogo e que agora que chegou em uma idade mais avançada percebe que entra fogo no cerrado e avança tudo. Conta que o Cacique Miguelito orienta o povo da aldeia a esse respeito e que muitas pessoas estão entendendo. Para botar roça, estão fazendo aceiro e o fogo não espalha. Para fazer roça, toca fogo uma só vez e depois é só não deixar a mata voltar. Fica ali, por dois, três, quatro anos e depois que começa a criar um capim, caipraim, então não vai criar mais nada, e não se limpa mais para fazer roça, se transforma em uma capoeira deixa lá e procura outro lugar; depois de uns oito anos, volta nesse lugar e faz roça novamente. Comenta que a mata está pouca, que tem muita roça por lá. Realizam na aldeia a festa da batata e a do milho. Conta que a festa do milho se faz assim:

“todo mundo tocou fogo na roça, todo mundo está com roça queimada, aí o catamejê vai pegar semente de porupre de manhã cedo, pinta a cabaça e vai levar para o pátio, coloca

no meio para o povo todo ver. O responsável pelo milho vai escolher uma pessoa e entregar o milho para plantar naquele dia. Todos vão plantar na sua roça um pouco de: arroz, banana, abóbora e todos vão plantar milho também para fazer porupre. Quando o milho estiver bom para fazer porupré, então terá outras coisas também. Então haverá a combinação dos Catamejê roubarem a roça dos wakmejê. No outro dia os Catamejê fazem porupré e correm de manhã cedo para o pátio. Vão por nesse porupré toda coisa, banana, cana, abóbora, corrida de porupre. Quando Catamejê corre, chega a hora dos wakmejê roubarem a roça dos catamejê. Dois roubos do Catamejê e wakmejê. Wakmejê não vai por nada, o porupre deles é bem pequeno, só poru mesmo, corre pela madrugada. A tarde vão fazer a cantiga de porupre no pátio e todas as mulheres vão fazer um cesto de milho e leva para as meninas colocarem no ombro. Os cantores e cantoras vão cantar no meio, todos os rapazes já estão lá no pátio, as mulheres tocam o sininho e acabou. No outro dia faz corrida de tora. Na época da festa do milho quem governa é Catamejê. (resumo da festa para incluir depois... Vão fazer roubo da roça e juntar numa casa, Catamejê rouba wakmejê, faz arrumação de palha de bacaba e juntam todo material roubado, todos os catamejê vão colocando no cesto grande, muita gente vai colocando nesse cesto e se preparando para a corrida. De manhã cedo correm com esse cesto para o pátio. Catamejê faz esse porupre e por o que roubaram dentro: batata, inhame, abóbora, cana, banana. São dois porupré, ganha quem chega primeiro. Os visitantes, outras aldeias vão comer. São dois porupre, ganha quem chegou primeiro”

Sr. José Miguel comenta um pouco a respeito da festa da batata Na festa da batata ocorre os noivados e casamentos da aldeia: a família da noiva faz paparuto, a família do noivo

faz paparuto que trocam depois da corrida da tora da batata às 6 h no pátio. A noite é hora de entregar a noiva para o marido. Vai ter brincadeira de Hothuá, os noivos estão em volta do fogo. O Hothuá vem os noivos saem. A tarde correm com tora. A família vai buscar o noivo, a mãe da noiva faz comida. O Padré-cantor leva o noivo para a casa da noiva e dá conselho para os dois, depois dos conselhos, libera a comida e estão casados.

Tabela 3

O que planta	Como Planta	Como é lugar bom para fazer roça?	Como o Merrim se prepara para plantar?	Qual semente está sumindo do Krahô?
Melancia, abóbora, mandioca, milho, batata, cana, inhame, fava, andu, abóbora, arroz, banana, amendoim.	A primeira plantação, planta: melancia, abóbora, mandioca, arroz e milho, na parte molhada, na beira do brejo. A segunda plantação, planta: mandioca, o restante do milho, batata, cana, planta cedo, após tocar fogo, no começo das chuvas, para daí a um ano dá raiz, também banana. Toca fogo na roça e quando vê a lua cheia já está com toda muda para plantar. Novembro, bom para plantar, acaba de plantar toda. Em janeiro já tem tudo. Nossa plantação é assim, agente planta mandioca, quando mandioca vai brotar planta arroz por cima, depois do arroz planta o milho também, tudo junto. Quando o arroz madruceu, colhi todo, vou roçando a tala do	Terra boa é barraria, vermelha, preta, cinza. Branca para mandioca.	Se você está plantando mandioca e quer que dá bom raiz pra você, a lua cheia né e agente corta o galho de uma árvore que chama Tuderu, com o carvão dele, agente faz pintura nos braços, nos cantos da boca, no peito, ai vai fazer cova de mandioca e dá bom.	Inhame, milho, do Krahô mesmo e também amendoim.

	arroz, roçando a mandioca, se plantei fava, já vou limpar. Deixa a palha forrar a mandioca. A rama da fava vai subindo na mandioca e dá a fava na mandioca			
Comida Tradicional	Interferência boa ou ruim na roça.	Como lida com o fogo		
Abóbora é bom moqueada com carne. Mandioca mansa e brava, agente faz grolado, beju, paparuto. Farinha da batata.	Animal chega e come, capivara e caititu. O capim, caipran, quando cria, depois de dois ou quatro anos de roça no mesmo local, não cria mais nada ali. O mato está pouco e tem muita roça por aqui.	Estamos observando muito o fogo, entendendo como o Cerrado pega fogo, como é o comportamento do fogo. Fazemos aceiro para o fogo não espalhar. Antigamente tinham mais conhecimento do fogo.		

Figura 42 : Agricultor : Renato – Abril/2014 – Quintal de sua casa.



Foto Nadi Santos

A roça do Renato fica longe da Aldeia, e não foi possível visitar. Conversamos um pouco no sentido de conhecer a lógica do seu plantio. Renato planta Mandioca, arroz, fava, andu, milho, inhame, batata, cana dentre outros. Conta que planta primeiro a mandioca e que dez dias depois planta o arroz, juntos. Planta fava, andu, milho, inhame, batata juntos. Derruba a moita de cana e deixa apodrecer, revira, faz a covinha e planta. Quando o arroz está parindo, o andu, fava começa a florescer. Não usa veneno

Tabela 4:

O que planta	Como planta	Interferência na roça	Fogo
Mandioca, arroz, fava, andu, milho, inhame, batata, cana	Planta primeiro a mandioca e dez dias depois planta arroz, juntos. Derruba a moita de cana, deixa apodrecer, revira, e planta: fava, andu, milho, inhame, batata, juntos.	Capivara come o arroz.	Preserva as árvores frutíferas do Cerrado ao botar fogo em sua roça.

Figura 43: Agricultor : Emiliano Payrote – Abril /2014 – Voltando de sua roça



Foto Nadi Santos

Emiliano fala um pouco sobre administração dos trabalhos e partidos na roça. É visto nesse trabalho que em cada diálogo, o Krahô conta uma parte da festa, um aspecto da rotina diária. Lendo o trabalho todo, terão compreensão de como acontece, ou quase, o rito como um todo. Emiliano conta que Wakmejê vai cortar a tora do milho na primeira chuva. Vão correr com ela e fazer cantoria. No período da tarde vão fazer peteca e jogar. Depois Catamejê corta outra tora para repassar o mandato, no final de abril.

Em primeiro de maio realizam a festa da batata. O palhaço joga a batata, o que cai sai, perdeu, o que ganha leva a batata. Nessa ocasião tem dança a noite toda. Tem corrida de tora pela manhã, 6h e a tarde, 16h joga a batata. Conta que Catamejê é chuva e que Wakmejê é verão.

Nessa ocasião, os mais velhos correm com a tora, tora da batata. O casal que não tem filho faz paparuto, e a mãe do homem leva para a mãe da mulher, que é distribuído para os parentes às 5h da manhã. Segundo Emiliano, com a Macaxeira faz paparuto e que a mandioca brava faz farinha. O paparuto é feito com pedaços de carne e a farinha feito paçoca. Diz que o Krahô abusa de comer arroz e farinha, então comem beiju e engrolado.

Têm o costume de cantar, que segundo Emiliano, distrai e termina o trabalho mais cedo e só pode, nesse caso, cantar o cantador. No outro dia, de manhã cedo, fomos a sua roça, Ele, a esposa e um garoto que convivem como se fora filho. No retorno trouxe mandioca e lenha para fazer o almoço.

Figura 44 : roça do Sr. Emiliano. Consórcio de mandioca, arroz e feijão Guandu.



Foto: Nadi Santos

Novembro de 2014. Visita ao Agricultor Emiliano Payrot. / Continuidade da pesquisa.

Emiliano planta em sua roça Macaxeira, mandioca, arroz. Primeiro, planta macaxeira, que é a mansa, a que cozinha e faz paparuto, depois planta mandioca brava e arroz. Plantou o arroz misturado com a mandioca e considera não ter tido bom resultado, em um próximo plantio vai fazer o teste plantando separado. Nesse ano considera que fez uma roça pequena, por ter viajado. Andu plantou no quintal de casa. Comenta que planta apenas no sábado porque dá uma boa raiz, e na lua nova perto do meio dia, antes da lua cheia. Costuma não tirar tudo da roça, para deixar para o próximo ano e não ficar dependendo do outro e também, repassa as sementes para sua mãe guardar, porque é mais velha e tem suas coisas guardadas.

Com relação ao fogo, fez acero nesse ano, roçar e limpar três metros em volta da roça e só depois tocar fogo, e precisa ficar olhando para evitar de o fogo espalhar. Costuma comprar tudo no mercado e as vezes não compra, prefere fazer mandioca, beiju, grolado e farinha. Considera o Merrim diferente do Cupen, o Merrim chama a família que pega um pouco para si. Se deu cinco sacos de arroz, dá três e fica com dois.

Segundo Emiliano, fazem na aldeia a festa de purteré e descreve:

“os homens vão ajuntar no pátio a tarde, a partir das cinco, ajunta tudo e vai para a pensão , Watã, quando vai falar para os parentes todos fazer paparuto e volta para o pátio para fazer combinação de que horas vão sair para o mato caçar. Quando chegar do mato, traz caça para dá para família fazer paparuto e no outro dia pela manhã corre com tora e vai para o ká, pátio. Depois da tora vai levar paparuto para o pátio. Cada qual tem partido, urubu, peba, periquito, gavião, coruja. O grupo urubu vai ajuntar, cada qual vai pro grupo dele, ajunta a comida dele e o grupo come. Combina se vai fazer algum serviço junto, combina e depois espalha para casa.”

Faz também a festa da esteira:

“Ajunta os craré (criança), o cantor leva os meninos para o pátio, vai ter duas rainhas e depois vai escolher o lugar de ajuntar todo dia, todo dia no mesmo lugar. A mulhezada vai escolher aquele rapaz para dar comida todo dia. No final o pai do rapaz vai fazer esteira para aquele mulher que está dando comida, pagando esteira. Para pagar a esteira faz um mês, ou um ano de festa, esteira dá muito trabalho. Quando termina de fazer esteira , leva para onde o rapaz ajunta. A esteira é feita de palha de buriti para dormir”.

Tabela 5

O que planta	Como planta	Como conserva sua semente	Interferência na roça
Arroz, mandioca, macaxeira, andu	Planta primeiro macaxeira (mansa), depois mandioca (brava), depois planta arroz. Planta só no sábado, na lua nova perto do meio dia, que dá uma boa raiz. Limpa tudo para co plantio e faz cobertura do solo com o mato.	Não arranca tudo, deixa um pouco na roça para o outro ano. Dá as sementes para sua mãe, é mais velha e sabe guardar.	Capivara comeu praticamente todo o arroz
Fogo	O que compra no mercado	Comida tradicional	Festa tradicional
Faz aceiro, capina três metros em volta da roça e o fogo não passa.	Compra tudo, mas tem dias que não compra, prefere cozinhar mandioca, fazer farinha.	Paparuto, massa para beju, crolado, farinha.	Perteré, tora, Caturi, festa da esteira.

Após visitar a roça do Sr. Emiliano, seguimos para a roça do Sr. Clovis Bento Krahô, que ficava na mesma trajetória da caminhada.

Figura 45: Agricultor Clovis Bento Krahô e sua esposa – Abril de 2014.

Visita a casa de apoio na sua roça. Foto : Nadi Santos



Conhecido como olho furado, Sr. Clovis Bento planta mandioca, macaxeira, milho, banana, batata, andu, gergelim, arroz e cria galinhas. O arroz, conta que a areia quente destruiu e que a capivara comeu tudo, e que agora pretende plantar em janeiro. Planta macaxeira em outubro e em abril já tem raiz, e pode tirar. Comenta que gosta de plantar e cuidar do que vai comer. Compra carne, querosene, pano para a mulher, leite em pó, feijão quando não tem nada. Pesca no ribeirão, come ovo com beiju e arroz. Diz que não tem mais caça, caititu, veado, pois tem divisa com branco que não quer vê índio. Sr. Clovis tem 61 anos e é Catamejê, um pau furou o seu olho quando cortava madeira. Recebe aposentadoria e cuida da roça. Comenta que os mais novos não estão querendo saber de roça, só de futebol,

“antigamente a família toda ia para a roça, cantando, cantando até acabar o serviço. Tinha reunião no pátio, tirava dois caçador, os outros ia pra roça, cuidando, até quando caçador chega e parti a caça e corre com tora as 15h. Todo mundo em casa cozinhando, hoje não tem mais assim”.

Figura 46: Roça do agricultor Olho furado e sua esposa,



Foto: Nadi Santos

Sr. Clovis Bento foi corredor de tora e esse ano pretende fazer bastante farinha para vender para cooperativa ou na cidade. Para fazer a farinha, coloca a mandioca de molho, enxuga com tapiti, faz fogo e torra. Comenta que está difícil semente de fava, milho pipoca.

Tabela 6

O que planta	Como planta	Qual semente está sumindo
Mandioca, macacheira, arroz, milho, banana, batata, Andu, gergelim.	Planta a macacheira em outubro e abril já tem raiz. Plantou arroz em outubro, porém a areia quente destruiu tudo, agora pretende plantar em janeiro. Gosta de	Fava, milho porujej, pipoca

fogo em cima do que foi brocado. Dois dias depois do fogo brota o que plantou em abril. Então no dia sete de setembro inicia a plantar com cinco feixes de mandioca brava, de macaxeira e milho, fava, melancia, cana, banana, termina de plantar tudo em outubro, ou novembro. Em janeiro e fevereiro já está comendo o que plantou. O agricultor Krahô tem algumas restrições alimentares e ou outros com relação aos trabalhos de roça. No dia em que for plantar batata não pode pegar carne crua e sangue, quando for plantar milho não pode comer coisa doce, para plantar Najá não pode comer com sal, mulher ou homem novos não podem plantar amendoim, senão o filho nasce amarelo e morre. Quanto ao plantio não tem nenhuma restrição sexual, porém não pode ter relações na roça, se não cutia chega logo e come tudo. O Sr. Luiz pinto não sabia desenhar, então escreveu no cartaz o seu modo de fazer a roça dele.

“No final do mês de março, mês de abril - roça de toco de 10 tarefa. Eu pranta cabeça de banana, inhame, batata doce, fava, manaiba, milho e andu. Antes de brocação, mês de agosto, queimação. Queima. Dia 07 de setembro prantação: milho, manaiba, cabeça de banana, inhame, batata doce, andu e fava. Mês de outubro: arroz, cana, abóbora e feijão e termina. Primeiro manaiba, passa 4 dia eu pranta arroz. Depois pranta tudo , cada um com seu espaço e da certo.”

Visita ao agricultor: Luiz Pinto - Novembro de 2014

Em novembro de 2014, houve um segundo diálogo com Sr. Luiz Pinto, quando ele falou um pouco sobre os partidos e o que se refere a cada um com relação as atividades que descreveu. Conversamos também sobre alguns aspectos importantes na hora de fazer uma roça, exemplo: como é lugar bom para fazer roça .

Quando Wakmejê está no poder, e está no final do seu mandato, podem ir nas roças dos Catamejê, pegar o que quiser e o dono não pode falar nada. Assim faz Catamejê quando está no final do seu mandato. E então, passam a demanda. Com relação a um lugar bom para fazer roça diz que tem que ser um lugar meio molhado, que não tenha só areia, precisa ser misturado, areia e barro molhado meio vermelho e marrom, que chama barraria.

Figura 48: Agricultor Luiz Pinto, em sua roça mostrando o que é terra boa para fazer roça.
Foto: Nadi Santos



Foto: Nadi Santos

Procurou esse lugar na Aldeia e não encontrou, encontrou em São Vidal, uma região que fica a da Pedra Branca. Demonstra que terra boa é aquela que fica o bolinho na mão e não esfarela. Nesse momento entramos no assunto sobre o plantio. Terra boa tem a parte molhada e a parte seca. Então segundo Sr. Luiz Pinto planta primeiro na parte molhada em abril: milho, abóbora, mandioca, feijão, fava, batata, cana, banana, laranja, caju, manguita, coco anão, coco da praia, coco nativo. Na parte seca, que tem só areia, planta as mesmas coisas, no inverno, primeiras águas, então segura. Diz que não pode plantar arroz e mandioca no mesmo dia, porque o arroz vai tomar conta. Planta Manaíba em um dia e após três dias planta o arroz, então dá certo.

Algumas atividades para os indígenas Krahô, em especial o plantio, requer preparos, ou jejuns que envolvem alimentação e outras práticas como a pintura corporal. Sr. Luiz pinto faz resguardo para plantar. No caso da fava e milho não pode comer congo (cabeça de fruta de Najá), não pode comer e nem pegar óleo, osso da caça de tatu (não pode roer e nem triscar) senão vai apodrecer o pé, a espiga; para plantar abóbora não pode comer nada de caça; melancia

não pode comer jaboti; cabaça não pode comer bucho de qualquer animal; milho, abóbora, melancia, feijão não pode tocar material de barriga de animal, osso.

Continuando na indagação, Sr. Luiz pinto conta que está desaparecendo semente de arroz, banana, cana, batata, inhame, gengibre, caparé e cupá. Quanto a interferências na roça, comenta que as formiga estragam as folhas e pessoas que não fazem roça arrancam a mandioca. Quanto ao fogo, observa o comportamento do fogo e faz aceiro quando preciso. Compra no mercado arroz, feijão, banana, carne, pano, lamparina, óleo, quando necessário. Tira praticamente tudo da roça e fornece para a Aldeia em geral, caça ema e também compartilha com a Aldeia. Trabalha em sua roça praticamente sozinho com a esposa dele e o neto que já inicia aprendendo com os avós. Tem apenas filhas e o único genro mora em outra Aldeia.

Figura 49 : Neto do Sr. Luiz Pinto, aprendendo com os avós/Foto: Nadi Santos



Quanto as festas que fazem na Aldeia, segundo Sr. Luiz, muitas delas já não se praticam mais, considera que os jovens não se interessam muito, querem apenas jogar futebol, Sport do cupen. Quanto as atividades de caça, e outras práticas que os antigos faziam como esteira, trabalho de roça, tomar banho cedo, tomar café, sair cedo, fazer corrida, diz que não estão querendo. Comenta que somos como borracha,

“se puxar fica comprida, se soltar encurta. Nenhum serve para corrida como antigamente. Não é todo que entendeu esse resguardo, nem para caçada, nem parteira sabe como antigamente pega menino. A mãe da menina não aprendeu qual objeto que não pode por a mão nele. Na hora de nascer ganhar menino sai na hora, se pegar o que não serve pra isso, segura, na hora de ganhar menino, parece que apregou com prego. As parteiras estão perdendo conhecimento, a maiorias dos meninos estão nascendo no hospital”.

A conservação das sementes, Sr. Luiz faz de um ano para o outro. Tudo que já amadureceu coloca em um pane, metade é para alimentação e a outra metade conserva como semente para o outro ano e também distribui para os que considera necessitar, como as viúvas, quem tem muitos netos, quem está cego. Utiliza também cabaça seca , pisa pimenta e gengibre e as sementes ficam conservadas até plantar, prepara uma casinha na Aldeia e guarda suas sementes.

Tabela 7:

O que planta	Como planta	Como é lugar bom de fazer roça	Qual o preparo do Agricultor para o plantio.
arroz, mandioca brava, macaxeira, andu, feijão, fava, abóbora, inhame, batata, banana, cana, melancia, milho, gergelim,	A lua começa a engrossar e pode plantar. Em abril planta batata doce, banana, inhame broca em cima. No mês de agosto toca fogo em cima do que foi brocado. Dois dias depois do fogo brotam as folhas do que foi plantado. Dia 07 de setembro inicia o plantio com 5 feixes de mandioca brava e macaxeira. Primeiro planta a mandioca e passados	Uma parte que não é só seco, é um pouco seco e molhado, misturado, areia e barro molhado, chamado Barraria. Uma terra meio vermelha e marrom.	Para plantar fava e milho, não pode comer congo(cabeça do fruto de naja), não pode comer e nem pegar óleo e osso da caça de tatu, senão vai apodrecer o pé , a espiga. Para plantar abóbora, melancia, não pode comer caça, jaboti. Para plantar cabaça, feijão, não pode comer bucho de nenhum animal e nem osso.

	4 dias planta o arroz , inhame e batata cedo do mesmo dia, Banana e cana as 7h. Planta no mesmo dia fava, distante dois braços do arroz e mandioca, feijão mais distante um pouco. Depois de três dias planta o milho e planta tudo. Jan. e fev. já está comendo o que plantou. Limpa tudo para o plantio e faz cobertura com o mato. Se não está chovendo bem deixa o mato cobrindo a semente para proteger. Depois que passa mais a chuva limpa pouco e com cuidado.		
	Pode plantar quando a lua começa a engrossar. Planta Inhame e batata , cedo,		
Como conserva sua semente	Interferências na roça	Fogo	O que compra no mercado
Panha tudo que já amadureceu faz um pane e metade fica pra comer e a outra metade para semente e plantar no próximo ano. Coloca também na cabaça seca com pimenta e gengibre pisados para conservar. Prepara uma casinha na Aldeia mesmo e guarda lá. Considera	Capivara come todo o arroz. Formiga come as folhas e pessoas que arrancam o que foi plantado.	Vai ver o local, se for preciso faz aceiro, se não toca o fogo e não espalha. Observa o comportamento do fogo.	cebola, arroz, feijão, banana, carne, macarrão, pano, lamparina... óleo

que o arroz, banana, batata, inhame , gengibre, caparé, cupá está ficando pouco.			
--	--	--	--

Figura 50 x: Agricultor: Manuel Juarez – Xicun Krahô e sua esposa. Abril - 2014.

Figura: Desenho participativo de roça. Quintal de sua casa.



Foto: Nadi Santos

O Sr Manuel fez o exercício de desenhar sua roça , ele planta Arroz, Mandioca, Milho, Batata doce, abacaxi, inhame, andu, cana, amendoim, abóbora, melancia, mamão, maracujá. Broca em maio, queima em agosto e planta em outubro. Colhe arroz ligeiro em janeiro (três meses), a mandioca em dois anos, milho em três meses. Amendoim só os mais velhos plantam.

Tabela 8

O que planta	Como planta	Como é lugar bom para fazer roça
Arroz, mandioca, milho, batata doce, abacaxi, inhame, andu, cana, amendoim, abóbora	Broca em maio, queima em agosto e planta em outubro. Amendoim só os mais velhos podem plantar.	Lugar onde tem barraria é bom.
Fogo	Interferência na roça	Como conserva sua semente
Faz o aceiro.	Capivara	No pane e na cabaça seca.

Nessa roda de diálogo, foi identificado o Sr. Luiz Pinto o agricultor com maior vocação, por ser mais velho, guardar os conhecimentos dos antigos, ter uma maior diversidade em sua roça, e mostrou muita animação em contar e mostrar o seu trabalho como Agricultor Tradicional Indígena. A roça do Sr Luiz Pinto é distante e só foi possível visitá-la com carro, na segunda viagem que foi feita em novembro, com o apoio do Sr. Valdemar Silva, funcionário do Setor de Transportes da Embrapa Cenargen. Alguns agricultores se detiveram apenas ao diálogo, por ser uma caminhada muito longa.

Figura 51: Agricultor Pascoal Hapor – Visita ao seu quintal. Novembro /2014



Sr. Pascoal, filho da Sra. Ben Vinda, 77 anos, conversou um pouco sobre a sua roça. Planta arroz, milho, feijão, andu, zaibara (mandioca brava), mandioca mansa (corpey), batata doce, inhame. Planta andu, inhame, batata no início de outubro. Em novembro planta primeiro o milho, quatro dias depois o arroz, e em seguida a fava. Em dezembro a mandioca. Comenta que a terra boa para fazer roça se chama barraria. Está desaparecendo andu, feijão de arranque, coco da praia, jaca, e conserva suas sementes na cabaça.

Quanto as interferências na roça, considerou que o mato atrapalha, limpa tudo para o plantio e que deixa algumas árvores como: cedro, aroeira, sucupira branca, caju, pequi, buriti, oiti. Quanto ao fogo, faz o aceiro de 3m. Tira da sua roça muitos legumes, porém compra no mercado, carne, farinha, arroz, açúcar, café, leite. Quanto às festas que realizam, destacou, festa da batata, porgaro (acender velas para os mortos), percarae (empenação de criança), parteráv (paparuto – corre com tora e vai buscar paparuto). Tem a ajuda do seu genro, Sebastião.

Tabela 9

O que planta	Como planta	Como é um lugar bom para fazer roça
Arroz, milho, feijão, andu, mandioca brava.	No início de outubro planta andu, milho, batata. Em novembro planta o milho, quatro dias depois planta o arroz, e em seguida a fava.	Onde tem barraria.
Qual semente está desaparecendo	Como conserva sua semente	Interferências na roça
Andu, feijão de arranque, coco da praia, jaca.	Na cabaça	O mato é ruim, limpa tudo e conserva as árvores como: cedro, aroeira, sucupira branca, pequi, caju, buriti, oiti.
Quais festas praticam na Aldeia		
Festa da batata, porgaro, pecaræ, perteré		

Figua 52: Agricultor José André – Harà. Visita ao seu quintal e Diálogo a respeito da sua roça



Foto: Nadi Santos/ Desenho José Andre

O agricultor José André, falou um pouco de sua roça e desenhou. Não tivemos como visitar naquele momento, devido ao horário e distância. Agricultor novo, com 32 anos planta em sua roça: mandioca, milho, inhame, fava, feijão, andu, arroz, batata, cana, banana. O arroz planta em outubro, gergelim planta em outubro, novembro e janeiro. Inhame, fava, planta em outubro e novembro, milho em dezembro. O feijão planta na chuva ainda fraca, caparé em outubro. A batata doce planta separado do milho, e próxima do arroz. O milho planta junto com batata e banana. O andu planta separado da cana e banana. Na parte molhada planta: banana, cana, inhame, pimenta, na parte seca planta: arroz, milho. Considera que lugar bom para fazer roça é onde tem barraria, perto do córrego.

Com relação ao preparo do agricultor para o plantio diz que não pode ter relacionamento com a esposa durante três dias e que não pode comer gordura para plantar fava e andu. Conserva

sua semente na cabaça e no pano de algodão. As sementes que considera está desaparecendo são: fava, andu, feijão trepa pau. Comenta que as interferências na roças que não são boas são o mato, cipó que enrola nas folhas, camaleão que come as folhas de feijão. Quanto ao fogo, faz o aceiro para não avançar. Compra no mercado: sal, sabão, açúcar, carne.

Tabela 10:

O que planta	Como planta	Como é lugar bom para fazer roça	Qual o preparo do agricultor para o plantio
Mandioca, milho, inhame, fava, feijão, andu, arroz, batata, cana , banana.	Em outubro, planta caparé, milho, gergelim, inhame, fava. Em novembro, gergelim, inhame , fava. Em dezembro planta milho. Em janeiro planta arroz. O feijão planta na chuva fraca. A batata doce fica separada do milho e junto com o arroz. Milho junto com batata e banana. Andu, separado da cana e banana. Na parte molhada planta: banana, cana, pimenta. Na seca, arroz e milho.	Onde tem barraria, próximo do córrego.	Não se deve ter relações com mulher durante três dias e não pode comer gordura para plantar fava e andu.
Como conserva sua semente	Qual semente está desaparecendo	Interferência na roça	O que compra no mercado
Na cabaça e no pano de algodão.	Fava, andu, feijão trepa pau.	Camaleão come as folhas do feijão e o mato e cipó que enrola nas folhas.	Sal, sabão, açúcar, carne

Agricultor e Pahi : Miguelito Krahô. Abril de 2014. Diálogo a respeito de sua roça.

Fui recebida pelo Cacique da Aldeia Pedra Branca, Sr. Miguelito Krahô que deu as boas vindas e indicou um casal da Aldeia para me hospedar. Um tempo depois, Miguelito retornou para certificar se estava tudo bem e para conversarmos um pouco. Foi um diálogo que tinha alguns tópicos orientadores , porém outros assuntos que ele achou coerente colocar. Todo este texto foi baseado em afirmações de Miguelito, o que lhe confere todas as citações. É professor, presidente da associação e nesse momento ocupa a função de Cacique. No diálogo fez comparações do antigo e o novo.

Começa afirmando que “a roça é o sustendo do Krahô”, basicamente o alimento vem da roça e conservam um pouco para o próximo plantio. Em um dado momento, quando o que foi colhido acaba, começam a comprar o essencial no mercado. Antigamente a família toda botava roça, agora isso ocorre eventualmente. Antes usavam enxada e agora muitos utilizam plantadeira, antes da enxada era um cavador de pau Brasil. Miguelito, fez um comparativo quanto a vinda do vestuário, que antes de chegar a roupa todos iam para a roça juntos, hoje, isso ocorre eventualmente. Quando Itacajá, cidade mais próxima de algumas Aldeias Krahôs, era apenas um povoado, fazenda, os Krahôs ficavam mais a vontade, depois que se constitui cidade, começaram a se vestir.

A roça é para o consumo da família, e aproximadamente por um ano. Quando o alimento acaba, trocam-no por serviço, pedem emprestado, mas não passam fome. Continuando o diálogo, considera terra boa para plantar o lugar que tem uma área molhada, outra seca. Na parte molhada, no final de agosto planta arroz e em três meses colhe, o que chama de arroz novo. Na parte seca, planta em dezembro, janeiro e fevereiro: banana, macaxeira, inhame, batata, abóbora, melancia. Comenta que tem casa de apoio na roça , onde guarda ferramentas, dorme, caça, faz comida, leva a esposa e filhos, passam uns dois dias por lá. Fica na mesma roça de um a dois anos, porque a terra vai ficando dura, amarela e após uns onze anos, depois

que a mata se regenerar, retorna. Quando a roça fica com a terra desgastada, procura outro lugar, o que tem mata forte, fechada, nesse lugar tem terra boa, úmida, fofa, preta, chama de barraria. Nesse lugar planta: feijão, fava, guandu, batata, inhame, banana, milho. Na parte que só tem areia, planta: mandioca, fava, feijão. Está evitando fazer roça perto da Aldeia, porque considera estar desmatando muito. Miguelito tem sessenta anos e deseja que os jovens comecem a conscientizar a população da Aldeia com relação a conservar as áreas mais próximas e as cabeceiras dos rios, diz ter muito essa preocupação, inclusive a caça, não tem caçado muito, para conservar os animais, pois segundo ele, estão sumindo. Considera que para recuperar a floresta, o Krahô deveria fazer roça no quintal, plantar leguminosa, fazer composto. Miguelito, foi um dos indígenas que fez o curso de Agrofloresta com Ernest Gost, diz que os homens são iguais máquinas, derrubam tudo. “A raiz segura o solo. É preciso preservar os animais silvestres. Tem muito Caititu, mas nem todos caçam.”

No decorrer do diálogo, Miguelito conta um pouco da dinâmica social da Aldeia, a qual tem dois partidos que a governam: Wakmejê e Catamejê, a cada seis meses. Esses dois partidos se contrapõem em seus significados, porém são complementares. Wakmejê é o partido do sol, do verão, do dia. Catamejê é o partido da noite, da chuva. No pátio, quando nasce o sol, logo se separam em metades. Os que são do sol vão para o rumo do nascente, e os que são do inverno para o poente. Todos os dias fazem reunião as seis horas da manhã. O mais velho vai para o pátio – ka - por volta de três horas da madrugada e começa a chamar. O cantor também vai para o pátio com o maracá, quando param de cantar o Cacique, o vice vão para o pátio com dois representantes homens. As reuniões costumeiramente tratam de assuntos da Aldeia, da comunidade, de algum mutirão que precisa ser feito. A exemplo, decidem trabalhar na roça do Watã. Se a roça for grande, uma metade fica com wk e a outra com ctmejê, os grupos trabalham juntos, porém separados em partidos, como se fosse uma disputa, quem termina mais rápido, quem faz melhor, é assim que o partido trabalha. O partido que está governando é que tem a prerrogativa para fazer a divisão e distribuir por igual, por exemplo, um boi vão tirar o couro, cortar, partir em partes iguais e distribuir. A definição dos partidos para a criança que nasce se dá pelo nome que recebe. O nome já tem o seu partido definido.

O primeiro Wakmejê e Catamejê, conforme Miguelito relatou, nasceram assim:

“antigamente o krahô não existia, só o sol e a lua, só os dois moravam na terra, fizeram uma aldeia, só os dois moravam lá.

Só duas casas, pensaram moraram junto, e pensaram em fazer mulher. Fez uma roça plantou cabaça e papam pegou a cabaça e botou na água de molho , bem cedo, e de tarde tinha ouvido alguém acenando com a mão e chegou no crim , procurando papam e casa dele é ali , essa cabaça virou mulher do sol e foi dividindo, criando merim, e começou a criar partido, para corrida.”

Segundo Miguelito, o Krahô já nasce agricultor, pois ajuda o pai desde criança, considera a Roça a sua primeira escola. A tradição é passada através da oralidade e da prática. As crianças acompanham seus pais em praticamente todas as atividades. O banho do primeiro mijo da Sucurí, bem cedo, esse banho torna o Krahô forte, para poder correr com tora, principalmente para quem está se preparando para ser corredor. Os mais velhos colocam as crianças no pátio (kA) para conhecer o seu partido e também os ensina a correr com flecha e com tora bem pequenas. As crianças, se alguma faz algo errado, todas recebem castigo. Para casar, o Krahô faz preparo, o homem faz roça, aprende a fazer esteira, arco. A mulher, arranca a mandioca, rala, e faz o paparuto. Com relação ao resguardo, o casal faz junto, até por um mês, não podem comer a comida cotidiana. Comem milho, batata e depois gradativamente arroz, feijão sem óleo e sal, até se readequarem a alimentação normal, o resguardo é muito importante para o Krahô. Se fizer o resguardo direito, a mãe comendo bem e dando a mama, a criança cresce forte. Miguelito comenta que o material de fazer as casas está acabando e que estão ficando pequenas. A palha dá em um só lugar e todos pegam, o barro está diminuindo, a madeira também.

Com relação a roça, escolhe um local a beira de um rio, roça, derruba e queima no mês de agosto. O local tem uma parte mais molhada, perto do brejo e outra seca. Planta arroz mais cedo, no final do mês de agosto, na parte mais molhada e em Dezembro tem arroz novo para comer. Em outubro, planta na parte seca: mandioca, banana, batata, abóbora, melancia, inhame, em novembro planta arroz. Fica com a roça no mesmo local de dois a quatro anos, depois passa para outro lugar que tem mata. O local que virou capoeira. precisa de 15 anos para se regenerar, então está bom para derrubar novamente. Para Miguelito, o adubo é a cinza. Nem todos os indígenas Krahô fazem aceiro, mas a maioria está fazendo.

Como Cacique da Aldeia Pedra Branca, Miguelito tem algumas ideias inovadoras, fazer uma trilha ecológica na aldeia e pousada para os visitantes, fazendo assim considera que a Aldeia terá autonomia quanto a contratar serviços locais, sem a necessidade de procurar a prefeitura.

Incentiva os jovens a tomarem consciência da tecnologia que já chegou e utilizar a fim de fazer um mapa local onde possibilite ver os locais que estão desmatados e onde tem mata, madeira, lagoa. Incentiva os jovens quanto a prática da tradição, pois percebe que muitos não estão praticando, como o noivado. O noivado acontece na festa da batata, os noivos andam em volta da fogueira, a família faz paparuto e hoje alguns passam a morar juntos sem o ritual. Foi conversado na Aldeia a ideia de montar um armazém e diminuir assim as idas dos merins a cidade para fazer compras, evitando assim problemas no percurso. As mulheres da Aldeia financiaram , com o seu artesanato, a compra das primeiras mercadorias para o armazém e os merin em geral começaram a comprar na própria Aldeia.

Agricultor : Miguelito Krahô. Visita em novembro de 2014.

“O primeiro catameje e wakmejê como nasceu? Antigamente o krahô não existia, só o sol e a lua, só os dois moravam na terra, fizeram uma aldeia, só os dois moravam lá. Só duas casas, pensaram moraram junto, e pensaram em fazer mulher. Fez uma roça plantou cabaça e papam pegou a cabaça e botou na água de molho , bem cedo, e de tarde tinha ouvido alguém acenando com a mão e chegou no crim , procurando papam e casa dele é ali , essa cabaça virou mulher do sol e foi dividindo, criando merim, e começou a criar partido, para corrida.(Miguelito Krahô)”.

A associação da Pedra Branca, Kayré, foi fundada em 1988 com o propósito de fortalecer a comunidade e não ter dependência da Funai , prefeitura. Nessa época, Miguelito muito jovem foi trabalhar na associação dos Krahôs, Kapey, e lá foi diretor da escola Agroambiental, por três anos. Ganhou muita experiência nessa escola e voltou para a Aldeia

Pedra Branca e começou a assumir algumas responsabilidades e aos poucos a liderança da Aldeia como Pahi em 2011, por nove meses e então teve que deixar para cuidar de sua esposa que estava com problemas de saúde. Em 2013 comecei a voltar a me dedicar aos trabalhos na Aldeia e logo me indicaram para ser Pahi novamente. Miguelito quer ficar por um ano, pois assume muitas coisas, é professor, coordenador da associação e tem a família. *“Montamos o armazém, afim de tirar os merih da cidade. Os cartões que ficavam no comércio da cidade, agora estão no armazém e muitos estão comprando aqui mesmo.”* Miguelito tentou com o armazém diminuir o índice de alcoolismo na Aldeia e proporcionar mais independência em relação a cidade. O deslocamento fica muito caro e é geralmente feito em carros com caçamba e muitos mehins dividem o preço do frete, têm pouco tempo para fazer as compras, e precisam voltar logo para garantir o tempo do frete e o preço.

Conforme os antigos, os mais velhos é que passam a tradição para os mais jovens e na maioria das vezes acontece no pátio. Miguelito considera que os mais velhos não estão indo ao pátio, dizem:

“estou velho, não consigo mais fazer. Eu aprendi assim os velhos estão lá todo dia no pátio, se os velhos não estão lá no pátio, como os jovens irão aprender?”

Com relação ao dia a dia na Aldeia, Miguelito conta que na madrugada, por volta de 2h tem cantoria, 6:30 corrida de tora e combinação no pátio, qual a atividade vão desenvolver naquele dia, se vão para o mato caçar, se vão fazer algum trabalho na roça do pahi, ou na roça da penção (Watã). Depois da combinação, cada um vai para sua casa para comer e seguir para a atividade. Dependendo do trabalho que irão fazer, e voltando ao meio dia, as 15h tem chamada novamente para o pátio para combinar as tarefas para o outro dia e depois voltam para suas casas. A noite voltam para o pátio e tem cantoria.

A corrida de tora ocorre pela manhã e a tarde e a qualquer momento também. O banho do mijo da sucuri ocorre antes da cantoria da madrugada, esse banho, segundo a tradição Krahô, deixa o Krahô forte e é ideal para quem está se preparando, para quem quer ser corredor, caçador. Miguelito, diz que aprendeu muitas coisas com os mais velhos, como: não comer a noite, não tomar banho depois de outra pessoa. As atividades, conforme a tradição, aconteciam todos os dias, agora não está mais acontecendo, porém Miguelito diz que estão voltando, e que

ele como Pahi está incentivando a voltarem a realizar as tarefas e combinações, conforme os antigos. Foi indagado durante esse diálogo, como a escola na Aldeia interagia com os conhecimentos tradicionais, se havia uma disciplina, ou um incentivo por parte da escola quanto a isso. O pahi, diz que escola funciona independente da Aldeia, mas que já tem professores mehins, porém os mais velhos é que seriam os mais indicados para passar a tradição, porém eles, a maioria, não sabem escrever e isso dificulta a serem professores. Estima-se que na Pedra Branca tem 500 merins e que já são dois círculos, pois os mais jovens não querem mudar para outro lugar, se acostumaram com a Pedra Branca e acabam ficando por ali.

Na liderança da Adeia, Miguelito enfatiza a presença do Cacique, vice, conselheiros, prefeito e pajé. Os conselheiros são todos mais velhos. O pajé não participa diretamente da liderança, fica de fora observando e quando vê alguma coisa, avisa para o Cacique, esse conversa com o Vice, com os conselheiros e depois passa a informação na Aldeia e vão decidir o que fazer com a informação recebida. As principais festas que são realizadas na Pedra Branca são: Paiteré, primeiro filho, festa da batata, casamento. Conforme a tradição, o noivado acontece enquanto são pequenos, o pai da menina observa o menino, se é trabalhador, conversa com a mãe da menina, combinam e desde então passa a ser seu genro. A mãe da menina, também observa, escolhe o menino, entrega paparuto, combinam, e a partir daí passa a ser seu genro. Fica assim escolhido, os dois crescem sabendo que vão se casar e cuidam uns dos outros, compartilham alimento, caça. Assim, conforme Miguelito, funcionava bem, agora não acontece tanto. Os namorados aparecem casados. Quanto ao período de escassez de alimento, início do próximo plantio, o Pahi diz que a Pedra Branca não está passando necessidade, que a maioria tem bolsa família, aposentado ou empregado, e esses proventos ajudam muito quando os produtos da roça começam a acabar.

A escola da Aldeia tem até a 5ª. Série, sendo necessário continuar os estudos na cidade, o que dificulta o merih a realizar o cotidiano conforme a tradição e aprender através da oralidade Krahô. Miguelito é professor da escola, comenta que a participação dos merins como professores facilitou o ensino dos costumes Krahô na Aldeia, mas que não é o suficiente, a partir da 6ª. série, precisam ir em busca de mais escolaridade fora. Enquanto estão fora, não participam dos trabalhos de roça, como também das atividades sociais e culturais.

Com relação a preservação dos recursos naturais, Miguelito, considera que atualmente a Pedra Branca está tendo um maior cuidado. A mata está diminuindo e em consequência, as

possibilidades de, esgotada uma área, procurar outra, e então o capim aparece. As palhas e madeiras para a construção das casas estão acabando, pois, todos a buscam praticamente na mesma área, em consequência as casas estão ficando pequenas. Segundo Miguelito, a solução é fazer casa com material comprado da cidade, considera que assim esteja cuidando e preservando a vegetação em torno da Aldeia. O buriti está diminuindo em torno da Aldeia, a escola está com a ideia de levar os alunos para verificar e entender que não podem tocar fogo em tudo.

“Estamos conhecendo e respeitando mais nossas coisas, as abelhas. A escola está preocupada com isso, com a gestão ambiental. Estamos trabalhando, fazendo cartilhas, dicionário. Não aceitamos mais tocar fogo em tudo, estamos fazendo aceiro, preservando a mata”.

Miguelito, como professor da escola, incentiva a gestão ambiental, como também, a cultura, principalmente aquela que traz saúde ao mehin. Conta que foi professor de saúde indígena na escola e que pôde transmitir para os alunos as atividades relevantes à saúde indígena como levantar de madrugada, tomar banho cedo, ir para o pátio, correr com tora, não comer a noite, fazer os jejuns adequados, *“isso traz saúde ao mehin, e felicidade.”* Os jovens da Pedra Branca estão filmando tudo, são os guardiões da cultura. Miguelito foi aluno da Escola Agroambiental Kachecoy, projeto que foi desenvolvido nas aldeias Krahô, que na sede da Associação, Kapey, foram ministradas aulas e práticas. Essa experiência proporcionou a Miguelito um olhar diferenciado para o manejo e conservação da natureza, onde o uso e conservação precisam caminhar juntos. Nem todos os jovens podem ser caçadores, sendo assim, os animais irão acabar, *“não sobrará nem cutia”*.

O solo precisa ter cobertura, para não esgotá-lo. Práticas agroecológicas mudam um pouco a noção de uso e conservação da natureza na Aldeia Pedra Branca. Na prática Krahô de escolher um lugar bom para fazer roça, é escolher um local de mata fechada, e preferencialmente próximo a uma fonte de água. Ficam naquele local por dois ou quatro anos, e depois que a terra se esgota, não nascendo mais nada, a não ser capim, abandonam aquele local para regeneração da natureza e escolhem outro com as mesmas características anteriores. A cobertura do solo, uma prática essencial na agroecologia, colabora com a conservação do solo, pois o enriquece com o material orgânico ali depositado. Hoje, alguns agricultores da

Aldeia Pedra Branca, plantam deixando os matos, para sombrear um pouco a semente, ou se o arrancam deixam ali na terra com o propósito de proteger o plantio e fertilizar o solo. Miguelito conta que fez um trabalho intenso a respeito das noções agroecológicas que aprendeu na sua temporada de estudante da escola Kachecoy e também das experiências que obteve nos cursos de agrofloresta oferecidos pela Embrapa(Ynaiá Bueno, Maurício Hofman e com Ernest Gost . Comentou:

“Nunca vou esquecer a importância de fazer roça, de levantar de madrugada, ir para o pátio, ouvir decisão da Aldeia e depois vai trabalhar na roça.. Talvez naquele dia não está programado cada um trabalhar na sua roça, você acompanha grupo e toda comunidade ajudando um ao outro na roça”.

Miguelito considera que a aldeia Pedra Branca não está passando privações de alimento, como já passou, que estão fazendo roça e que junto, a comunidade, se fortalece. A participação de todos nas programações diárias da aldeia é importante como: ir ao pátio, ver o que está programado, correr com tora, a tarde participar da cantoria, na madrugada participar cantoria. Miguelito, como pahi, tem vontade de melhorar e animar a produção da roça, para isso, incentiva as práticas culturais do dia a dia da Aldeia. A reunião no pátio é muito importante, segundo ele, pois é ali que combinam as tarefas do dia e qual a prioridade, que pode ser um trabalho coletivo, como colaborar com algum mehin nos trabalhos de sua roça. Considera que a tradição e a práticas do dia a dia, é que dá certo, quando vem algo novo, tende a não dá certo, como as roças coletivas de arroz, um período que muitos mehins passaram necessidade. Miguelito pretende ajudar o “setor de roça”, como denomina, através do incentivo a criação de galinhas, criação de peixes, feitio de farinha.

A associação da Pedra Branca, com a participação do Pahi, montaram um armazém local, com o propósito de evitar que os mehins saiam para comprar alimento na cidade. Inicialmente, é comprado material na cidade e vendido na Aldeia, como arroz, feijão, carnes, farinha. A ideia de Miguelito, é que os mais vocacionados a roça produzam e vendam para o armazém para os que não estão fazendo roça. Ter alguns caçadores da Aldeia para caçar e fornecer ao armazém. Todas as iniciativas do líder da Pedra Branca são de buscar autonomia para os merihs e de depender o quanto menos da cidade, pois considera muito prejudicial as

idas frequentes, os fretes são caros, o tempo é muito curto para fazer as compras e muitos ficam por ali, expostos nas ruas consumindo produtos inadequados para sua saúde.

“Os nossos planos não podem depender dos outros, do cupen”.

Com relação a distância da Aldeia da cidade, considera que quanto mais longe mais forte na roça, e mais perto mais fraca, pois tendem a comprar na cidade, o caso da Pedra Branca. Refere-se às Aldeias Morro do Boi e Mangabeira como aldeias mais distantes da cidade e que são fortes na roça. O Pahi da Pedra Branca avalia que a dependência da Pedra Branca da cidade diminuiu, e em consequência, o uso do álcool e afirma que para cuidar dos mehins não há necessidade de montar uma igreja de fora, como em outras aldeias, pois os mehins tem sua concepção espiritual, Papam, e que de outro modo atrapalha.

“Cada um tem seu cultura, cupen, mehim, trazer uma coisa que a gente nem conhece! A gente aprende português porque precisa.”

A comunidade está compreendendo e fortalecendo as iniciativas do Pahi, as idas na cidade estão diminuindo, e assim havendo mais tempo para a roça e as atividades na Aldeia, fortalecendo-a cada vez mais.

Tabela 11

O que planta	Como planta	Como é lugar bom para fazer roça	Qual o preparo do agricultor para o plantio
Arroz, banana, macaxeira, inhame, batata, abóbora, melancia, feijão, fava, guandu, milho, mandioca.	Derruba e queima no mês de agosto. Planta mais cedo, o arroz, no final de agosto, na parte úmida. Na parte mais seca planta mandioca, banana, abóbora, melancia, inhame, batata. Em novembro, dez,	Mata forte, na beira do rio. Terra fofa, úmida, Barraria. Planta no lugar escolhido por dois ou quatro anos e depois procura outro lugar, enquanto o anterior está se recuperando, depois de quinze anos,	

	janeiro, planta arroz na parte seca. Na areia, planta mandioca, fava, feijão. O adubo é a cinza que fica no solo após a queimada.	aquele primeiro lugar está pronto para derrubar novamente.	
Fogo			
O Pahi, escola estão motivando a comunidade quanto ao melhor uso do fogo, preservando o Buriti e através de caminhadas com os alunos para uma conscientização ambiental.			
Festas/ritos Noivado/Casamento: O pai e mãe da menina, ainda criança, escolhem seu genro, observam se é trabalhador. Ambos os pais conversam, a mãe da menina leva paparuto para a família do menino e assim fica combinado que aquele menino será genro dos pais da menina. A partir de então um cuida do outro, dá caça, cukren. Paparuto de encerramento de resguardo: a mulher de um lado e o homem do outro, fazem de conta que pegam um pedaço de paparuto e o devolvem. A sogra leva o paparuto para casa e distribui entre a família. A partir daí o resguardo acaba e já pode comer arroz sem sal, carne sem sal e após um mês já pode comer temperado, arroz, feijão, óleo. O jejum faz parte da educação Krahô, pois o neném cresce forte, com saúde, não chora.			

A Aldeia Pedra Branca, é uma das Aldeias Krahô mais próximas da cidade de Itacajá, que antes era um povoado chamado de Porto do Val (inf. De João Pereira de Moraes/CTL/Itacajá). Miguelito conta que naquela época, sentiam-se mais a vontade, andavam nus conforme os costumes, tinham fartura de alimento, pois coletavam, caçavam, faziam suas roças. Produziam bastante mandioca, faziam farinha e vendiam para os cupens. Considera que mantendo a tradição, costume dos antigos, a Aldeia fica unida e mais solidária. Os ritos diários da aldeia, tem uma didática competitiva no sentido de provar quem é melhor corredor, caçador, cantador etc . Também, dessa forma o povo tem oportunidades de conversar, reunir-se e decidir

ações em prol coletivo, ou individual caso o merih esteja em condições especiais naquele momento que o impeçam de prover o necessário para a família, doença e incapacitação de tocar a roça, uma viúva, trabalhar na roça de Watã, (pensão).

As práticas tradicionais também trazem saúde ao mehin, pois motivam-nos a se preparar para participar da corrida de tora. O primeiro banho, na madrugada, banho do mijo da sucuri, deixa o mehin disposto, e saudável, fazendo assim todos os dias será um bom corredor, caçador. Os jejuns dão vitalidade a quem os pratica, como também melhor qualidade nos alimentos cultivados, que a caça tenha êxito. Os comunicados ao povo são feitos seguindo a ordem de hierarquia e vai se espalhando, até que a comunidade toda saiba de assuntos a serem abordados em alguma reunião. Miguelito considera que inserir algo novo, resultando em alguma melhora para o povo, é bem aceita é favorável e contribui para que aconteça, exemplo: a criação do armazém na Aldeia para que possa receber os produtos dos mehis para serem vendidos àqueles que não dispõem de todos os itens necessários à alimentação, ou cuidados pessoais.

A autonomia da Aldeia, segundo o Pahi, é fundamental para que ela possa continuar se mantendo em todos os aspectos, independente da cidade.

Visita a casa do Sr. Oscar Krahô em Abril – 2014. Diálogo a respeito de sua roça.



Figura 53: Oscar Krahô, 61 anos , visita a sua casa Abril – 2014. Diálogo sobre roça. /Foto: Nadi

Sr. Oscar conta que Papam deixou a cultura para o merihn e para o branco, e que essa cultura nunca é esquecida. Considera que a cultura de seus avós era boa e que a de hoje não está indo bem. Diz que a cultura do Krahô tem todo tipo de festa, festa da batata, da esteira, do peixe e outras e que os antigos precisam mostrar essas festas para os mais novos aprenderem.

“O pajé foi encontrar com as batatas dentro da roça e fez uma festa, e só esse mesmo fez uma festa de batata e sempre esse pajé era cantor também, ele gravou tudo, qual é o aniversário da cantiga. Então ele aprovou tudo, ai jogou para a comunidade saber, então a batata fez uma festa muito famosa então, por isso que nós não podemos deixar festa de batata. A festa da batata é igualmente o carnaval, todo ano tem. Não tem carnaval todo ano? tem festa da batata todo ano”.

. Sr. Oscar fez essa relação entre a Festa da Batata e o Carnaval também por motivos importantes para a Aldeia, é nessa ocasião que ocorre a troca de governo da Aldeia entre os pares de metades, Wkmejê deixa o governo para Catamejê. O primeiro governa no verão e o outro no inverno. Os nomes dos indígenas tem a ver com o partido a que pertencem. A disposição física, tanto do ambiente quanto do componente humano está relacionada com esses partidos. Um exemplo é a disposição da comunidade no ká , a parte do verão se localiza a oeste e a do inverno a leste, na prática de cantorias, reuniões. No exercício de cada governo são estabelecidas prioridades, na distribuição da caça, ou de algum alimento proveniente de algum rito e nos acontecimentos em que participam o coletivo, a prerrogativa é do governo que está exercendo. É realizada no mês de Abril, precisa acontecer no verão, então se estiver chovendo, é necessário esperar a chuva passar. A festa da batata marca uma mudança de governo da Aldeia. Wakmejê deixa o governo e para Catamejê, pares de metades que governam a Aldeia, alternando com as estações, verão e inverno.

“O índio fez uma roça grande, plantou batata, inhame, bananae na época de colher foi ver se tinha batata , ta bom, ai foi lá ver como está a produção dele, quando chegou perto da

roça , a festa da batata reuniu, todas as batatas, chegou lá o dono da roça, chegou lá, chegou perto e a batata mesmo estava cantando, e chegou lá, aquele vulto, o índio conversando muito, cantando, e vou devagarzinho, só as batatas e chegou lá e chegou na hora para assistir nosso cultura, a cultura que nós amostra para o Sr. aprender. Então o batata vai ser o mesmo batata de novo, acabou que o índio ficou no meio e mesmo um deles jogando batata, batendo lá o outro, e agora gravou tudo sua cultura e agora vou entregar por sua mão , de que você faça o tora, essa festa que você usa, essa cultura de vocês. E disse que esse pajé recebeu cantiga e quando chegar a época da tora ele corta o tora. Tora bem feita. Todos os anos nós não podemos esquecer a festa da batata”.

Visita a quintal do Sr. Oscar em Novembro – 2014

Dia chuvoso, Sr. Oscar chegara a pouco da roça, junto com seus filhos. Além da roça que cuida, junto com a família, tem 4 novilhas e cria galinha no seu quintal. Devido a chuva , não foi possível visitar sua roça, conversamos em sua casa enquanto tomava o café com mandioca cozida. Nesse momento foi feita uma dinâmica no qual seus filhos desenharam a roça, sendo possível verificar alguns aspectos da lógica que utilizam no plantio.



Figura 54: Imagem: Sr. Oscar Krahô, mostrando semente de gergelim, conservadas para o consumo e plantio e sua esposa Dalva. Foto: Nadi Santos

Figura 55 : Desenho participativo de roça no quintal da casa do Sr. Oscar. Filhos do Sr. Oscar. Fotos: Nadi Santos

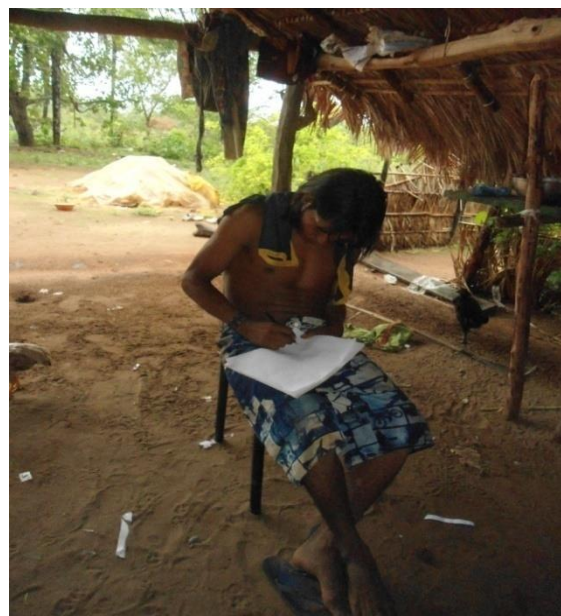


Figura 56 : Sra. Dalva Krahô, esposa do Sr. Oscar. Mostrando o inhame sucruiu no seu quintal.



Foto: Nadi Santos.

Sr.Oscar tem 61 anos de idade, e cultiva sua roça nas proximidades de casa, porém enquanto mais novo plantava longe, onde considera ter uma terra de melhor qualidade. Em seu roçado planta , mandioca, feijão, fava, macaxeira, batata, inhame, cará, banana, andu, gergelim, milho. O milho, planta em outubro e com vinte dias planta o arroz. Uma linha de um metro de milho (o andu é plantado na mesma lera do milho), de arroz, mandioca(um pouco mais longe). A mandioca é plantada depois do milho e do arroz e bem longe, na areia. O inhame e a batata é plantado em novembro e colhe com um ano. A banana planta no barro duro. O gergelim, pode ser plantado em qualquer lugar, mas não pode ter outra planta por perto. No quintal de casa, sua esposa , Dalva, cultiva inhame, Surcruiu, cabeça de cachorro, cupré.

“Pai do Edimá, Domingo Craté, sabe explicar festas e histórias: Pep carãc - Pep Cahác, Kê Twwajê, tep, (festa do peixe), Hac(festa de gavião), Watã, Festa da Batata, Porcarãc, Porteré, Porti(Festa da Batata), Põhy yon krow”.

Tabela 12 :

O que planta	Como Planta	Como é lugar bom para fazer roça	Resguardo para o plantio
mandioca, feijão, fava, macaxeira, batata, inhame, cará, banana, andu, gergelim, milho.	Em leiras, consorciando batata com inhame. Na mesma lera do milho planta andu. A fava planta no pé do milho. O gergelim não pode ter nada por perto. O arroz na areia é plantado em outubro e em janeiro, no barro mais úmido. O milho colhe em fevereiro, a fava toma conta e é colhida em março. O feijão é só feijão.	Um lugar mais longe, onde tem barro.	Quando vai plantar fava, não pode comer Boff de gado, e quando começa a dar caroço, pode voltar a comer.
Como conserva sua semente	Qual semente está desaparecendo	Interferências na roça	Festas/ritos/Comida Tradicional
Conserva a semente em cabaça ou pacutu. Coloca pimenta malagueta e dura um ano.	Fava, arroz	Considera o periquito como praga, pois come o milho, arroz e andu. Considera o mato bom, capina no inverno e deixa lá, virando adubo.	Tatu cozido com leite de gergelim. Paçoca de gergelim misturado com farinha. Gergelim com sal. Enumera várias festas, dentre essas a festa da batata.

Diálogo com Fernando Schiavini/Indigenista da Funai

“Cadê as Sementes? Cadê as Sementes?”

Fernando Schiavini (Diálogo, 2016) Chefe de posto do antigo Serviço de Proteção ao índio, SPI e então Indigenista da Funai aposentado, conta que até a primeira demarcação da terra indígena Krahô, na década de 40, o Krahô tinha tudo, tinha semente, o sistema de agricultura familiar bem organizado, se auto ajudavam , havia mutirão , tinham fartura. Com a instalação do SPI, iniciaram-se projetos de roças coletivas de arroz, ideia que foi implantada nas Aldeias como forma de garantir recursos.

Nesse vislumbre, fizeram grandes roças coletivas de arroz, foi um tempo em que as sementes tradicionais foram se perdendo, ao longo desse processo e também pelo paternalismo, outrora vinculado a Funai, que fornecia sementes de arroz, feijão, milho, que chegavam após o tempo do plantio e com agrotóxicos.

Os indígenas mudavam para a roça com o amadurecimento do arroz e ficavam lá até acabar, quando acabava voltavam para a Aldeia e passavam por carência de alimentos, até o próximo plantio. Não tinham mais farinha, não comiam mais beju, crolado, trocavam serviços fora da aldeia por farinha. Passaram por volta de quarenta anos em uma situação de insegurança alimentar e adoecendo.

“Nesse período, além da precária alimentação, adoeciam muito. Os velhos ficavam falando, “tinha muita fartura, chamava outras aldeias, tinha muita comida, íamos para Carolina, mais de 10 balsas, cheia de coisa” Eu ficava escutando isso. Ouvia dos colegas da Funai só conversas de arroz, plantando arroz... fiquei uns cinco anos lá ouvindo essas coisas. Um dia andando na aldeia, estava com o velho Aurélio, andando com ele indo para casa, me deu um clarão, quase cai, tipo um relâmpago na cabeça e fiquei tonto ouvia a pergunta na minha cabeça: cadê a semente? Cadê a semente? Semente , qual semente? A semente. Que vcs falam que tinha, muita fartura, muitos giraus nas festas, comiam a vontade. Eu já entrei numa casa ali, e perguntava cadê as sementes? Cadê as sementes?” (Schiavinni, Fernando(2016)

A partir desse clarão começou a indagar com os Krahô onde estavam essas sementes. Nessa época, como diz Fernando, estavam vivendo uma apatia, não sabiam responder. Aguardavam as sementes que a Funai fornecia, não guardavam mais nada, só esperavam da Funai. Passaram duas, três gerações plantando arroz, até 1980, 82. Fernando conta que passou por volta de quinze anos falando das sementes que eles tinham e que perderam, que eles tinham que guardar e não esperar da Funai, até que um dia o Cacique Isaac disse a ele:

“você para de falar isso, todo mundo aqui já entendeu, você pode calar.”

Nessa época, com os indígenas Krahô a mais de oito anos vivendo uma total insegurança alimentar e adoecendo, foi criada a associação Kapey, União das Aldeias Krahô. Em 1994 foi realizada uma reunião na Kapey, que marcou formalmente o início da Associação, com uma indagação do ancião Krahô, José Aurélio, “*para que vocês querem essa associação?*”, o mesmo respondeu:

“essa associação que nós estamos criando podia buscar a semente de volta, nos estamos sentindo falta, naquele tempo todo mundo era sadio, tinha várias cores, agora ele sumiu , esta todo mundo fraco. Tinha o milho, o milho fazia nos ficar sadio, agora está todo mundo fraco.”(Schiavinni, Fernando(2016).

Figura 57 : Agro biodiversidade Krahô



Foto: Nadi Santos

Casal agricultor: Sr. Alcides Krahô Hajêhi, 70 anos e Sra. Generosa Ihprep Krahô Aldeia Barra/TO



Figura 58 : Agricultor Alcides e sua esposa Generosa, Aldeia Barra.

Visita a Embrapa Cenargen / maio 2017

Sr. Alcides e sua esposa Generosa estiveram no Cenargen em recente período, no qual tivemos oportunidade de dialogar. Foi feito um Diálogo semi-estruturado, onde os agricultores tiveram oportunidade de desenhar, cantar e trocar saberes. O casal possui cinco filhos homens e seis mulheres, já possuem um grupo doméstico, com a presença de netos e todos ajudam na roça. A roça do Sr. Alcides fica próxima do curso do rio Manoel Alves, onde tem terra de barraria o ano todo, dando-lhe oportunidade de plantar em diversos períodos. Considera a areia uma textura boa para o plantio, porém precisa ser adubada. As folhas do feijão guandu e as de urucum, segundo Alcides, são ótimas para adubar a areia. Coloca-as debaixo da fileira que vai plantar, passa-se duas semanas e o adubo já está lá. Esse material orgânico é obtido na capoeira, que fica geralmente ao lado da nova roça.

Na sua roça planta, mandioca, batata doce, milho, inhame, fava, feijão, abóbora, maxixe, melancia, banana, cana, arroz, mamão, feijão Guandu, urucum etc Preparado a terra, roçagem (broca), derrubada, aceiro (3m), queima, coivara. Comenta que a madeira da coivara, estoca para servir de lenha para o fogo do cucren (comida), durante todo o período em que estiver na casa de apoio.

Primeiro planta o milho, em outubro, após o milho está com um palmo, planta o arroz, passado uma semana planta mandioca. Esses espaços de tempo, aliado a arquitetura da roça(o local de cada plantio), favorece o crescimento das plantas, uma favorece a outra, a folha que cai, com urucum é adubo para as plantas. A banana é plantada mais separada, a fava lá perto do aceiro, onde tem os garranchos que será apoio para as ramas. Ou como outros agricultores fazem, plantam-na junto a um toco da roça. Planta o feijão em fevereiro, a palha do arroz que foi colhido é adubo para o feijão. Abóbora, machixe, melancia, planta na beira da roça, porque vai fazer caminho. No meio e em lugares distantes um do outro planta mamão, para não fazer sombra. Na beira do rio, planta melancia, melão e tomate então, coentro em um canteiro próximo do rio, tem a terra na cor roxa. No cupinzeiro da roça planta também, raspa casca de pau, coloca no cupim matando-o todo, em seguida planta, cana, inhame.

A prática de conservação tradicional do Sr. Alcides é feita em cabaças, com cinza, raspa de casca de madeira por cima das sementes, assim conserva por dois anos e fica bom o plantio. Pretende fazer um regador para a seca, 300m de mangueira para colocar em local que sob pressão do rio possa facilitar a passagem pela mangueira. Sr. Alcides comenta que não come carne de cupen, que é vendida no mercado, porque tem muito veneno e se comer fica “besta”, gordo e parado. Por isso caça sua própria carne: anta, veado, junca , caititu.

Colhe 20 sacos de arroz por ano, tem arroz o ano inteiro e doa para os vizinhos também, principalmente aqueles que não têm provisão, por doença, ou incapacidade de fazer roça por algum motivo. Está sempre cuidando de sua roça, canta para as espécies para que elas fiquem felizes e se desenvolvam bem, segundo ele, a batata doce fica vigorosa, grande, a mandioca também, todas tem uma música.

Além de ajudar o Sr. Alcides na roça, sua esposa, Generosa, está organizando um encontro para os jovens merins, de cinco dias na Kapey (associação indígena Krahô) para vivenciar, com os mais velhos, os costumes, aprender para terem segurança alimentar e sustentabilidade, aprendendo a fazer artesanato, tecer, fazer esteira, comida tradicional, como: a farinha da batata doce, paparuto. Assim como aspectos relacionados a ética, educação e saúde. O merin, tem escola , alternada com a escola do cupen, na Aldeia, que funciona a noite com professores indígenas. Lá aprendem aspectos relacionados com a cultura, através da oralidade.

*“Aprender a cultura, tecer, artesanato, cucrem de cultura, assar macaxeira no moqué, na brasa, pintar, cortar cabelo”.
A cultura é para sempre, nós não vamos esquecer a cultura.
(Rosana Krahô, Aldeia Barra/ 2017).”*

Festa do Milho e Festa da Batata

As festas, do Milho e da Batata, têm uma interação imprescindível com a organização social da Aldeia Krahô, por estarem, de forma implícita, relacionadas aos seus nomes de batismos, onde a escolha do nome têm relação direta com a estação do ano e respectivamente ao partido ao qual pertencerá. Os partidos Katamejê e Wakmejê, estão relacionados as duas estações mais definidas do ano, respectivamente, inverno e verão. As festas do milho e da batata, celebram a mudança de estação, e a entrega do governo da Aldeia ao partido que refere-se aquela estação. A passagem do inverno para o verão, Katamejê para Wakmejê e concomitantemente a entrega do governo do partido Katamejê para o partido Wakmejê é celebrada com a Festa do Milho, e a passagem do verão para o inverno, Wakmejê para Katamejê e respectivamente a entrega da governança dos Wakmejê para os Katamejê, é celebrada com a Festa da Batata.

A Festa do Milho

A festa do milho, é um amekin muito importante para a comunidade indígena Krahô, pois ela marca a passagem de governo, do partido do inverno (Katamejê) para o do verão (Wakmejê), acontece por volta do mês de outubro/novembro, quando, Generosa, Diálogo (2017), o pé do milho está com três palmos, aproximadamente. O agricultor/a que irá bancar a festa será o que colheu mais milho no ano anterior. Promover a festa, com a colaboração da comunidade, é motivo de orgulho para esse agricultor/a.

São três dias de Festa, no primeiro dia as aldeias convidadas vão chegando e recepcionados com um paparuto preparado, com diversos vegetais: inhame, batata, mandioca. Vão chegando, e hospedados pelo Wantã (pensão) das mulheres e Wantã (pensão) dos homens. Ali no Wantã, será o lugar onde fará as refeições, dormida. Os casais são hospedados nas casas dos parentes. Durante os três dias, acontece no Wantã reuniões, tanto para os homens, como para as mulheres. No primeiro dia, as 3h da madrugada começa a cantoria no pátio, nesse dia, ninguém dorme, até as 6h da manhã. A comunidade segue para suas casas e alojamento para fazer suas refeições, descansar, tomar banho no rio, a propósito, o “banho do mijo da Sucurí, aquele que é tomado mais cedo, o primeiro, proporcionando a quem o tomar, saúde e preparo

para serem bons corredores, caçadores etc, faz parte da saúde do povo Krahô, conforme comentário de Miguelito Krahô (2017). A tardezinha, começam as brincadeiras no Krincapé, e as 3h da madrugada cantoria novamente. Assim é feito durante os dois primeiros dias e no terceiro dia as 6h inicia-se a corrida de tora, dois corredores adultos e dois corredores crianças (com uma torinha), a corrida de tora é feita entre os partidos e ver aquele que foi o vencedor. Iniciam de um local um pouco distante da Aldeia, passam correndo pelo Krîcape, Prîncaran e para o pátio, ponto final da corrida. O que for vencedor receberá brindes, então começam a jogar petecas, feitas com a palha do milho. A tardezinha inicia a brincadeira do Hotxya (um palhaço da cultura Krahô). O palhaço faz as palhaçadas e todos em volta rindo e brincando. Na festa do milho é feito o paparuto do fim do resguardo do primeiro filho, ao lado Prîncará, e depois é levado para o pátio, onde todos comem e também a troca de governo, do verão para o inverno, Wakmejê e Catamejê.

A Festa da Batata

Figura 59 : farinha da batata doce na esteira, mulheres indígenas descascando as batatas assadas para preparar a farinha. Foto: Nadi Santos



Similar a festa do milho, a festa da batata também ocorre em três dias, onde a dinâmica de chegada, recepção, hospedagem acontecem com os mesmos ritos. A cantoria do segundo

dia, termina as seis horas da manhã, com o início da corrida da tora da batata. Um pouco distante da Aldeia, os corredores, adultos e infantis, iniciam a corrida passando pelo Krîncape pelo Prîncaran, em direção ao Patio, o vencedor é presenteado com brindes, depois retornam para casa. A tardezinha ocorrerá a brincadeira da batata. Três rapazes, cada um com um cofo cheio de batatas, outro grupo de rapazes dançando. Os que estão com os cofos de batata começam a jogar as batatas, quando aquele cansa, passa para o outro e assim em diante. Aquele que acertou mais batata no outro ganha a brincadeira. As crianças ficam por ali pegando as batatas que são jogadas. O ganhador é colocado para o alto pelo grupo, anunciando-o como um troféu. A festa continua até a noite. Na festa da batata, ocorrem os noivados, e os casamentos e a troca de governo do inverno para o verão, katamejê para Wakmejê.

O paparuto e a Corrida de Tora

O paparuto e a corrida de tora, estão presentes em praticamente todas as ocasiões festivas do povo Krahô, os amikins/rituais, como também ao receberem visitas que consideram importantes, e então é oferecido logo pela manhã, pois passou a noite assando no moquém(pedras em brasa) , com a massa preparada e embalada com folhas de bananeira e amarradas com tiras de olho de buriti. Também, é ofertado a noite nas cantorias no pátio. As corridas de tora, ocorrem , na maior parte dos rituais/amikins, as 6h da manhã, horário em que a cantoria da noite está terminando e também as 16h, horário em que todos estão no Kricapé (área circular em volta das casas, anterior ao Pricarã(caminho o que leva ao Ká(pátio)). Ocasões como o nascimento do primeiro filho, encerramento do resguardo do primeiro filho, noivados, casamentos, dentre outros, são utilizados o alimento tradicional Krahô, o Paparuto, e também, celebrados com a corrida de tora. A corrida de tora, inicia-se de um lugar mais distante da Aldeia e seguem correndo , passando pelo Kricapé, Pricaran em direção ao Pátio, e lá colocam as toras. É uma corrida/competição, e ganha quem chegar primeiro com a tora. As crianças correm com a torinha, que é feita para elas, e assim aprendendo para a vida de adulto. As mulheres também correm com tora.

O Paparuto

Krahô, Dodanin & Krahô, Miguelito (2005), escreveram um artigo, que foi publicado na série Documentos da Embrapa, o de número 146 , com o apoio da equipe de Conservação Etnobiológica naquele momento, Moreira, Lucimar et al (2005). Nessa publicação, de forma sucinta descrevem as etapas do feitiço do paparuto, bem como sua utilização de forma ritual, e os ingredientes utilizados. Segundo esse trabalho, o Krahô conta que o paparuto, é a “*comida mais especial*” para eles, e que na maioria das festas, utilizam-no como forma de compartilhar e festejar com o alimento tradicional.

É um alimento feito pelas mulheres com a colaboração dos homens, que colhem as folhas de bananeiras. São utilizadas pedras que são colocadas ao fogo para que virarem brasas, por cima dessas brasas de pedra, é colocado o paparuto, que é coberto com terra e passa de um dia para o outro, onde é compartilhado com aqueles que estão presentes e que fazem parte da celebração daquele momento, ou de uma celebração que envolve toda a Aldeia , sendo assim, esse é levado ao pátio e distribuídos a todos, de igual proporção.

As mulheres buscam a mandioca na roça, ralam-na por cima das folhas de bananeira-brava, enquanto umas ralam, outras preparam o moquém, buscando as pedras e colocando o fogo.

Em Diálogo, Krahô, Rosana (2017), descreve como é feito o paparuto da seguinte forma: em baixo colocam uma plataforma de palhas de bacaba e acima as folhas de bananeira, após preparado a massa e colocados os pedaços de carne, é fechado com as folhas de bananeira e amarrado com olho de buriti e colocados sobre o moquém e coberto com terra, que só será desenterrado no dia seguinte.

Conforme, Krahô, Milton (2005), são vários os tipos de paparuto: de banana verde ralada (banana comprina, nanica ou roxa), esse é feito para comer qualquer dia; de milho verde, utilizado para festa da mulher que vai ter o primeiro filho, para o fim do resguardo, para corte de cabelo e para algumas festas; o de mandioca, rala, enxuga no tipiti(artesanato feito com palha de buriti, comprido) passa dois dias no sol dentro do cofo, utilizado para toda festa, corte de cabelo; o de macaxeira, rala e faz em toda festa; o de cupá ralado, faz o moquém do cupá, passa

duas horas e tira, descasca-o, tira o talo que fica no meio, põe no pilão e pila para virar massa, põe a massa na esteira e passa o dia no sol, virando. No outro dia, faz-se a massa para o paparuto ou beijo. Assim fazia antigamente, como o Sr. Milton da Aldeia Galheiro contou.

Figura 60 : feitiço do paparuto, embalado com folhas de bananeria e amarrado com tiras de olho de buriti, para assar no moquem.

Foto: arquivo digital Cenargen/ equipe de campo



A Corrida de Tora

Segundo Nimuendajú, Curt, a corrida de tora é a cerimônia mais repetida pelo povo indígena Krahô, quanto a dança no pátio da aldeia. Comenta que, antes que o visitante da Aldeia possa perceber, a corrida de tora, já está terminando. Como todos os eventos na Aldeia, necessitam de um prévio conhecimento, para que possa ser acompanhado e compreendido todas as atividades relacionadas, que, geralmente, envolve o dia todo e a madrugada. Curt comenta que o visitante da Aldeia, fica “farejando” os acontecimentos, como os casamentos, no qual, o cupen dá mais importância aos fatos que os próprios indígenas. Os acontecimentos na Aldeia são anunciados na língua krahô, e não há uma interpretação exteriorizada em alto som.

A circulação das informações é feitas de modo discreto e cumprindo uma hierarquia de governo, exemplo, o prefeito corre na Aldeia a passando informação do Cacique, ou convocando para uma reunião. Todos ficam sabendo e naquele dia, todos estão ali, no pátio.

Assim as festas, tem a colaboração de todos/as, onde cada um faz o que ficou combinado, dentro das características de cada atividade, sendo masculina ou feminina, ou de ambos. A tranquilidade, na Aldeia é impressionante, não se houve um grito dos pais com as crianças, nem brigas entre as famílias. Tudo acontece na perfeita ordem e cumprindo sua lógica tradicional. Há diferentes tipos de tora, adequada a festa que será realizada, como a tora do milho e a tora do buriti.

Figura 61 : corrida de tora.



Foto: arquivo digital/equipe de campo

6. Considerações finais/Discussões

A visão do Krahô permitiu, visto em cada tópico de diálogo, perceber a interação que fazem através do seu modo de viver. Não existe uma linha reta, a visão é circular, como o formato de suas Aldeias. Há no subjetivo e concretamente, a manifestação dessa interação. O canto do agricultor que torna próspera a colheita, raízes vistosas, milho bonito. A lua, o dia, o tempo de plantio de cada espécie, tendo em vista seu extrato e a relação de “amizade” entre as plantas. O plantio tem um preparo na roça e também no agricultor/a que vai plantar. Esse preparo, denominado de jejum, na maioria obedece aos mesmos princípios para cada espécie, próprios de uma cultura que se firmou com as gerações passadas, ex.: para o plantio de fava, não se pode comer vísceras no geral, obedecendo a esse jejum até a floração. Há jejuns que são

passados através das famílias para o seu grupo doméstico, e que não são repassados na Aldeia como um todo, torna-se um conhecimento daquele grupo doméstico, a ex: o agricultor José Miguel, só inicia qualquer trabalho de roça , na primeira sexta feira daquela lua cheia, assim seu trabalho terá êxito. Cada espécie plantada tem uma festa e uma comida tradicionalmente preparada para aquela ocasião, a ex.: do paparuto, um alimento que participa praticamente de todos os momentos de celebração entre os Krahôs, no recebimento de visitas, noivados, casamentos, quebra do resguardo do primeiro filho, troca de partidos etc. O paparuto é feito da massa da mandioca, ou do milho, a depender da disponibilidade e do amenkin(festa). Aquele agricultor que plantou mais milho, ou batata doce, ou mandioca, proporá “bancar” a festa do milho, ou da babata, ou o paparuto naquele ano. Ha na dualidade da organização do povo Krahô a proposta de competição, o grupo que fizer melhor e mais bonito, a roça ou que chegar primeiro em uma corrida de tora etc., será prestígio para indígena. Essa dualidade aparente, é o fator motivador de cada posição que o grupo, ou individuo ocupa, justapondo a colaboração intrínseca a comunidade. As relações de governança da Aldeia, propõem sempre a ordem, e o fazer bonito, promover a alegria, que é a base da saúde. O governador, o Prefeito, Conselho, o Watã e sua família, ocupam posições de liderança na Aldeia e ajudam o Pahi a executar as ações que promovam melhorias, bem como as atividades coletivas, comunicar datas e reuniões. Esses postos de liderança, Diálogo, Alcides Krahô(20017), em um primeiro momento é uma escolha do Cacique, porém a comunidade tem que aprovar.

Em algumas viagens a campo presenciei ritos como: a corrida de tora, o Hotxya, o feito do paparuto, a cantoria no pátio, os chamamentos, porém naqueles momentos , iniciando o trabalho como Assistente de Pesquisas, não tinha ainda a compreensão, mesmo que parcial , da integração do cotidiano Krahô com as práticas diárias e em momentos festivos. Em Diálogo com a agricultora Generosa, (2017), esposa do agricultor Alcides Krahô, da Aldeia da Barra, a respeito da festa do milho, pude verificar a sequencia desse rito e/ou quando e como ela acontece. Não tive dificuldade de compreender, pois, havia participado, mesmo que em partes, desses momentos. A viagem de apoio a campo, é uma ocasião que tudo acontece muito rápido, não tendo tempo suficiente para a observação e conversas. Porém, a vontade de conhecer a dinâmica do Krahô, fez com que aproveitasse ao máximo as ocasiões de viagens a campo(não muitas), de apoio a pesquisa. As vezes me perguntava: “o que estou fazendo aqui meu Deus”, além da execução do trabalho que foi planejado, e logo me vinha a resposta, tem um sentido, você irá saber com o tempo. Escrever essa monografia é um sentido importantíssimo para mim,

pois propus um objetivo, que me permitisse estudar um pouco, além da conservação e coleta de sementes. Sem aprofundar, porém uma breve visão que fará o leitor (estudante/pesquisador/a) ter uma ideia e partir para pesquisas graduais, que possam contribuir para a sustentabilidade do povo indígena Krahô e para a o cupen, trazendo uma relação entre os acontecimentos, objetivando algo maior, a alegria, saúde, bem estar de um povo.

O povo Krahô, apesar do contato interétnico mantém sua identidade Timbira, representadas por suas pinturas, artesanato, corte cabelo, formato da aldeia, prática de rituais, jejuns entre outros, devido principalmente a interrelação entre práticas de sobrevivência, entre elas agricultura, cultura e organização social. Os levantamentos e diálogos a campo evidenciaram que as práticas agrícolas Krahô não acontecem dissociadas de outros aspectos da vida cultural, social e ritual daquele povo. Especialmente as festas (amikin) da batata – doce e do milho, marcam mudanças de estações climáticas mais amplas (verão e inverno) e de governo na aldeia, como também eventos de muita importância: noivados, casamentos, fim de resguardo. A prática dos rituais, incluindo a alimentação tradicional, cantos, pinturas, esportes, mitos, reforçam o sistema agrícola tradicional, que nessa composição, estão os roçados com seu modo de fazer, dando lugar a experimentação do novo. Esse sistema não está dissociado, trazem na circularidade, conhecimentos, complementos, desafios à ciência agroecológica.

8. Referências Bibliográficas

- ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012. 400 p.
- AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de (Ed.). **Agroecologia**: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2005. 517 p.
- ARAÚJO, V. de A. M. **Reflexões para uma ação indigenista entre os Krahô**. 2009. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- AZANHA, G. **A forma timbira**: estrutura e resistência. 1984. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BURLE, M.; DIAS, T. Ampliando a abertura dos bancos de germoplasma da Embrapa: experiências e atividades em andamento. **Cadernos de Agroecologia**, v. 9, n. 3, 2014. Edição dos resumos do IV Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno, Brasília/DF.
- CAATXÊKWYJ – a estrela mulher (um mito do povo Krahô). [S.l.: s.n], 1999.
- CENTRO DO TRABALHO INDIGENISTA. Disponível em: <<http://trabalhoindigenista.org.br>>. Acesso em: 16 abril 2015.
- CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 51., 2000, Brasília, DF. **Tópicos atuais em botânica**: palestras convidadas. Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia: Sociedade Botânica do Brasil, 2000. 398 p. Org. por Taciana Barbosa Cavalcanti e Bruno Machado Teles Walter.
- DE BOEF, W. S.; THIJSSSEN, M. H. **Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes**: um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no desenvolvimento do setor de sementes. Wageningen: Wageningen International, 2007. 87 p.
- DIAS, T. A. B. Sedentarização e impactos no sistema de segurança alimentar do povo indígena Krahô. In: CONGRESO INTERNACIONAL LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE AMÉRICA LATINA, SIGLOS XIX-XXI, 1., 2013, Oaxaca. **Avances, perspectivas y retos**. Oaxaca: Instituto Cultural Oaxaca, 2013.
- DIAS, T. A. B.; BUENO, Y. M.; RODRIGUES, L. M. R.; SCHIAVINI, F. Primeiro processo de anuência previa brasileiro. In: UDRY, C.; EIDT, J. S. **Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal**. Brasília, DF: Embrapa, 2015b. p. 289-307. (Coleção povos e comunidades tradicionais, 1).

DIAS, T. A. B.; FREITAS, F. O.; BARBOSA, A. D.; ZARUR, S. Relatos de reintrodução de cupá (*Cissus gongylodes*) em territórios indígenas. In: DIAS, T. B. D.; EIDT, J.; UDRY, M. C. Diálogos de saberes: relatos da Embrapa. Brasília, DF: Embrapa, 2016. No prelo. (Coleção povos e comunidades tradicionais, 2).

FREITAS, E. B. de. Ser ou não ser Mehin: a etno-história Krahô. Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados de história, v. 23, p. 263-283, nov. 2001.

FUNAI (Imperatriz). Índios Guajá. 2006. Disponível em: <<http://funai-itz.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 maio 2016.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. 653 p.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. 653 p.

GUERRA, E. F. Organização política e segurança alimentar na sociedade Krahô. Uberlândia: Ed. da UFU, 2008.

HANZI, M. O sítio abundante: co-criando com a natureza. 2. ed. Lauro de Freitas: Edição da autora, 2003. (Permacultura).

HEINRICHS, R. Colóides do solo. 2010. Disponível em: <http://www2.dracena.unesp.br/graduacao/arquivos/solos/aula_2_coloides.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

KRAHÔ, D. P.; KRAHÔ, M. C. Como conservamos nossas sementes. Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010. Cartilha.

KRAHÔ, D. P.; KRAHÔ, M. C. Preparando nossa roça. Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

KRAHÔ, M. C.; KRAHÔ, D. P.; MOREIRA, L.; DIAS, T. A. B.; ZARUR, S. B. B. de C.; BUENO, Y. M. A preparação do paparuto: povo indígena Krahô. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2005. 23 p. (Embrapa Cerrados. Documentos, 146).

LEITE, L. F. C.; MACIEL, G. A.; ARAÚJO, A. S. F. de (Ed.). Agricultura conservacionista no Brasil. Brasília, DF: Embrapa, 2014. 598 p.

MARTINS, P. S. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. Estudos Avançados, v. 19, n. 53, p. 209-220, abr. 2005.

MARTINS, P. S. Dossiê Amazônia brasileira. Estudos Avançados, v. 19, n. 53, p. 1-35, jan./abr. 2005.

MATHIAS, F.; NOVION, H. de (Org.). As encruzilhadas das modernidades: debates sobre biodiversidade, tecnociência e cultura. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. 395 p. (Documentos do ISA, 9).

MELATTI, J. C. O sistema social krahó. 1970. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOREIRA, L.; REATTO, A.; ANDRADE, L. R. M. de; MARTINS, É. de S. Diagnóstico indígena participativo – aldeia Pedra Branca terra indígena Krahô Itacajá- – Tocantins. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2001. 40 p. (Embrapa Cerrados. Documentos, 40).

NIMUENDAJÚ, C. A corrida de Toras dos Timbira. Mana, v. 7, n. 2, p. 151-194, jan./out. 2001.

ODUM, E. P. Ecologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

PEDOLOGIA FÁCIL. Enquete # 23 - a capacidade de troca de cátions e o manejo de solos. Disponível em:

<<http://www.pedologiafacil.com.br/enquetes/enq23.php>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

PORTAL DA CIDADANIA. Agricultura familiar. Disponível em: <<http://portal.mda.gov.br>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Troncos e famílias. 2010. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

REIFSCHNEIDER, F. J. B.; HENZ, G. P.; RAGASSI, C. F.; ANJOS, U. G. dos; FERRAZ, R. M. Novos ângulos da história da agricultura no Brasil. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2010. 112 p.

RICKLEFS, R. E. A economia da natureza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

[RODRIGUES, A. D.](#) Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. Ciência e Cultura, v. 75, n. 2, p. 35-38, abr./jun. 2005.

SANTOS, H. G. dos; JACOMINE, P. K. T.; ANJOS, L. H. C. dos; OLIVEIRA, V. A. de; LUMBRERAS, J. F.; COELHO, M. R.; ALMEIDA, J. A. de; CUNHA, T. J. F.; OLIVEIRA, J. B. de. Sistema brasileiro de classificação de solos. 3. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Embrapa, 2013. 353 p.

SCHIAVINI, F. De longe toda serra é azul: memórias de um indigenista. Goiânia: Kelps, 2015. Ebook.

SCHIAVINI, F. Os desafios do indigenismo. Goiânia: Kelps, 2014.

SCHMITZ, H.; HURTIENNE, T. Agricultura itinerante e importância da floresta secundária. Disponível em: <http://www.agroecologiaemrede.org.br/upload/arquivos/P455_2005-11-25_151542_083.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SOUZA, G. C.; ZARUR, S. B.; DIAS, T. A. B.; KRAHÔ, M. Conservação in situ sob cultivo de milho: reintrodução e diversidade genética entre os Krahô. In: ENCONTRO DO TALENTO ESTUDANTIL DA EMBRAPA RECURSOS GENÉTICOS E BIOTECNOLOGIA, 10., 2005, Brasília, DF. Resumos... Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2005. p. 178.

UDRY, C.; EIDT, J. S. (Ed.). Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal. Brasília, DF: Embrapa, 2015. 344 p. (Coleção povos e comunidades tradicionais, 1).

WIKIMEDIA FOUNDATION. Disponível em: <<http://pt.wikibooks.org/wiki/civilização>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

Glossário Krahô

Feliciano, Aldeia Krahô, Barra

Figura: 62 : Sr. Feliciano, elaborando, junto com a autora , o Glossário abaixo:
Novembro/2014

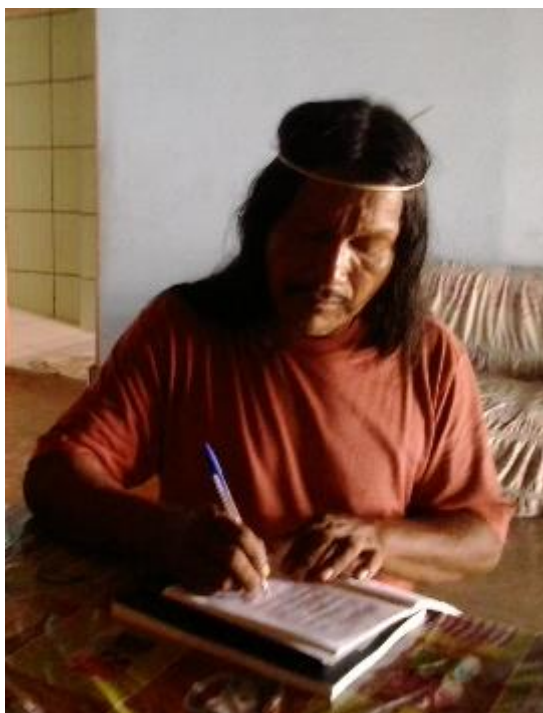


Tabela 13

Tabela contendo nomes de algumas variedades tradicionais agrícolas do povo Krahô, mencionadas nessa monografia, como também nomes de algumas festas e vocabulário utilizado, passados em Diálogo com Feliciano Krahô da Aldeia Barra, do português para o dialeto Krahô , em novembro de 2014

Obs: será utilizado o o acento circunflexo(^) no lugar do til(~), devido o teclado não aceitar o til em algumas vogais.

Banana	Panãtxo
Andu	Amture

Inhame	Crerô
Inhame Sucruiu	Crerô Rohti
Arroz	
Feijão	Pánkryt
Cipó Kupá	Kpacrô
Abóbora	Kucõkahëk
Melancia	Pratxi
Croá	Párxô
Banana	Pypyxô
Ritual	Amjîton Xá
Gergelim	xíxíre
Cana	Can
Festa	Amjîkîn
Fava	Pánkryt
Milho	Põhymmpej
Batata doce	Ját
Milho pipoca Branco	
Mandioca	Kwýr
Roça	Pur
Escola para jovens de 15 a 18 anos(2º grau)	Pênp Carác
Escola para crianças indígenas(1º grau)	Kê twajê
Festa do Peixe	Tep
Festa do Gavião	Hác
Roça	Pûr
Comida	Mêhopánt

Carne	Wafi
Homem	Mêhûmré
Mulher	Pyjê
Marido	Ipjên (com circunflexo mesmo)
Esposa	Iprõ
Filhos	Mêjkra
Criança	Ahkrajre
Quintal	Ikrê Catut rûmpê(esse último com circunflexo mesmo)
Aldeia	Kû

APÊNDICES

Apendice 1

Tópicos orientadores para o Diálogo Semi Estruturado (I)

- 1) Como o povo krahô se mantinha antes da demarcação de suas terras?
- 2) Depois da demarcação das terras , como conseguiam seu sustento e quais os alimentos prioritários?
- 3) O povo krahô modificou sua cultura alimentar depois da demarcação de suas terras?
- 4) Sempre praticaram o cultivo da roça? Eram essencialmente coletores e caçadores? O que plantavam perto de suas casas?
- 5) Quais eram os critérios para a formação de uma aldeia nova? Quanto ao local escolhido e quanto as relações de parentesco.
- 6) Como o povo krahô percebe sua agricultura, dos tempos antigos para a atualidade, quais os momentos marcantes e superações?
- 7) Se antes eram coletores e caçadores, então a prática da agricultura é considerada recente? Década de 40 para cá...?
- 8) Relação com a roça
- 9) O que é ser um bom agricultor para o Krahô?
- 10) Já nasce um bom agricultor?
- 11) Mão boa?
- 12) Tem que cuidar do corpo?
- 13) Relação com as plantas da agricultura?
- 14) Preparo do fogo
- 15) Escolha da terra, critérios.
- 16) Como sabe que a terra é boa?
- 17) Plantas indicadoras de terra boa?
- 18) Quem planta o quê? Mulher, homem. Cuidados relacionados ao gênero na roça
- 19) Idade?
- 20) Relações de parentesco?
- 21) Influência da lua no plantio e colheita.
- 22) Mitos associados a cada cultura
- 23) A organização política interfere no plantio?

- 24) Fazem consorciamento? Qual a lógica?
- 25) Relação do horário com o plantio e resultados
- 26) Cantam durante o plantio e colheita? Interfere nos resultados?
- 27) A roça é suficiente para a alimentação da família? Compram algo de fora?
- 28) Que tipos de insumos são utilizados no preparo do solo?
- 29) As sementes são tradicionais? Compram?
- 30) Como conservam as sementes?
- 31) Quais espécies cultivam?
- 32) Quais espécies tem relação com a cultura? (Nadi, Terezinha, grupo sala)
- 33) Práticas culturais que estimulam a ampliação das bases genéticas dos cultivos
- 34) Como o material chegou ali
- 35) O que plantavam enquanto migravam?
- 36) Práticas atuais dos krahô ideais para a conservação e quais não são.
- 37) Insumos externos? O que hoje gera dependência?
- 38) Prática favorável a agroecologia e desfavorável (Patricia Bustamante)
- 39)** Lógica de plantio(interferência da lua, horário, cantos, ritos, parentesco, idade, organização política, hierarquia... preparo do solo, criam animais) Nadi

Apêndice 2

Tópicos orientadores para o Diálogo Semi Estruturado II (adequação dos tópicos anteriores, para um diálogo com os indígenas, por : Dra. Terezinha A.B. Dias, Co orientadora.

Nome

Idade

data do Diálogo/local:

Fale um pouco de você? (para ir puxando o assunto, gosta de plantar? Acha que sua roça é bonita? Quem ensinou você a plantar? Sua mãe ensinou? Com quantos anos você começou a aprender sobre roça? Você faz sua roça do mesmo jeito que seu pai fazia? Qual o tamanho de sua roça? Ela dá para sustentar todo mundo de sua casa? Vocês compram muita comida fora? Qual o alimento que você mais usa na sua cozinha? É o arroz? É a mandioca? E...

Fale um pouco do povo Krahô / de todos vocês.

Quando vai colocar uma aldeia nova, quando a aldeia vai mudar de lugar o que vocês procuram no lugar novo? / O que é um lugar bom para fazer uma aldeia/ Como é este lugar (em relação a água, terra, tipo de plantas etc...),

Antes de vocês terem a terra demarcada como o Krahô vivia? O que comia?

Depois da terra esta em demarcada como foi para conseguir alimento? O que passou a comer?

Voce acha que com a demarcação da terra teve mudança no que o Krahô comia?

Conta um pouco do que você sabe da história da agricultura dos Krahô? O que marcou mais nesta história?

O Krahô sempre botou roça? Sempre caçou? O que já ouviu falar sobre isso?

O Krahô ta comprando muito alimento fora (do supermercado?). O que o pessoal mais compra de fora? E em sua casa é a mesma coisa?

Sobre as roças e agricultor Krahô

Qualquer agricultor de qualquer partido (catameye e wakme ye pode botar roça? Tem serviço de catameye e wakme ye na roça?

Quando Krahô bota roça, bota junto com os parente (com sogro, genro, pai?) Como é isso? O tamanho da roça está dando para sustentar todo mundo? E a sua roça dá para sustentar? Quantas tarefa ela tem? Qual o tamanho da roça? Ela dá para sustentar sua família?

Quantos tipos de terra para plantar o Krahô conhece

Como o Krahô escolhe a terra boa para plantar? (cor, se é mais areia ou barraria?, etc..)

Tem alguma planta que indica se a terra é boa de plantar?

O que é ser um bom agricultor para o Krahô?

O Krahô já nasce um bom agricultor?

Tem algum Krahô que tem a mão melhor do que o outro para plantar / que as plantas crescem mais bonitas

Tem que cuidar do corpo para ser um bom agricultor? Tem que fazer jejum? Pode fazer cunim antes de plantar? Pode fazer cunim na roça? Velho pode ir na roça? Criança pequena pode? Rothuá vai na roça? E mulher grávida e de capram pode plantar?

Como põem fogo na roça (lua, época do ano, horário, direção do vento?)

Como faz para o fogo parar e não se espalhar para outros lugares. Tem que chamar o uaiacá/Page para ajudar para o fogo não se espamar. Como é isso?

Mulher pode fazer a derrubada, encoivarar, queimar e plantar? Isso é serviço de homem ou mulher?

E a lua, influencia na roça? De que jeito? Pode plantar tudo em qualquer lua?

A fava / caranxó tem história? E tem partido? A fava é Catemeye ou Wakmeie? E o cupa tem história, ? O milho tem? E a mandioca? De onde eles vieram. Estas plantas são dos Krahô?

O arroz tem história? É dos Krahô

A roça Krahô tem o que plantado? E a sua? O que ta colhendo este ano? Falta colher o que?

Planta misturado porque? Tem planta que gosta de ficar perto de outra? Porque? Acontece de aparecer planta que você não quer na sua roça? E você faz o que? Arranca?

Tem hora boa para plantar? Ou pode plantar tudo em qualquer horário

Krahô canta durante os serviços na roça, na derrubada, na coivara, na queima e plantio? Porque canta? Voce acredita que o canto é bom para as plantas?

Voces estão usando adubo de fora na roça? O que você usa na sua roça? Usa veneno? Usa aquelas isca de mata formiga? Se não tiver a isca o que faz? Usa alguma planta?

A Funai ainda compra semente para vocês? E o Krahô compra semente? E você compra?

Tem alguma semente que você acha que está sumindo? Qual? Porque está sumindo? Você se preocupa em guardar as sementes?

Conhece alguma tipo de planta que sumiu da agricultura Krahô? Conte a história dela.

Como vc guarda as sementes de milho, arroz e as ramas de mandioca? Como guarda os clero e as batatas?

O que os Krahô faz para que as sementes fiquem a cada ano mais forte? Vocês selecionam as sementes para o plantio no outro ano? Como escolhem / tamanho / da ponta? Do arroz, escolhem também?

Você acha que os mais novos estão se interessando em plantar?

Você gosta das feiras Krahô? Você acha que a feira ajuda a conseguir sementes? O que mais gosta na Feira?

Olhar observador na roça das Prática favorável a agroecologia e desfavorável

Apêndice 3

Orientador para o Diálogo Semi Estruturado III

Plano de roça

Quais os cultivos dos agricultores entrevistados?

As roças são familiares , tem alguma roça coletiva?

a do Cacique é coletiva?

Abastece os moradores em momentos de escassez?

Qual a lógica das festas?

tem a ver com a quantidade da colheita, deu bem na roça de todo mundo, então tem fartura para a festa?

Tem festa apenas quando deu fartura na aldeia?

ou mesmo dando pouco realiza a festa?

quais as principais festas e que ocorrem todo ano, em quais épocas, como é a organização da festa, os preparativos, desde a colheita do alimento até a realização da festa. quais atores? lua?

festimenta, pintura, canto...

Plano de Roça: Passo a passo na preparação da roça, desde a saída para a escolha do lugar, em que época fazem isso, quantas pessoas saem na procura do local, só os da família vão?

só o homem?

a mulher também vai na escolha do local?

O local bom é também visitado por outros(as), qual primeiro sinal da ocupação de outros naquele local?

Quais os passos , da escolha do local, até a colheita daquela família.... Observar a singularidade, a especificidade de cada roça, o jeito de fazer de cada família, observando o diferencial.

História da roçada e derrubada da roça...quais as ferramentas utilizadas para a derrubada da mata... etapas na construção da roça:

1) Escolha do local: tem época, lua, como, quantas pessoas vão, da família ? critérios para a escolha do local, (fazer a mesma pergunta a todos os entrevistados, verificar o diferencial...) Que vegetação se encontra no local ideal para a roça? A Terra, textura, cor, umidade...

2) Marcar o local, roça um pouco em torno dela e deixa marcado.

3) Retorna ao local para BROCAR...quando?

descrever como se broca, quais ferramentas utiliza, horário, lua, canto? preparo do corpo. Volta depois

4) derrubada ... quais ferramentas são utilizadas, o jeito certo de derrubar, qual o mês. Quantas pessoas ? todos da família? outros ajudam?

5) aceiro: Ler e escrever algo sobre o fogo

6) Plantio antes de queimar?

quais ? como plantar?

7) queimar: quando? como?

8) cortar os galhos que não foram queimados e coivara(??) ao mesmo tempo e vai queimando. Depois de encoivarar e queimar tudo, já pode plantar algumas sementes, que depende do mês. quais sementes são plantadas após a coivara ?

os montes dos galhos com a cinza ficam ali ou são espalhados pelo local?

qual o aproveitamento da cinza(qual a riqueza da cinza?)

quais as luas para o plantio?

8) capina do mato quando os legumes começarem a crescer...

9) de quando em quando tempo se vai a roça referente as etapas e depois na manutenção.

impecilhos, dificuldades na manutenção da roça. tiram todos os matos que nascem, tem algum que fica por ter alguma importância? tem lua específica para plantio de certos legumes? como conservam as semente.

Apêndice 4

Aprofundamento da Pesquisa I

Rocas coletivas: monocultura do arroz – quando entrou na cultura krahô?

Fixação em um território – nômades – características básicas de subsistência – quais?

Novo sistema de vida caracterizado pela agricultura e criação de animais

1970, incentivo do GF sistema agroalimentar moderno – auto grau de mecanização - , insumos químicos, desaloja pequenos agricultores e índios.

Processo de perda da diversidade genética, sementes híbridas

Arroz , soja, expansão monocultural

Sedentarismo krahô, - 1970 política de expansão agrícola, máquinas e insumos

Tempo da fartura e da diversidade(que tempo é esse)?

Época que eram auto-suficientes(que época)?

Kapey - sementes tradicionais , recuperar

Cenargen, milho , resgate, cultura

Volta do material genético

Retorno da vontade de plantar conforme a tradição

resgate de outras tradições perdidas com a monocultura do arroz.

Quais os produtos cultivados na Aldeia Pedra Branca?

Limites da terra krahô, Santa Maria - soja

O krahô nasce Wkmejê? Catamejê? (os partidos são definidos pelo nome)

Cada metade tem seu prefeito

Corrida de tora(ocasiões)

Ler origem do povo Krahô: kenpokateye(rancokamekra antigo) , mânkraré(mâkamekra antigo)

Atividades desenvolvidas na Aldeia Pedra Branca, projetos

Alimentação: parte plantio, parte comércio

Observar o jeito de fazer roça com relação a origem kenpokateye e mânkraré, wakmejê, catamejê.

O que é tirado da roça? o que é comprado? período fraco de comida, período forte e porque?

Política incentivou o uso do arroz, trigo, como a soja agora

Como avançar? propor para o futuro(Fernando)

Apêndice 5

Aprofundamento da Pesquisa II

Pesquisa Timbira

Ser ou não ser Mehin - A Etno-História Krahô

Ednaldo Bezerra de Freitas, 2001

O termo Timbira denomina um conjunto de Etnias afiliadas pelo traço linguístico(2 - Ednaldo Bezerra de Freitas, 2001)

Importantes nomes da história da Aldeia Pedra Branca Mehin e Cupen que os Krahôs tem muito respeito e porque, serem citados.

Atividades de mulheres e homens na roça?

O que se planta próximo as casas?

Quais eram os utensílios domésticos e de roça do krahô antigo? e agora o que o krahô tem de necessário para o dia a dia?

Identificação de problemas na aldeia pedra branca? saneamento, saúde, educação?

Apêndice 6

Aprofundamento da Pesquisa III

Desenhar a sua roça e tudo o que a mantém

Festas principais

Pratos principais

Jejuns principais

Pintura de corpo

Porrida de tora

Cantos

Idumentárias

Instrumentos

Roças familiares

Roças coletivas

Combinação para o trabalho

Dia a dia da aldeia

Atividades coletivas

Escola /associação/ongs

O que sustenta e mantém a aldeia?

Aposentados? marido e mulher?

O que compra na cidade?

O que planta em sua roça?

Como planta? (consórcios, lua, preparo da terra e do corpo)

Como é o lugar bom para fazer roça?

Qual o preparo do agricultor(a) para o plantio?

Como conserva sua semente? qual está em falta ou reaparecendo?

Interferências na roça boa/ruim

Ver a formação da cidade de Itacajá... antes ou depois da demarcação das terras??

Quando nomades, o que caracterizava a alimentação, a busca por novos lugares? por vontade própria, empurrados sempre??

Assim que foi demarcada a terra como se caracterizou a agricultura?

Aspectos gerais da agricultura krahô (ler tcc sayonara e item 12 tese 02 melatti).

Apêndice 7.

Aprofundamento da pesquisa IV

Ver a formação da cidade de Itacajá... Antes ou depois da demarcação das terras??

Quando nomades, o que caracterizava a alimentação, a busca por novos lugares? Por vontade própria, empurrados sempre??

Assim que foi demarcada a terra como se caracterizou a agricultura?

Aspectos gerais da agricultura

Atualmente, o que predomina na alimentação do krahó? Quais os cultivos das roças familiares e o que predomina na alimentação dos krahô da aldeia Pedra Branca?

Hoje quantas aldeias? População total? Associação Kapey

Perda das sementes tradicionais

Busca das sementes.

Embrapa Cenargen

Projeto

Quintais

Atividades principais....geral

Especificidades krahô - geral

Língua

Estudar classes de idade....

Como se organizam

Hierarquia

Como é feita a seleção dos chefes? Pahis, cacique, representantes e qual sua função social?

Partidos(Wakmejê , Katamjê)

Pintura corporal do partido wakmejê e catamejê,

Pinturas e vestimentas em dias de festa, cerimônias, especiais... Batizado etc corte de cabelo tradicional(mostrar fotos).

Tem pintura especial para gênero?

Para o trabalho na roça tem pintura corporal?

Jejuns para os trabalhos na roça, quais cultivos exigem jejuns?

Colheita exige jejum? Idade? Gênero?

Quais enfeites os krahôs usam relativos a dias especiais, relacionados a idade?

Aldeia circular - locais homens, mulheres, atividades gênero

Representantes, prefeitos, caciques, pajés....

Religiosidade

Comportamento

Educação

Escolas

Atividades gerais /projetos/impactos/associações

Principais mitos, ritos, cantos, festas

Quais as principais festas relacionadas a agricultura?

Medicina/pajés

Entrar na aldeia pedra branca

Fundação ano

População

Dois círculos dividiu em duas, pesquisar???

Migrações para a aldeia, formação étnica da aldeia

Quantas casas, famílias

Atividades diárias

Quantas roças, tamanho das roças

Distância das roças das casas

Agricultores/as : nome , idade, partido...

Como fazem a roça etapas

Quais os cultivos das roças e a lógica de plantio para cada

Principais festas/mitos/ritos da aldeia pedra branca?

Interações ecológicas, lógica de plantio

Pesquisar interações ecológicas na agricultura, agrofloresta, solo... Compostagem

Que solo têm: areia, terra preta(floresta).

Quais os ataques a plantação sofre, bichos, insetos, homens... Abelhas interações

Qual o período de escassez de alimentos e o que fazem para suprir

Qual o período de abundância e como conservam as suas sementes para o próximo plantio, dificuldades(pesquisar bancos de sementes comunitários na lógica indígena).

Dificuldades, porque abandonam as roças, expectativas dos parceiros, ajuda...

Funai hoje, como trabalha junto ao krahô

Gestão ambiental do território, fogo, aceiro , mata, preservação

Sustentabilidade da aldeia - idéias do cacique miguelito, associação - vitor, professores, fernando funai.

Apêndice 8

Aprofundamento da pesquisa V

Alimentação Krahô

Cupá

O que os Krahôs mais antigos comiam? Alguma coisa se perdeu? Qual o hábito alimentar do krahô hoje?

O que o Krahô costuma manter na roça? Dá para a família toda se alimentar? O que o Krahô precisa comprar no mercado?

Estão utilizando as sementes tradicionais krahô, ou de outra fonte? Qual?

O que a Funai representa hoje para o indígena Krahô?

Qual a missão da Funai ?

Quais as políticas públicas são acessadas pelo povo Krahô? As que não são e porque?

Apêndice 9

Tabela feita para sintetizar alguns dados da pesquisa (sugestão de Terezinha A. B. Dias, Co orientadora.

Agricultor/a						
O que planta	Como Planta	Como é o lugar bom para fazer roça?	Qual o preparo do agricultor(a) para o plantio	Como conserva sua semente? Qual está em falta ou reaparecendo ?	Interferências na roça? Boas e ruins	O que compra no mercado
Fogo	Festas/ rituais	Alimento tradicional				



Hamré!